

MARIA HELENA ANDRÉS
CAPÍTULO 10 - ARTE, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO



Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora.

Está atualizado até outubro de 2023.

Os textos foram publicados nos blogs www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br
e www.mariahenaandres.blogspot.com.br

APRESENTAÇÃO

Este capítulo apresenta textos de reflexão teórica sobre educação pela arte e sobre a arte como instrumento para o desenvolvimento humano. Aborda o pensamento e práticas de outros artistas sobre educação pela arte. Descreve atividades de organizações da sociedade civil, centros culturais e educacionais que aplicam a arte como instrumento para a evolução humana e valorizam a arte estendida à vida. Trata de eventos ligados à promoção da arte.

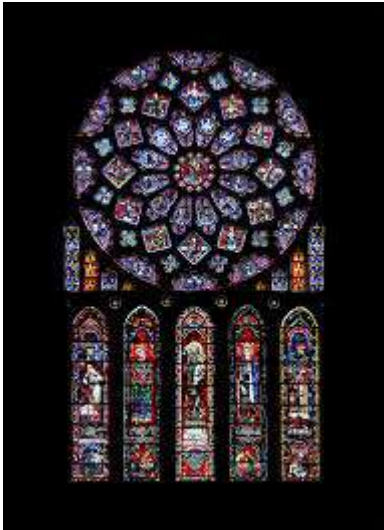
SUMÁRIO

1. ARTE E LIBERDADE	7
2. A ARTE COMO UM CAMINHO I	9
3. A ARTE COMO UM CAMINHO II	11
4. A ARTE COMO UM CAMINHO III	13
5. A ARTE COMO UM CAMINHO IV	15
6. EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA I	16
7. EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA II	18
8. EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA III	20
9. EMOÇÃO E TÉCNICA I	21
10. EMOÇÃO E TÉCNICA II	22
11. EMOÇÃO E TÉCNICA III	24
12. PINTURA MODERNA I	25
13. PINTURA MODERNA II	27
14. PINTURA MODERNA IV	29
15. PINTURA MODERNA V	31
16. PINTURA MODERNA VI	33
17. PINTURA MODERNA VII	34
18. PINTURA MODERNA VIII	36
19. PINTURA MODERNA IX	38
20. PINTURA MODERNA X	40
21. PINTURA MODERNA XI	42
22. PINTURA MODERNA XII	45
23. PINTURA MODERNA XIII	47
24. PINTURA MODERNA BRASILEIRA I	48
25. ARTE ANÔNIMA	50
26. FUNÇÃO DA ARTE NA SOCIEDADE	51
27. REFLEXÕES SOBRE ARTE E TRANSFORMAÇÃO DO SER HUMANO	53
28. REDESCOBERTA DO EU INTERIOR	55
29. KING, O ENTALHADOR	56
30. ARTE MODERNA, UMA REVOLUÇÃO NAS ARTES	59

31. ARTE COMO IDEIA CRIADORA	61
32. COMPOSIÇÃO E ORGANIZAÇÃO	62
33. O RITMO E SUA TEORIA I	65
34. O RITMO E SUA TEORIA II	67
35. ARTE E CRIATIVIDADE I	68
36. ARTE E CRIATIVIDADE II	70
37. ARTE E CRIATIVIDADE III	72
38. ARTE E EDUCAÇÃO I	73
39. ARTE E EDUCAÇÃO II	74
40. REEDUCAÇÃO ATRAVÉS DAS ARTES	76
41. ARTE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA	78
42. MULTICULTURALISMO E ARTE NA EDUCAÇÃO	80
43. ARTE E EDUCAÇÃO E O PENSAMENTO DE JOSEPH BEUYS	82
44. JOSEPH BEUYS II	83
45. CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA ESCOLA DE ARTE	85
46. AUGUSTO RODRIGUES E A ARTE NA EDUCAÇÃO I	87
47. AUGUSTO RODRIGUES E A ARTE NA EDUCAÇÃO II	89
48. FREDERICO MORAIS	91
49. SALÃO DO ENCONTRO	92
50. PORTO TROMBETAS, BRASIL, FRANÇA	94
51. UNIPAZ, 30 ANOS	96
52. CARTA À UNIPAZ	100
53. YOGA E ARTE I	103
54. YOGA E ARTE II	104
55. FOLIA DE REIS, SRI AUROBINDO E EDUCAÇÃO INTEGRAL	106
56. CENTRO DE KRISHNAMURTI EM TIRADENTES I	108
57. CENTRO DE KRISHNAMURTI EM TIRADENTES - II	111
58. FESTIVAL TIRADENTES EM CENA	113
59. JA.CA JARDIM CANADÁ, CENTRO DE ARTE E TECNOLOGIA	116
60. AVENIDA CANADÁ, CAMINHO DAS ARTES	118
61. JA.CA, UM ANO DE ATIVIDADES	120
62. JA.CA E OS NAVEGANTES	122

63. A NATUREZA MORA AO LADO	123
64. IV FORUM DAS AMÉRICAS	125
65. BIENAL UNIVERSITÁRIA DE ARTE	127

ARTE E LIBERDADE



Fotos: internet

Quadros não são feitos para combinar com tapetes e cortinas, nem para serem colocados como títulos na bolsa de valores do mercado de arte. A preocupação comercial leva o artista a concessões imperdoáveis, que fazem esquecer a razão de ser da arte como força vital de uma civilização, para colocá-la no plano de especulação comercial. O valor de um trabalho artístico, suas qualidades expressivas, não se limita a números e cifrões, mas alcança um lugar que lhes assegura realmente a permanência no tempo e a sua equiparação com as demais artes.

Assim como a música e a poesia, também o quadro que vemos numa exposição contém toda uma vida de lutas e experiências. Não se pode separar as inquietações da alma humana, seus momentos de sofrimento ou alegria, de violência ou de paz, de revolta ou de submissão daquela

forma que espontânea e diretamente lhe sai das mãos.

A arte é a mais pura manifestação da liberdade, hoje tão limitada na mecanicidade do mundo moderno. Toda e qualquer forma de imposição, ao atingir o domínio da arte, impede-lhe o progresso e a conduz à mediocridade.

O sentido de liberdade é expresso com grande veemência por meio da arte, porque ela se fundamenta e nasce num clima no qual a opressão não tem lugar.

Pode-se proibir o homem de falar, mas nunca de sentir. A arte é a expressão do sentimento humano, desse sentimento tantas vezes bloqueado por slogans e rótulos, mas que desperta quando se desenvolve a capacidade de inventar, de renovar, de contatar a essência do próprio Ser. O verdadeiro humanismo brota das mãos dos artistas e da alma dos poetas, dos cineastas, dos escritores, dos músicos, que proclamam espontaneamente a compreensão entre os povos.

O humanismo autêntico tem suas raízes no sentimento, e não na razão.

O sentimento religioso está expresso nos trabalhos do escultor anônimo de Chartres, na serenidade dos budas, na música de Bach, nas telas de El Greco e de Rembrandt. Sentimentos de revolta levaram Goya a se expressar de modo violento, rompendo o cerco da Inquisição. Sentimentos de lirismo e poesia levaram Guignard a se expressar com a pureza das crianças, no encantamento mágico de suas noites de São João. A arte é a expressão mais direta do sentimento humano que não se fecha em si mesmo, mas se irradia e participa da realidade do mundo. Esse sentimento só pode manifestar-se quando não existe imposição externa, quando o passado estético é esquecido em benefício da vivência do presente. A experiência do passado que gerou determinada ideia não pode ser vivida repetidas vezes. O passado é memória, e a criatividade está sempre no presente.

A preocupação do artista em repetir o êxito conduz à estagnação e à ausência do sentimento em arte. Sentimentos não se repetem com facilidade.

Pertencem a um momento único, a um clima no qual se unem fatores, objetivos e subjetivos, a um instante que pertence não somente ao artista, mas ao momento histórico em que ele vive. Tal instante, vivido espontaneamente, criará determinada forma, testemunha de um momento de vida. . (Trecho do livro “Os Caminhos da Arte”, editora C/ARTE, 2015)

21 de março de 2016

A ARTE COMO UM CAMINHO I



Fotos: internet

Desde os tempos primitivos até os dias de hoje, a arte tem contribuído para o trabalho de conscientização, acelerado nos tempos modernos, quando o homem cada vez mais procura se assumir e se conhecer para atuar consciente e livremente no mundo.

A arte do passado, guardada em museus ou preservada nos monumentos públicos, mostra-nos a história do mundo em suas buscas e inquietações. A luta do homem para sobreviver, transformar-se e evoluir é revelada em suas obras de arte.

Observamos nos museus a força e a agressividade dos cavaleiros da Idade Média, escondidos por detrás das armaduras de ferro, e também a ternura das madonas medievais esculpidas por artistas anônimos.

Ação e contemplação, agressividade, lirismo, guerra e paz, violência e compaixão nos são revelados em cada objeto de arte. Há contrastes e semelhanças entre os diversos períodos da história. A semiobscuridade das catacumbas revela-nos a grandeza espiritual dos primeiros cristãos, seu desapego e coragem para enfrentar o martírio. A propagação do Cristianismo no Ocidente está gravada nos muros de pedras das catacumbas, nas inscrições dos mártires, nos campanários de

Assis, na monumentalidade das catedrais góticas. A arte cristã percorreu períodos históricos, atravessou os mares e nos trouxe o Barroco como legado artístico.

Recordamos Sócrates e Platão, na brancura do mármore grego, revivemos a civilização dos mitos e deuses, do culto ao homem em seus aspectos físico e intelectual. Acompanhamos a influência da Grécia sobre o Ocidente, percorrendo o caminho do pensamento, da filosofia e da arte, para alcançar a época moderna, transfigurada e recriada nos desenhos e gravuras de Picasso.

À luz de novas ideias, o antigo transforma-se no moderno. Oriente e Ocidente encontram-se e interpenetram-se. Culturas diversas se unificam. Contemplando a serenidade do Buda, encontramos outra forma de espiritualidade, baseada no silêncio e no encontro do homem consigo mesmo. A mesma atitude contemplativa estende-se pelos jardins e parques, percorre os interiores despojados e reflete-se na transparência da pintura do Extremo Oriente.

A arte, em toda a sua história, revelou o homem como um ser voltado para as coisas do eterno. Antigamente, a arte ligava-se à religião ou à magia. O artista empenhava-se na realização de uma forma que se destinaria ao culto, motivado por uma realidade espiritual. Movia-lhe o impulso desinteressado, o desejo de superar o cotidiano. Sua necessidade criadora era dirigida para a conquista das forças da natureza ou para a tentativa de desvendar o mistério da vida. De olhos voltados para as estrelas, indagava. Sua arte revestia-se de um caráter místico, concentrado no sentimento universal e eterno.

A identificação do artista ou artesão com esse sentimento universal produziu, desde épocas remotas, obras de arte que permanecem no tempo, com a vitalidade do momento criador. Sentimos essa energia espiritual na arte dos povos primitivos, nas esculturas egípcias, na arte pré-colombiana, na arte cristã e na oriental. O gesto do artesão anônimo esculpindo a pedra ou trabalhando a madeira era cheio de temor e respeito diante do invisível. Sintonizando o movimento da mão com o movimento da alma, o artista ou artesão integrava-se ao universo, associando a criatividade ao impulso místico. Sua arte expressava o individual e a profundidade do sentimento universal. (recorte do livro “os Caminhos da Arte”, editora C/Arte, 3º Edição, 2015)

22 de fevereiro de 2016

A ARTE COMO UM CAMINHO II



Fotos: internet

Acompanhando a evolução da arte ao longo da história, podemos ver a importância da espiritualidade estimulando a criação artística, desde as mais remotas civilizações.

A arte em sua origem foi magia, um auxílio mágico à dominação de um mundo inexplorado. A religião, a ciência e a arte eram combinadas, fundidas em uma forma primitiva de magia, na qual existiam em estado latente, em germe. Esse papel mágico da arte foi progressivamente cedendo lugar ao papel de clarificação das relações sociais, de iluminação dos homens em sociedades que se tornavam opacas, ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social.

A arte vem se manifestando desde épocas primitivas como porta-voz da sociedade e linguagem transformadora do meio ambiente. Por meio de símbolos os homens se comunicaram, inventaram a escrita, transmitiram sentimentos. Testemunharam sua indagação diante do universo. Criaram objetos de culto, edificaram templos, esculpiram santos. Havia a necessidade de comunicar sentimentos de fé e de esperança num mundo melhor. Modelando a argila ou esculpindo a pedra, escolhendo cores e formas, o artista se enriquecia interiormente.

Procurando a ordem, o ritmo e a harmonia, ele se harmonizava também consigo mesmo, com a natureza e a sociedade, integrando-se ao seu meio.

Na antiga China, o artista só começava a pintar depois que se espiritualizava através de longos anos de meditação. Somente assim, poderia refletir em sua obra as realidades eternas. De acordo com a sabedoria egípcia, os quatro ângulos da pirâmide de Quéops simbolizam as quatro principais vias de aperfeiçoamento humano: arte, ciência, religião e filosofia. A arte, portanto, nas antigas civilizações, era um caminho espiritual, uma via de aperfeiçoamento.

Com o advento do Cristianismo no Ocidente, a arte apareceu como companheira inseparável do espírito cristão, desde as primeiras manifestações de arte pobre nas catacumbas até o apogeu da Idade Média e da Renascença.

Associou-se ao espírito do Barroco, penetrou na arte popular, enriquecendo e testemunhando o sentimento religioso de cada época.

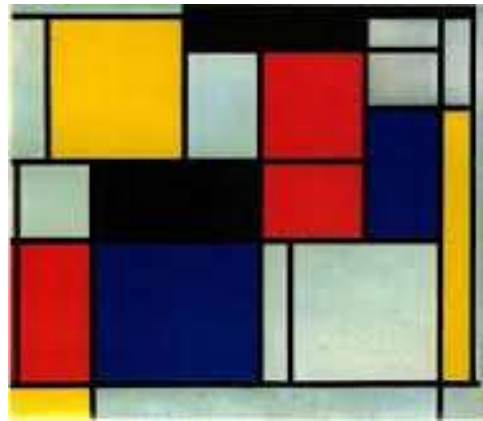
Quando a arte se desligou dos valores espirituais para ser considerada elemento decorativo, quando se tornou um objeto de consumo da alta burguesia, houve uma quebra na unidade homem-artista. Já não havia a totalidade do homem refletida em sua obra, motivada por um sentimento espiritual. O artista, dissociando a ação do sentimento, conformava-se em reproduzir fórmulas clássicas ou renascentistas, embora elas já não representassem as aspirações de seu tempo. Criaram-se as academias de Belas Artes.

Contra esse tipo de arte, cuja finalidade era decorar salões, revoltaram-se os primeiros pintores modernos. Courbet, recusando a Cruz da Legião de Honra que lhe fora conferida, declara guerra à arte oficial acadêmica. Inspira-se, com vigoroso naturalismo, nos camponeses e trabalhadores. Recusa-se a aceitar moldes impostos, temas repetidos. O exemplo de Courbet motivou os impressionistas.

Estes queriam trabalhar com autenticidade, protestando contra as imposições estéticas do Academismo. Voltaram-se para a natureza, trabalhando em plena luz solar. Buscavam captar o instantâneo. Não se preocupavam em criar quadros agradáveis à vista, mas obras sinceras. Libertaram cor, forma, composição e espaço tradicionais, procurando comunicar vivências momentâneas da realidade exterior. (trecho do livro “Os Caminhos da Arte”, editora C/ARTE, 2015)

1º de março de 2016

A ARTE COMO UM CAMINHO III



Fotos: internet

A revolta dos artistas modernos iniciada na França em fins do século XIX foi a tomada de consciência da crise de autenticidade na arte. A arte moderna, com todos os seus ismos e correntes estéticas, trouxe em sua essência o não conformismo.

A história da arte moderna é a história da libertação da criatividade, escondida e bloqueada pelas convenções.

De modo geral, podemos sentir, nas correntes artísticas que se estenderam pelo mundo desde o século XIX, uma inquietação constante, que trouxe em seu contexto a desmassificação e a abertura espiritual. Se algumas correntes artísticas denunciaram a sociedade e a violência, outras propuseram a busca interior, revolvendo as camadas do inconsciente.

O Expressionismo, dando livre curso às emoções, desligou-se completamente do sentido de beleza tradicional, para fazer pulsar de forma direta o mundo subterrâneo de emoções e sentimentos. A pintura torturada de Van Gogh, as deformações de Soutine e Kirchner dão ênfase ao sentimento do artista. O Dadaísmo foi um movimento de contestação e quebra de condicionamentos, que propunha uma atitude de questionamento da sociedade, das guerras, da razão e do próprio conceito de arte. Enfatizou pela primeira vez a ideia de antiarte, isto é, a negação da estética tradicional imposta por uma elite intelectual.

O *ready-made*, criado por Marcel Duchamp, tornou-se o símbolo da antiarte. Duchamp, ao explorar as contradições da arte tradicional, procurou dar um sentido simbólico aos objetos do uso cotidiano, até então desprovidos de qualquer conotação estética. O Surrealismo, influenciado pela psicanálise, investigou os sonhos e procurou interpretar e explorar os símbolos do inconsciente. Paul Klee, um dos pioneiros dessa corrente artística, inspirou-se na arte das crianças e dos loucos. Seus quadros trazem à tona a realidade do imaginário, do fantástico. O Abstracionismo intensificou o encontro do Oriente com o Ocidente. Um encontro de inspiração e de atitude diante da vida.

Já em 1912, Wassili Kandinsky, nascido na Sibéria, criou o primeiro quadro abstrato, completamente desligado da realidade visível. Em seu livro *De lo Espiritual en el Arte*, Kandinsky propõe aos artistas ultrapassar conceitos e fórmulas para alcançar, por meio da arte, a realidade espiritual do homem. A pintura de Kandinsky desprende-se por completo da terra como ponto de referência. Projetou-se no cosmo.

O Suprematismo depurou a forma, elevando-a a um plano superior de contemplação estética. As esculturas de Brancusi e as telas de Mondrian comovem pela simplicidade e espiritualidade. Por meio do despojamento dos elementos perceptíveis, os artistas não figurativos buscaram o significado do eterno. Malevitch tentou atingir a Realidade Suprema, a essência da forma. Seu último quadro, Branco sobre Branco, é um despojamento completo do supérfluo. . (Trecho do livro “Os Caminhos da Arte”, editora C/ARTE, 2015)

7 de março de 2016

A ARTE COMO UM CAMINHO IV



Fotos: arquivo e internet

O século XX, com sua dinâmica de transformações, levou artistas e críticos a protestar contra os erros e injustiças da sociedade industrial, contra as guerras e o consumismo. As propostas de Marcel Duchamp no princípio do século inspiraram os happenings, as instalações, as performances e a Arte Conceitual. Andy Warhol enfatizou os objetos do cotidiano, dando origem a experiências que se repetiram nos anos 1990.

As artes, quebrando os limites da dualidade, começaram a caminhar no sentido de maior integração. As artes plásticas ligaram-se ao teatro, à dança e à música, aliaram-se à educação e à terapia, libertaram a alegria de viver. Consciente ou inconscientemente, os artistas quebraram

condicionamentos, romperam estruturas arcaicas, procurando viver a intensidade do momento presente e trazer à tona a beleza do dia a dia.

No final do milênio, a arte buscou a sua desmaterialização. Artistas plásticos e fotógrafos, usando a tecnologia como meio, ampliaram suas possibilidades criativas com o auxílio de computadores e vídeos. A arte virtual foi também uma conquista do século.

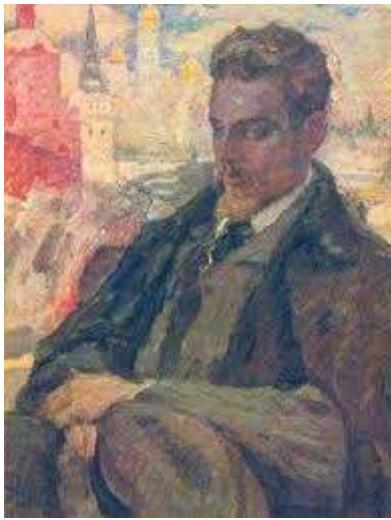
No decorrer do século XX, a arte-educação e a Arteterapia ampliaram seu campo de ação para as favelas, asilos, presídios e empresas. A energia da criatividade passou a ser usada como meio de libertação psicológica, como catarse e registro do inconsciente, despertando e realizando sua missão de paz, num mundo conturbado por violência e guerras. Grupos holísticos usaram o teatro, a dança, a música e as artes plásticas para quebrar a dualidade entre os seres humanos e despertá-los para um novo comportamento, mais consciente e solidário.

A visão do mundo como um todo começou a se manifestar por meio da criação artística. Artistas ocidentais resgataram símbolos de antigas civilizações. A previsão de Jean Cassou, um grande crítico de arte europeu, de que a arte seria, na segunda metade do século, qualquer coisa inteiramente diferente do que pôde ser para o homem nas diversas etapas da história está se concretizando. Estamos realmente assistindo a um grande trabalho de recriação do ser humano por meio do seu potencial criador, a um processo de transformação que engloba o mundo todo em seu contexto, como se o Grande Artista modelasse novamente o novo Adão.

No século XXI, a arte, transcendendo o caos, redescobrirá o caminho do cosmo. (Trecho do livro “Os Caminhos da Arte”, editora C/ARTE, 2015)

15 de março de 2016

EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA I



Fotos da internet

Sobre a experiência artística, temos uma página admirável do grande poeta que foi Rainer Maria Rilke: "Versos não são, como tanta gente imagina, simplesmente sentimentos - são experiências: é preciso ver muitas cidades, homens e coisas, conhecer o voo dos pássaros e o gesto das flores, quando se abrem pela manhã; voltar em pensamento aos caminhos das regiões desconhecidas, aos encontros inesperados, às separações já de longe previstas, às doenças da infância carregadas de profundas e graves transformações, aos dias fechados ou de sol, às manhãs de vento ao mar, às noites de travessia e de fuga. E tudo isto não basta. É preciso, também, as memórias das vivências passadas e mesmo estas não bastam. Pois é preciso também saber esquecer-las, quando são muitas, e ter-se a imensa paciência de esperar que voltem novamente. E, quando

então tudo tiver retornado dentro de nós, como o sangue, a brilhar e a gesticular sem se distinguir de nós mesmos, só então pode acontecer que, na hora rara, a primeira palavra de um poema se levante no meio daquelas experiências e delas prossiga."

A descrição do processo poético, de Rilke, pode aplicar-se a qualquer outra arte.

Consideremos o artista plástico diante de sua tela ou da folha de papel em branco.

Ao escolher uma cor ou preferir uma linha, o artista revela ao mundo parte de sua vida. Alguma coisa que lhe pertencia, exclusivamente, se faz partilhar naquela forma nova, criada por ele.

São suas paixões, seus dramas. São suas primeiras impressões de infância, o despertar para o mundo, as inquietações da adolescência, os sonhos e arrebatamentos da mocidade, a plenitude da idade madura. É a alegria do primeiro filho que nasce, as noites de vigília à beira do berço, a capacidade humana e natural de poder dar-se a alguém.

A arte não é incompatível com as coisas simples da vida. E, para ser artista, não é preciso viver de um modo extravagante e original. Não é preciso vestir-se excêntrica e andar pelas ruas de madrugada em rodas boêmias, embora a arte não exclua qualquer experiência.

A vivência artística é a realidade de uma vida interior intensamente vivida, onde os acontecimentos grandes e pequenos, originais ou rotineiros, tem um valor eterno.

É indispensável que este mundo interior exista, para que haja criação autêntica. É indispensável que exista esta integração perfeita das experiências com a vida do artista. Que elas façam parte do seu sangue, como diz Rilke, para que mais tarde frutifiquem como obra de arte. A mão que traça uma linha e mistura uma cor não estará praticando um gesto vazio de sentido, mas realizando o que sua experiência exigiu de um modo particular e sincero.

A escolha das cores e formas é espontânea e identifica cada artista, traduzindo sua personalidade.

É inútil tentar forçar determinado artista a abandonar os seus meios honestos, sinceros, de expressão, por outros mais avançados, mas não correspondentes, exatamente, ao seu temperamento e às suas exigências. Uma forma nasce da contemplação de outra forma, da identificação de sensibilidades e esta identificação tanto pode ter raízes populares quanto intelectuais. (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", Editora Agir, 1966, já esgotado)

22 de agosto de 2016

EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA II



Foto de Maurício Andrés

Se a visão de todo artista é irreduzível à visão comum, se ele não pode fugir à sua época ou a seu tempo, tem, no entanto, a liberdade de escolha nos múltiplos caminhos a seguir.

A influência tem de vir de dentro, tem de ser espontânea, nunca imposta por uma circunstância do momento. Se por uma questão de ordem prática, para alcançar maior sucesso, o artista se abstém de criar o que sente, deformando a expansão de sua personalidade, para copiar, friamente, a experiência de outro, sua obra será falsa, inautêntica. Razão pela qual Rilke convida o artista à solidão, desprezando o que vem de fora. Aconselha-o a sondar se os alicerces de sua arte se constituem, realmente, de uma necessidade.

Escreve ele em *Cartas a um Jovem Poeta*: "Observe se esta necessidade tem raízes nas profundezas do seu coração. Confesse à sua alma: 'Morreria se não me fosse permitido escrever? Isto, principalmente. Na hora mais tranquila da noite, faça a si esta pergunta: 'Sou de fato obrigado a escrever?' "

Devemos considerar esses conselhos de Rilke como uma eliminatória para o artista. É um ser ou não ser, onde mediocridade, amadorismo e passatempo não têm entrada. Muito menos o mito do sucesso, dos aplausos fáceis.

Talvez o povo se engane quanto a essa exigência da alma do artista, essa sede de se expressar mesmo sabendo que será criticado depois, de criar sozinho, sem esperar compreensão e prêmios, apenas para satisfazer ao seu desejo de absoluto, de infinito.

A arte é o transbordamento deste apelo interior e não, como pensam muitos, um passatempo que se pode abandonar por tarefas mais úteis. O mundo materializado e aprisionado à técnica não compreende senão o que tem recompensa imediata. Para ele, o artista é um extravagante, um louco. E é justamente realizando as coisas inúteis aos olhos do mundo que o homem se eleva e se aproxima de Deus, em toda a sua grandeza. As investigações filosóficas, a arte e a religião não têm sentido

utilitarista. Procuram o engrandecimento do homem e a sua integração mais perfeita no universo a que pertence. (Trecho do meu livro “Vivência e Arte”, Editora Agir, 1966, já esgotado)

30 de agosto de 2016

EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA III



Compara-se o artista ao místico. Tanto um quanto o outro voltam-se para o infinito, buscando alguma coisa mais que as simples tarefas utilitárias. O místico, no plano sobrenatural, e o artista, no plano natural, estão ligados por uma semelhança que se traduz na ascese, na busca do espiritual. Um procura a vida espiritual, o outro a ideia criadora, mas ambos transcendem o mundo com suas limitações e incertezas. Ambos se inclinam à vida interior, tentando sondar a profundidade de sua própria alma, onde se encontram as verdadeiras riquezas.

Mas a maioria dos homens não sente necessidade do místico nem do artista. Vivemos numa civilização baseada na indústria, aprisionada à máquina, onde os valores espirituais são relegados a segundo plano. Tudo na nossa vida moderna contribui para subestimar os valores espirituais, tudo impede que o homem entre em si mesmo, penetrando no mistério de sua alma.

E os próprios artistas, às vezes, apressados e envolvidos na engrenagem do século, preferem abdicar de sua fonte criadora para procurar algo que os ponha em evidência com maior facilidade. O sucesso é um dos grandes mitos de nosso tempo, mas nem sempre é o caminho mais seguro para o aperfeiçoamento consciente. O progresso em arte vem do sofrimento e da conquista diária, do constante apelo a ultrapassar-se a si mesmo, a renovar-se.

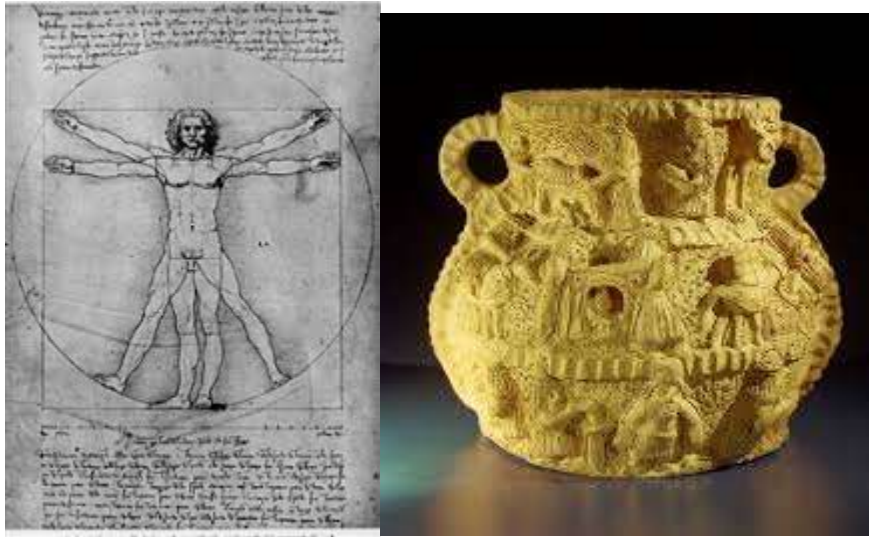
Sem esta inquietação, esta sede de acrescentar alguma coisa a mais ao que já foi feito não poderia haver progresso artístico.

"Por isso a única saída para o artista é não se deixar petrificar em ídolo. É nunca repetir a obra aplaudida, nunca lisonjear o gosto de seus leitores. Em vez de ser dirigido, dirigir. Dar poemas ao público quando ele pede romances, e romances quando ele pede poemas." Estas palavras de Miguel Torga em seu *Diário* lembrando a independência absoluta que o escritor deveria ter em relação ao público poderão se adaptar ao artista plástico.

Os admiradores e os aplausos não significam tanto na obra, o importante é continuar, seguir para a frente, apesar dos sucessos, das vitórias conquistadas. . (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", Editora Agir, 1966, já esgotado)

5 de setembro de 2016

EMOÇÃO E TÉCNICA I



Fotos da internet

A técnica deve ser posta no seu devido lugar, como uma subordinada da emoção criadora. Ela é importante, na medida em que orienta o artista no sentido de um aperfeiçoamento cada vez maior de seus meios de expressão. Auxilia-o a ser mais preciso e exato na realização de sua obra, orientando-o com os conhecimentos recebidos através de experiências alheias. É como que a gramática da pintura. A gramática corrige e aperfeiçoa a frase que foi concebida de uma ideia. As teorias também, em se tratando de artes plásticas, têm o mesmo papel. Vêm corrigir a ideia criadora do artista, às vezes imprecisa e confusa, dando-lhe uma forma clara e harmoniosa.

Braque dizia: "Eu amo a regra que corrige a emoção".

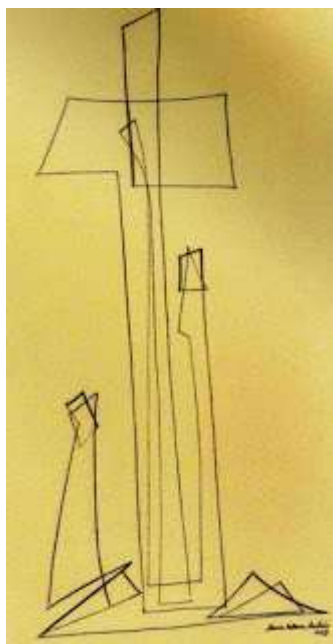
Mas não se dispensa a emoção em favor da regra. Não se ensina alguém a ser artista ditando-lhe processos teóricos, assim como não se ensina alguém a ser poeta, ditando-lhe regras gramaticais.

É preciso ser visionário e disciplinado ao mesmo tempo, buscar a fonte da arte no espiritual e depois trazê-la à realidade, com o auxílio dos conhecimentos recebidos.

Embora as teorias tenham o seu papel no desenvolvimento do artista, pode-se, no entanto, ser bom pintor sem essa preocupação, pode-se ser apenas um artista intuitivo e ingênuo, progredindo à custa da própria experiência. Pode-se criar, como cantam os pássaros, sem regras e preceitos vindos de fora, apenas levado pela alegria de fazer surgir no mundo novas formas. Depende da cultura, das tendências e do meio em que o artista vive. Se ele for realmente artista, sua intuição o levará a um progresso espontâneo, baseado na experiência própria, sem o conhecimento das experiências alheias. Existindo a emoção criadora, existe arte. O que se não pode é pré-fabricar um artista. É ditar leis e teorias, esperando que destas leis nasça uma obra de arte. (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", editora Agir, 1967)

3 de outubro de 2017

EMOÇÃO E TÉCNICA II



Fotos de arquivo

O ensino das artes plásticas é individual, seguindo as possibilidades de cada artista em particular. O aluno, quando realmente tem talento, sempre acha os seus meios de expressão, e, às vezes, surpreende o mestre com suas descobertas.

Apenas orientado no momento preciso, ele poderá progredir de um modo mais autêntico do que recebendo, cegamente, as ordens exteriores.

A vivência artística se enriquece muito mais com a própria experiência e as próprias descobertas, do que com a preocupação exagerada de consultar os tratados de técnica e de

matemática, à procura da maneira exata e correta de se fazer pintura.

A pintura é fruto de trabalho, de sofrimento e de abnegação. Neste clima de pesquisa, a emoção não surge desordenada e inconsciente, como na criança.

Ela é corrigida e aperfeiçoada pela técnica, e ordenada pela experiência do artista, no sentido de um progresso sereno e ininterrupto.

A experiência, naturalmente, controla a emoção e o artista já amadurecido conseguirá a fusão da disciplina com a liberdade, que é o clima essencial para a criação ao mesmo tempo espontânea e consciente.

Ele deve saber ser fiel a si próprio, respondendo ao seu impulso interior com a máxima sinceridade, sem deixar que nisto intervenha nenhum interesse externo.

Suas emoções não podem ser antecipadamente programadas num itinerário. Delineia-se este com o tempo, olhando para trás, depois de trilhado o caminho. Nunca premeditado intelectualmente. A evolução normal de um artista não significa uma ruptura com o passado, mas sua continuidade. Às vezes, mais tarde, uma das fases anteriores é revivida, para se enriquecer de soluções novas. Fiel ao impulso nascido espontaneamente, dentro de sua alma, o artista se volta com entusiasmo para o trabalho, renovando técnicas, renovando formas, porém fazendo viver dentro delas o seu espírito, o seu modo pessoal de sentir as coisas. (Trecho do meu livro “Vivência e Arte”, editora Agir, 1967)

Atualmente, 50 anos depois da publicação deste texto, estou fazendo uma releitura da minha fase construtivista. Meus desenhos de via sacra da década de 50, com a utilização do computador, se transformaram em esculturas.

10 de outubro de 2017

EMOÇÃO E TÉCNICA III



*Fotos de arquivo

O desenvolvimento da arte é feito através do trabalho, não de palavras.

Seu destino é dirigido por força desconhecida e impossível de ser dominada. Obedecendo unicamente à lei dessa necessidade interior, o artista procurará aprofundar esta verdade nova que surge. Um trabalho contínuo e ininterrupto há de gerar sempre uma ideia também logicamente contínua, sem grandes saltos.

Uma fase nasce de outra como uma cascata, ligando-se à fase inicial por mudanças transitórias que determinam o início de uma transformação. Às vezes, é a necessidade de um material novo, ou da ausência de cor. É a necessidade de papel branco e da linha apenas como veículo de expressão.

Um dia a cor voltará a ser explorada e sentida, e neste dia o desenho já não será mais necessário. As fases de um artista são espontâneas, não vêm de encomenda. Independem de leis externas e nunca poderão ser medidas, calculadas. Sua duração é a própria duração de um clima interior. A paisagem do artista é uma paisagem imaginária, sem relação com a paisagem real vista por todos. A mesma paisagem poderá inspirar tanto uma cidade, quanto uma esquadra no mar, dependendo da ocasião em que foi vista. Uma forma, uma linha, servirão apenas de pretexto para se achar aquela

forma e aquela linha que sempre se desejou obter.

Um mesmo grupo de nuvens poderá sugerir anjos, animais, demônios, ou simplesmente formas abstratas, dependendo da fase que o artista atravessa no momento. Naturalmente, quando esgotada uma fase, nascerá outra por uma natural e espontânea necessidade de renovação.

O caminho da arte é longo, tem suas surpresas, seus imprevistos, revelando a cada passo a alvorada de uma nova ideia. (Trecho do meu livro “Vivência e Arte”, editora Agir, 1967)

23 de outubro de 2017

PINTURA MODERNA I



Fotos da internet

A França desde o século XIX tornou-se o principal centro das artes. Seria justo portanto lembrar que a maioria dos movimentos artísticos teve início em Paris e ali se desenvolveu.

Contra a arte decadente e imitativa da academia, começaram a germinar em França as primeiras ideias revolucionárias. Daí surgiu o movimento moderno de renovação. A arte passou, novamente, a ser vivida pelos artistas como fonte de criação pura, e não imitação da natureza. Como pesquisa, e não submissão. Como experiência pessoal, e não cópia servil. Não falo aqui, especialmente, da arte abstrata, mas da abstração na obra de arte, qualidade essencial,

indispensável, para haver criação autêntica.

O artista pode partir do modelo, mas depois transforma linhas, muda cores e cai na abstração. O que a arte moderna fez foi, justamente, recapitular estas verdades, esquecidas pelo academismo. A revolução moderna foi um despertar do sono e do espírito de acomodação, dominante até o princípio do século XIX, para redescobrir valores e concepções eternas da verdadeira arte.

Como nos diz Flávio de Aquino, "inventar foi o grande feito do nosso século, em todos os terrenos do conhecimento humano." Inventar, também, foi a maior realidade da arte contemporânea, acompanhando o progresso científico do século XX.

Com a inquietação dos artistas modernos, ávidos de liberdade, mundos desconhecidos foram revelados e a arte passou a ser a expressão de sentimentos puros, transfigurados pela personalidade dos autores.

Segundo Pe. Collet, "a arte é a impressão digital duma civilização. Transmite, de certo modo, aos séculos seguintes, o testemunho vivo do melhor e do pior da época, e antecipa também o futuro, pois o artista, mesmo inconscientemente, recebeu o dom da profecia."

Não são as telas de Chagall, cheias de um surrealismo lírico, como que uma visão antecipada dos acontecimentos mais recentes, que movimentaram o mundo, como sejam a conquista dos espaços interplanetários? (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", editora Agir, 1966)

30 de outubro de 2017

PINTURA MODERNA II





Fotos da internet

Vivemos no século da máquina, da indústria, as descobertas científicas tentando dominar as forças do espírito, pela própria força da matéria. Esta preponderância da matéria sobre o espírito marcou pela violência quase toda a arte do nosso tempo.

O século em que se inventaram os campos de concentração, que deu origem a duas guerras implacáveis, em que se descobriu a força destruidora da energia atômica, que usou do progresso material contra todos os direitos da pessoa humana, não mereceu outra ilustração a não ser a Guernica de Picasso.

Mas o homem, que testemunha e sofre a sua própria mecanização, não tem a humildade necessária para reconhecer a verdade da pintura que retrata o seu século.

Estes 90 anos de pintura moderna foram 90 anos de experiência, de independência e liberdade.

Esta sede de criar, de experimentar, de destruir tudo o que ficou para trás, é uma marca do desassossego e da inquietação da civilização moderna, cheia de IDEIAS contraditórias.

Neste clima de liberdade, os verdadeiros artistas tiveram ocasião de se manifestar e dar sua valiosa contribuição à arte. (trecho do meu livro “vivência e arte”, editora agir, 1966)

7 de novembro de 2017

PINTURA MODERNA III





*Fotos da internet

Dando continuidade ao meu estudo sobre “Pintura Moderna”, já publicado em 2 postagens, transcrevo abaixo trecho do meu livro “Vivência e Arte “publicado pela Agir Editora em 1966.

Foi na primavera de 1874 que jovens pintores, hoje considerados mestres, tais como Renoir, Monet, Pissarro, Sisley, Degas, Cezanne, inauguraram em Paris a primeira exposição de arte moderna. A denominação "impressionistas", dada pejorativamente ao grupo por um crítico mais exaltado, foi adotada.

Segundo John Rewald, "apesar de seus esforços chocarem seus contemporâneos, eles foram, de fato, a verdadeira continuação dos trabalhos e teorias de seus predecessores."

Os impressionistas nos deram uma visão luminosa da natureza. Levavam as telas para o ar livre, procurando fixar as constantes transformações de cores e luzes que se operam à superfície das coisas.

Claude Monet, um dos mais conhecidos impressionistas, pintou em diferentes horas do dia a Catedral de Rouen, tirando dela visões completamente diversas.

Segundo Carlos Cavalcanti, "no culto extremado da luminosidade solar e no desejo de transmitir as sensações de fugacidade dos efeitos coloridos e luminosos, os impressionistas acabavam representando os seres e as coisas como simples e puras vibrações de luz e cor. A matéria perdia suas características de estrutura, solidez, forma e peso, para dissolver-se, diafanizando-se feericamente, às vezes, em verdadeiras névoas irisadas."

Cezanne procurou reagir a esta destruição da forma dos objetos. Supera, assim, a sensação visual imediata, substituindo-a por um conceito, uma ideia permanente e eterna da natureza. Queria fazer uma arte construída, estruturada, digna dos museus, e não um espetáculo fugidio de

luminosidade e cor. Para ele, o mundo físico era o símbolo do mundo espiritual e as descobertas de seus antecessores foram aproveitadas e aperfeiçoadas no sentido da forma, de uma composição equilibrada racionalmente. (Trecho do meu livro “Vivência e Arte”, editora Agir, 1966)

20 de março de 2018

PINTURA MODERNA IV



*Fotos da internet

Sob o impulso dos artistas realmente criadores, tais como Van Gogh, Gauguin e Cezanne, as primeiras descobertas dos impressionistas sofreram transformações que iriam levá-las a novas pesquisas e tendências.

Lançaram as primeiras sementes do expressionismo, fovismo e cubismo.

O caminho da arte moderna estava aberto.

Os expressionistas herdeiros de Van Gogh e do norueguês Edward Munch interpretavam a natureza à base de sentimentos e não de sensações visuais, como fizeram seus antecessores, os impressionistas. Procuravam trazer à tona uma realidade mais profunda e autêntica, escondida no mistério da personalidade humana.

O expressionismo surgiu no começo do século e teve sua expansão máxima na Alemanha, vencida e humilhada pela Primeira Grande Guerra. Ali se desenvolveu tanto nas artes plásticas como na música, na literatura, no cinema e no teatro. Para esse clima de expansão expressionista vários fatores contribuíram inclusive a filosofia do super-homem de Nietzsche, a psicanálise de Freud e o misticismo existencialista de Kierkegaard. O conceito do belo expressivo foi levado às suas últimas consequências e a arte negra e a dos povos primitivos tomadas como exemplo de criação livre e espontânea.

O mundo das vivências íntimas ganhou com o expressionismo, proclamando através da arte uma realidade até então desconhecida.

Ao contrário dos impressionistas, que tinham uma visão bastante otimista e lírica do exterior, os expressionistas, justamente por não se preocuparem em reproduzir cenas, mas sentimentos profundos, eram trágicos e violentos deformadores da figura.

Segundo Carlos Cavalcanti, "a deformação é a excessiva intervenção do sentimento na imagem, para ajustá-la às necessidades de expressão do artista. Torna-se, portanto, a característica mais geral da pintura expressionista."

O expressionista, traduzindo em seus quadros um momento de tensão emocional, não poderia prender-se a problemas de ordem intelectual ou princípios tradicionais de estética. Afastava-se às vezes por completo da natureza na busca veemente de uma expressão subjetiva.

Essa corrente marcou violentamente o destino de grandes artistas e tem se renovado sob aspectos diferentes através do tempo. (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", editora Agir, 1966)

27 de março de 2018

PINTURA MODERNA V



Fotos da internet

Voltemos ao princípio do século e iremos encontrar na França outra corrente artística, nascida das experiências de Van Gogh e Gauguin.

Tendo como criadores mais expressivos os artistas Vlaminck e Matisse, os fovistas inauguraram suas inovações no Salão de Outono em 1905.

Escandalizaram o público e os críticos com suas obras excessivamente coloridas e foram considerados como "fauves", isto é, "feras". Daí a denominação fovismo.

Segundo Carlos Cavalcanti, "eles queriam realizar o absoluto no acordo dos tons puros, sem

os meios-tons acadêmicos nem a análise dos impressionistas."

Os fovistas traduziam em suas telas de colorido intenso, quase selvagem, sensações instintivas e imediatas, e não sentimentos profundos e dramáticos como os expressionistas. Sofreram grande influência das artes populares e primitivas, delas herdando o elementarismo da forma e da cor.

Os cubistas, aproveitando a simplificação da forma, iniciada por Cezanne, analisaram-na e decompuseram-na como os impressionistas haviam feito com a cor.

O quadro era construído sobre um plano arquitetônico, as figuras rebatidas segundo os princípios da geometria descritiva. Foi o primeiro passo para o abstracionismo.

O cubismo, cuja denominação surgiu de uma crítica feita por Henri Matisse a um quadro de Braque, teve como grande apologista intelectual Guillaume Apollinaire, que o definiu como arte de concepção, isto é, de análise do motivo para se chegar à realização definitiva.

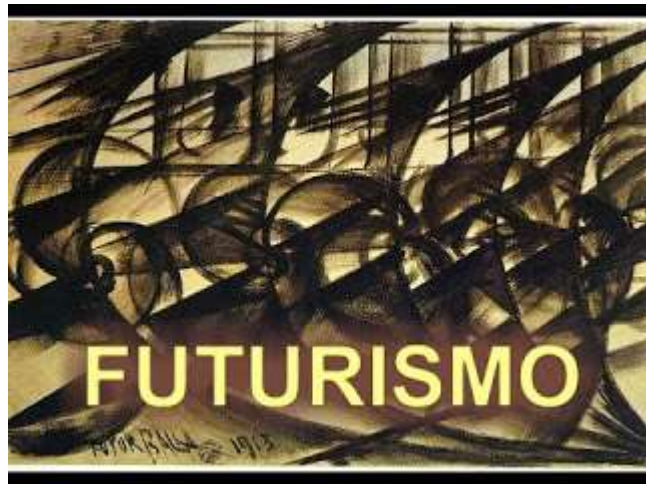
Esta análise intelectual seria a fase preliminar da criação, submetendo-se a espontaneidade à razão pura. Daí partia-se para uma forma nova, abstrata, inteiramente afastada da realidade inicial.

O cubismo sofreu várias transformações em seu desenvolvimento. Artistas como Picasso, Braque e Juan Gris introduziram em suas telas letras, jornais e colagens diversas, buscando na fusão de materiais estranhos um resultado artístico de grande efeito plástico. A colagem, quando usada com habilidade e gosto, proporcionava um equilíbrio de formas bastante intelectual e sugestivo à composição inicial do artista. (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", editora Agir, 1966)

2 de abril de 2018

PINTURA MODERNA VI





*Fotos da internet

A arte moderna desprende-se da contingência representativa. A figura passou a ser usada como um elemento plástico e não com o intuito de representar alguma coisa. Os artistas utilizaram-se da figura, dando-lhe uma conformação diferente, ou mesmo dispensando-a por completo.

O fato de existir ou deixar de existir a figura, nas telas modernas, não aumenta nem diminui o seu valor. Porque os elementos plásticos de cores e linhas continuam a existir, e é por meio deles que a ideia criadora se faz representar. As formas do mundo real são reinventadas, submetendo-se apenas às exigências do quadro. A figura passa a ter um significado pictural e não narrativo.

"Quando pinto um vaso", dizia Braque, "não é para fabricar um utensílio suscetível de conter água. Os objetos são recriados para um novo destino: o de participarem do quadro."

Braque compunha seu universo das coisas mais simples. Eram vasos, frutas, guitarras coloridas que lhe despertavam a fantasia; uma simples cadeira de jardim podia transformar-se num arabesco, obedecendo apenas às exigências do próprio quadro, no sentido de uma composição equilibrada e segura.

O cubismo, valorizando uma composição menos impulsiva, mais intelectual, manifestou-se como forma de arte essencialmente estática.

Contrapondo-se a esta ausência de movimento, surgiu nova corrente artística, denominada futurismo, onde a sensação de velocidade predominava à frente de tudo.

O ritmo alucinante da vida moderna que se iniciava contribuiu para isto, e os futuristas foram de certo modo os precursores artísticos das conquistas mais recentes do homem, no campo do espaço.

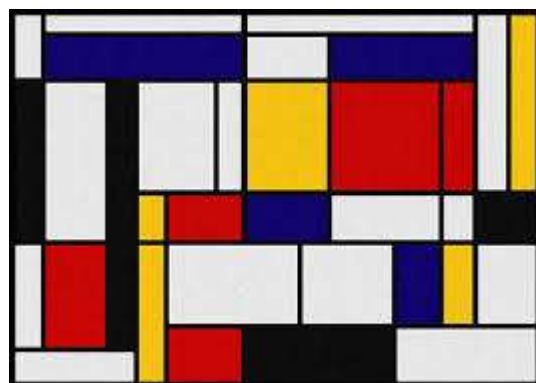
O desenvolvimento da arte no século XX tem correspondido ao desenvolvimento intelectual, psíquico, científico e técnico do homem. Idéias contraditórias, valores novos, surgem a cada instante.

Em busca de novas realidades, as correntes artísticas também nascem, crescem e morrem, deixando nos museus e galerias, nos colecionadores e amantes da arte, a autenticidade daqueles que se empenham no caminho da renovação e do progresso.

Algumas correntes chegam até nós renovadas, outras são de pouca duração. (Trecho do meu livro “Vivência e Arte”, editora Agir, 1966)

9 de abril de 2018

PINTURA MODERNA VII



*Fotos da internet

O Dadaísmo, movimento que pretendia transformar em arte as coisas mais vulgares e negar todos os valores tradicionais da cultura, expressou a revolta do homem contra a sociedade e suas leis. A doutrina de Freud, apregoando o automatismo psíquico, muito contribuiu para isto.

As idéias de Freud, muito difundidas pela Europa, deram impulso a outra corrente de arte, o surrealismo, onde prevalecia o automatismo psíquico.

O surrealismo colocava o subconsciente e as manifestações íntimas do psíquico à frente de todas as idéias estéticas e formais.

A imaginação via-se livre do espírito crítico, para dar largas ao maravilhoso, ao sonho, ao imprevisto.

Paul Klee, um dos maiores nomes da pintura universal, também acreditou que a realidade não se achava na superfície, mas na profundidade das coisas. A pintura de Klee teve um significado vastíssimo no nosso tempo. Sua arte, baseando-se no ideal expressionista de subjetivismo, procurou afastar-se da realidade visível, para ganhar em conteúdo e riquezas. Suas formas e seus signos são procurados no mundo fantástico e inocente das crianças e na visão atormentada dos loucos.

Sua pintura, considerada como o museu completo do sonho, mergulha no desconhecido, para dali extrair uma visão inteiramente nova do universo.

A obra de Klee abriu caminho para novas tendências de arte e podemos dela tirar como herdeiros diretos os surrealistas, os abstracionistas e os concretistas.

A pintura concreta libertou-se da tradição, procurando um caminho diferente e completamente novo.

Um quadro concreto não poderia ser julgado dentro do mesmo critério de um outro abstrato ou figurativo. Ele visava transformar uma ideia (não um tema ou sujeito) em forma concreta. Nesta realização deveria esgotar todos os seus recursos. Não se admite um quadro ou uma escultura concreta sem esta clareza de expressão e executado dentro de uma técnica confusa e complicada. Para isto servia-se, às vezes, de materiais novos que permitiam maior pureza e simplicidade na realização.

Os concretistas desejavam uma expressão exata e não apenas sugerida de sua ideia.

A arte abstrata poderia sugerir, a arte concreta teria de afirmar, para ser verdadeira.

O emprego de formas geométricas simples, de cores exatas e de composições equilibradas dentro de leis matemáticas veio alertar o artista e despertar-lhe a consciência da técnica, tão desprezada pelos primeiros modernistas.

Este foi um dos aspectos mais fortemente positivos dessa fase, que beneficiou, com essas noções, não só seus adeptos, mas seus adversários. (Trecho do meu livro “Vivência e Arte”, editora Agir, 1966)

24 de abril de 2018

PINTURA MODERNA VIII



Fotos da internet

Se o concretismo procurou criar uma pintura objetiva, anti-sentimental, visando somente a

uma ordem estética, o abstracionismo voltou à contemplação interior e deu largas à intuição.

Filiada a Klee e Kandinsky, a corrente abstracionista ganhou vulto universal, procurando traduzir em linguagem comum a todos os povos e raças a sua visão estética do universo.

Houve uma libertação completa da realidade visível e o artista procurou expressar-se através dos elementos plásticos, fazendo a forma valer por si, independentemente de qualquer significado exterior. Linhas e cores harmonizavam-se no espaço da tela, procurando traduzir a mensagem subjetiva do artista.

Novas tendências surgiram.

A "Action Painting" nos Estados Unidos, criada por Jackson Pollock, preconizava uma pintura de ação, onde o artista se deixaria levar pela criação momentânea, sem a elaboração prévia de croquis e estudos, em diálogo direto com a matéria a ser trabalhada.

A tela era colocada no chão permitindo ao pintor andar à sua volta.

Do emaranhado de linhas, aparentemente em desordem, surgia uma ordem nova, como ritmos musicais, completamente estranhos à nossa lógica habitual. A "Action Painting" desenvolveu-se nos Estados Unidos fazendo projetar a Escola de Nova Iorque em plano universal.

"A superfície do quadro tem sido sempre o ponto de encontro daquilo que o pintor conhece, com o desconhecido que ali aparece pela primeira vez." Estas palavras de James Brooks, um dos maiores artistas americanos da "Action Painting", esclarecem a intenção dessa corrente, de valorizar acima de tudo o espontâneo.

O artista não impunha sua vontade às coisas, mas permitia que elas se revelassem num despertar do desconhecido.

Na Europa, Mathieu, em oposição às técnicas tradicionais, começou desde 1947 a série de quadros onde a rapidez, e não a premeditação, estaria à frente da elaboração cuidadosa.

Segundo Françoise Choay, "a pintura chamada informal não é desprovida de formas, mas propõe formas que não nos são habituais." (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", editora Agir, 1966)

15 de maio de 2018



*Fotos da internet

Criar antes de tudo, jogando com os recursos mais simples e mais próximos, usando sugestões, às vezes, chocantes ao público pela falta de lógica dos elementos usados, dá uma dimensão diferente e, às vezes, paradoxal à arte do momento.

A figura, por tantos e tão longos anos abandonada pelos artistas, ressurgiu, violenta e trágica, na nova figuração, extremamente realística ou vulgar na *Pop-Art* vinda dos Estados Unidos, lírica ou

erótica, no realismo fantástico.

Em sua violência, a nova figuração retrata nossa época de guerras e ameaças constantes.

A sensibilidade do artista nem sempre está voltada para o que há de lírico e romântico no mundo. No meio da tensão em que vivemos, surgiu uma arte agressiva, pouco agradável à vista, traduzindo em linguagem artística um expressionismo brutal nascido do impacto de uma revolta.

A *Pop-Art*, de inspiração dadaísta, surgiu quando os recursos do tachismo se viram diminuídos.

Rosenquist, um dos iniciantes e mais conhecidos pop-artistas, compõe quadros de grandes dimensões com objetos do uso diário, procurando deles tirar uma visão artística bastante nova e às vezes chocante da vida moderna atual.

Rosenquist isola o fragmento. Raramente se vê alguma coisa inteira em seu trabalho. O que o separa dos surrealistas é a técnica cinematográfica de "close" e montagem.

Rauschenberg, o artista americano, que conquistou em Veneza o grande prêmio de arte, em 1964, usa fotografias por ele mesmo tiradas, e em técnica de colagem ou "silk screen" procura anexá-las a outros elementos da vida real, formando um conjunto harmonioso de sugestões diversas.

Com pinceladas largas, estabelece a ligação entre esses elementos, fundindo-os num todo bastante emocional e romântico.

Neste despontar de novas tendências o surrealismo toma impulso, e, sob a denominação de arte fantástica, procura no subconsciente o seu mundo de imagens e símbolos.

Não querendo representar apenas problemas formais estéticos, os seguidores da arte fantástica reclamam também para o pintor o direito de falar através da pintura, de fazer poesia, de, com diz Félix Labisse, "cavalgar as nuvens do maravilhoso e as cavernas do inconsciente". (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", editora Agir, 1966)

21 de maio de 2018

PINTURA MODERNA X



*Fotos da internet

O campo tem sido vasto para a arte abstrata.

Os artistas procuram muitas vezes sua fonte de inspiração no mundo orgânico, aproximando-se dos ritmos e das formas que a natureza oferece. Um muro gasto pelo tempo propõe uma paisagem fantástica, diferente; um tronco de árvore, cortado ao meio, é um universo de formas e ritmos.

A natureza é inesgotável. O mundo das formas naturais não é apenas aquele que enxergamos a olho nu. Existe o mundo da ciência do microscópio, onde formas abstratas movem-se como os "mobiles" de Calder, organizando em ritmos inesperados e surpreendentes. A ciência oferece à arte um campo vastíssimo de sugestões novas e o artista contemporâneo não lhe é indiferente.

O abstracionismo é a corrente que mais fortemente se vê atingida pela influência cósmica que hoje domina as pretensões científicas do homem.

É como que uma antecipação através da arte, das descobertas que se aproximam, no terreno misterioso e quase virgem da conquista de outros planetas.

A pintura "tachista", sublinhando a proeminência do gesto, reflete uma ânsia incontida de liberdade, de negação a toda e qualquer disciplina.

Em situação intermediária entre o abstracionismo e o figurativismo encontram-se tendências que procuram tirar da natureza motivação para suas abstrações. Seguem uma linha paralela à imagem, sem relação de dependência dela. Seus quadros evocam alguma paisagem, às vezes facilmente identificada pelo público, mas que vale apenas como força de sugestão para o artista se manifestar pictoricamente.

Esta tendência que vem subsistindo desde muitos anos em artistas internacionais como Feineinger, Vieira da Silva, Duchamp e outros, volta, agora, desvendando paisagens imaginárias e fantásticas como um retorno muito livre e independente do artista à natureza.

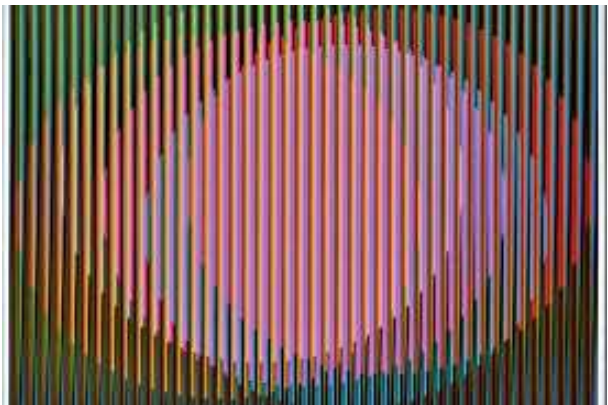
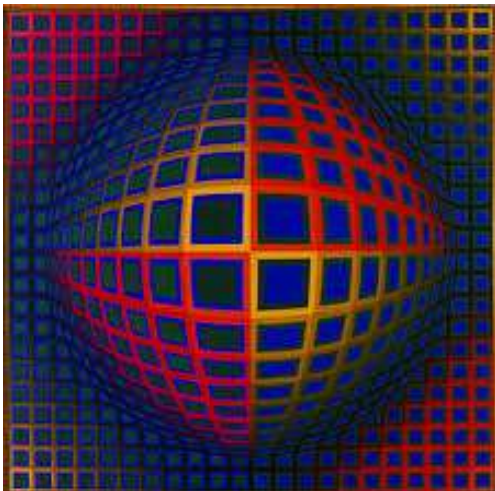
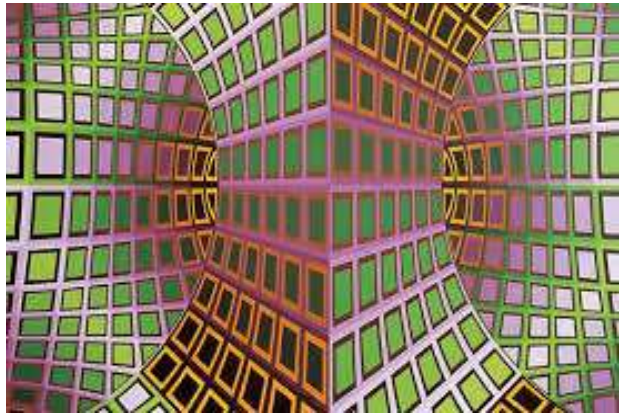
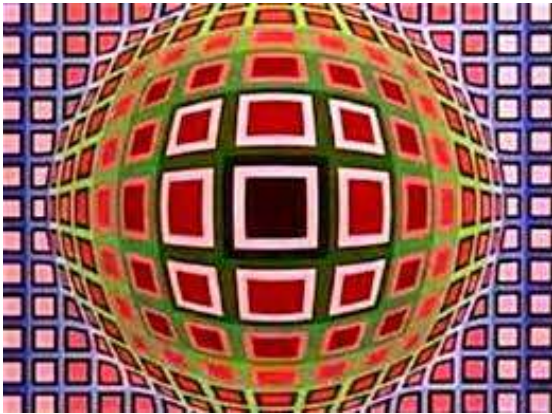
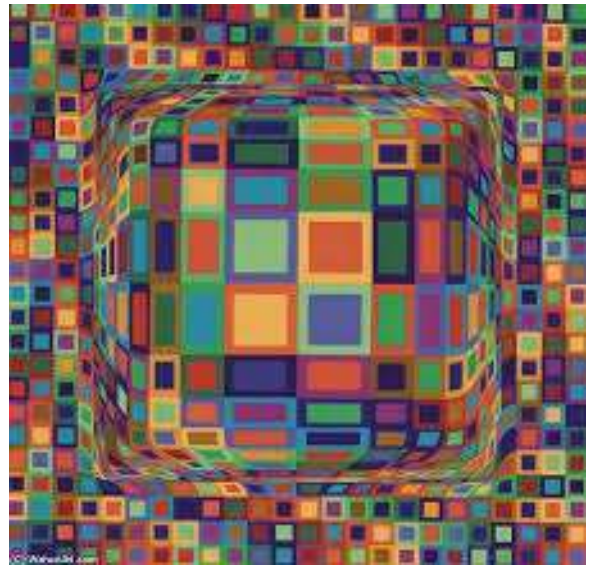
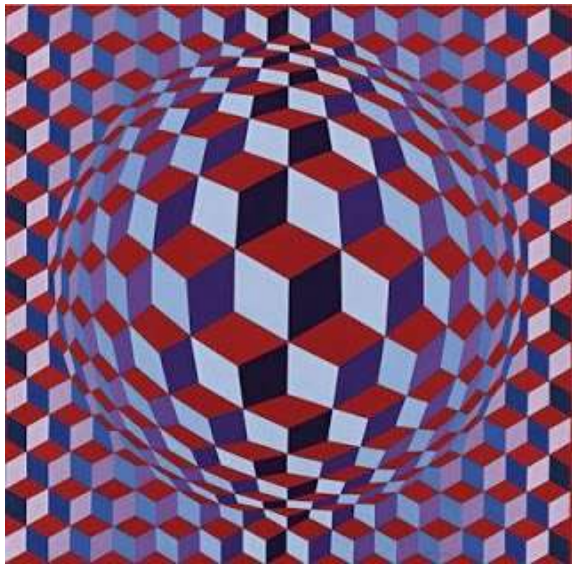
Rompe-se a linha divisória que limita e separa uma técnica de outra.

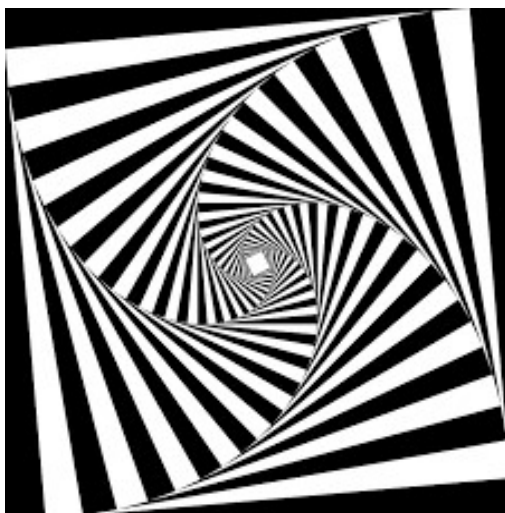
Procura-se uma forma viva e orgânica que não obedeça a regras preestabelecidas.

O desenho penetra nos domínios da pintura e da gravura, e as técnicas de relevo são aproveitadas para um enriquecimento maior das soluções de pinturas. Novos materiais começam a ser usados como motivação para uma nova tendência de arte.

Há como que um clamor uníssono, brotado de todos os cantos da terra em favor da emancipação total dos meios de expressão do artista. (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", editora Agir, 1966)

4 de junho de 2018





*Fotos da internet

Poética e lírica, romântica e sensual, a tendência figurativa ressurge em ritmo paralelo às correntes abstratas. Entretanto, no mundo em que vivemos dominam as ideias contraditórias. Ao mesmo tempo que se preconiza para o artista a liberdade completa, a "optical art" procura reconduzi-lo à disciplina intelectual.

Baseada nos mesmos princípios construtivos da Bauhaus, a "op art" se desenvolveu ao lado das pesquisas concretistas.

A sua característica principal é a ilusão de movimento (arte cinética).

A pintura cinética abriu uma nova dimensão nas artes plásticas. Um de seus princípios é a integração com a ciência, tentando através da ilusão de movimento transportar para a arte as forças e a ordem do mundo físico.

Vasarely, um de seus maiores artistas, não vê antagonismo entre a arte e a ciência. Para ele, "pintar é sempre uma necessidade interior, mas pretende dar à arte uma ciência. Arte e ciência são postas à disposição do homem para proporcionar-lhe alegria e harmonia".

Assim, na sua incessante busca da beleza, o homem vai descobrindo novas formas e novos caminhos.

O esforço humano nunca é um gesto isolado. Seu eco se faz ouvir através dos tempos. A arte é a síntese, a interpretação das experiências do artista, de suas descobertas e derrotas, com as descobertas e derrotas de uma civilização, de uma sociedade. É a soma das realizações pessoais, com todo um acervo de ideias e experiências que representam uma cultura.

O artista é um fruto de sua época. Naturalmente, vivendo e participando das experiências alheias, ele transmitirá a inquietação de seu tempo em seus trabalhos. Não será nunca um

retrógrado, um porta-voz de seus antepassados.

Ele é a síntese de seus contemporâneos e, justamente por viver e sofrer os problemas da vida moderna, por usar o telefone e assistir à televisão, por se transportar de avião e se interessar pelos satélites artificiais, espontaneamente, sem que ninguém lho imponha, ele se manifestará, também, de um modo atual correspondente aos avanços da civilização.

Nunca poderá ser uma reencarnação de Rembrandt ou Ticiano. Suas vidas foram marcadas de modo diferente, suas experiências são outras.

Ele tem a possibilidade, que outros não tiveram, de estar a par de tudo o que se passa na Europa, na Ásia, na América, de todas as notícias do que se faz de mais avançado no mundo. Isto de certo modo o modifica, torna-o mais universal.

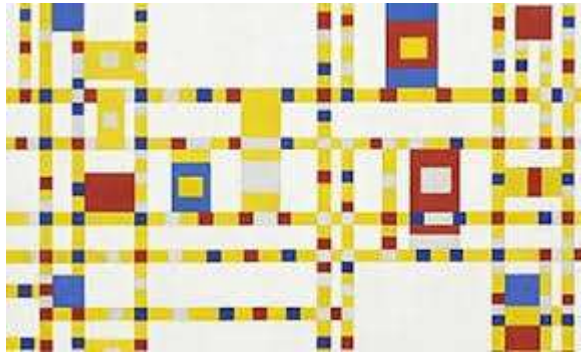
Fazemos parte da humanidade toda, de um modo muito mais vivo que os homens de antigamente, que ignoravam, por completo, os acontecimentos do resto do mundo. (Trecho do meu livro “Vivência e Arte”, editora Agir, 1966)

Este texto, escrito na década de 60, quando ainda não existia o computador, celular, internet, WhatsApp etc, de certo modo já estava anunciando a chegada de todos esses recursos.

11 de junho de 2018

PINTURA MODERNA XII





*Fotos da internet

"As comunicações modernas, velozes como a luz, reduziram a quase zero o tempo entre as ações dos homens e suas consequências. Um tiro disparado em Berlim pode fazer explodir o mundo em poucos minutos. Um equilibrista pode tombar do arame num circo de Moscou e sua morte ser vista em Londres ou Nova Iorque." (Morris West)

Também na arte, o tempo e a distância se reduzem e uma obra consagrada nas Bienais de Veneza, São Paulo ou Paris pode ser imediatamente conhecida, valorizada e criticada pelo mundo inteiro.

É por isso que a pintura de hoje é mais universal. Este contato com as ideias universais torna o artista moderno precocemente erudito. São revistas e livros com reproduções coloridas das obras dos grandes mestres, são conferências e exposições coletivas. O artista traz realmente, dentro de si, um museu imaginário.

No Brasil, a Bienal de São Paulo veio trazer a milhares de brasileiros a possibilidade de conhecer de perto os grandes nomes da pintura mundial. Obras até então desconhecidas ou conhecidas por informação, puderam ser admiradas no original, confrontadas e estudadas em seus mínimos detalhes. Novas técnicas começaram a ser usadas e a experiência europeia foi também introduzida em nossa terra.

A história da arte moderna continua e continuará a ser soma de experiências. As correntes se sucedem e se destroem, mas, mesmo se destruindo, completam-se.

Essas correntes surgem espontâneas, como uma inevitável continuidade de todo trabalho criador. E também, naturalmente, perdem a sua razão de ser quando a sinceridade das primeiras descobertas dá lugar à fórmula e à repetição, sem originalidade, das ideias alheias.

Não se pode impor, de fora, determinada forma de arte e exigir a cega adesão de todos os artistas. Não são as correntes que fazem o artista, mas sim a autenticidade com que ele se expressa. Quando surge uma nova ideia, as outras, ilusoriamente, parecem superadas.

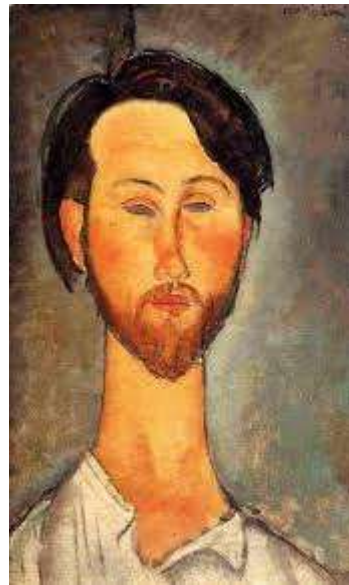
Esquece-se de que a fertilidade de imaginação do artista não conhece os limites vindos de fora; sua sede de criar e de se expressar independe de estar ou não ligado às últimas ideias da vanguarda. Às vezes, sua experiência o conduz a caminhos diferentes, que influem também na conquista de novas e sérias descobertas.

Basta que ele tenha algo de novo a dizer dentro de determinada maneira, seja ela figurativa, abstrata, concreta, informal, etc. A arte é a mais evidente afirmação da liberdade humana e, por isto mesmo, é um desafio ao julgamento restrito de sua época. Ela se impõe, quando é autêntica, pela própria força desta autenticidade, mesmo que os contemporâneos não lhe deem atenção. (Trecho do meu livro “Vivência e Arte”, editora Agir, 1966)

19 de julho de 2018

PINTURA MODERNA XIII





*Fotos da internet

As obras de arte que não são autênticas desaparecem com o correr dos anos. Às vezes, por equívocos de seus contemporâneos, conseguem impor-se e mesmo ganhar sucesso perante o público e a crítica. Podem ser laureadas e até pertencer a museus. Mas não resistem ao tempo que passa e lhes desnuda a fragilidade.

Assim, mais tarde, submetidas ao julgamento das gerações que se sucedem, o verdadeiro lugar lhes é concedido.

Modigliani terminou seus dias pobre e doente, Van Gogh não conseguiu vender um único quadro e Cezanne não conheceu em vida a glória que por direito mereceu mais tarde. Tiveram apenas, a seu favor, a autenticidade de sua arte e a força do seu gênio criador.

São estes, e muitos outros, os exemplos que o artista não deve esquecer. E as palavras de Kandinsky, um dos inovadores da pintura abstrata, confirmam: "Não se pode qualificar de bem

pintado o quadro de valores exatos; estes inevitáveis valores de que falam os franceses, ou o quadro dividido quase cientificamente em quente e frio; mas sim aquele que possui uma vida interior total."

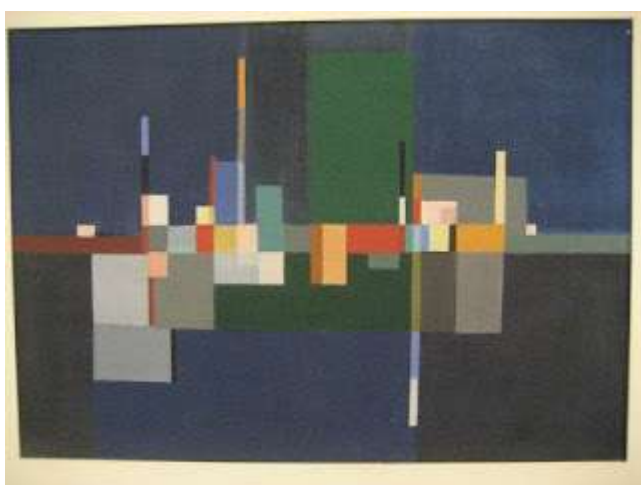
A crise espiritual do mundo moderno, a valorização da matéria sobre o espírito, não impedem o artista de procurar sempre o fundamento de sua arte, no seu mundo interior. E o fato de viver submetido à mecanização do século XXI não o impede de continuar a se manifestar também de um modo individual, acrescentando o seu impulso interior às experiências mais modernas e avançadas da pintura.

Não existe ainda o recuo do tempo para se afirmar qual a maior contribuição que foi dada à arte moderna.

E a evolução da arte vai se constituindo de heranças sucessivas, neste eterno caminhar em busca da beleza. (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", editora Agir, 1966)

23 de julho de 2018

PINTURA MODERNA BRASILEIRA I



*Fotos de Maria Helena Andrés e de arquivo

Nosso estudo em linhas gerais do panorama estético universal, partindo das primeiras correntes artísticas modernas até a atualidade, trouxe-nos também considerações sobre a atual pintura brasileira.

Não é nossa intenção estudar pormenores da evolução da arte moderna em nossa terra, mas apenas fazer notar sinteticamente os fatores principais de sua transformação no tempo, ligando-a de maneira definitiva à arte universal.

A arte contemporânea desconhece fronteiras e sua ligação com outras terras se faz não por modismo, mas pela consciência que o artista moderno tem de pertencer à humanidade e a ela estar ligado indissolúvelmente.

A contribuição brasileira à arte universal já se faz sentir, não só através de nossa arquitetura, conhecida e admirada no mundo inteiro, como também através de nossa escultura, pintura, gravura e desenho. Dão testemunho disso os prêmios conferidos a nossos artistas nas exposições bienais de Veneza e de Paris.

A alma de nosso povo, com suas lutas para um desenvolvimento social, seu desejo de afirmação e progresso, está expressa na mensagem que nossos artistas levam a outros povos e raças.

As características próprias de nossa pintura se determinam através de elementos puramente plásticos, que formam o denominador comum de nosso país e de nossa cultura. São formas às vezes ligadas ao barroco ou às tradições populares, condicionadas ao nosso clima, ao colorido de nosso céu e à exuberância de nossa vegetação.

Vivemos cercados de cores e por contradição nos expressamos tão bem em preto e branco: depois da arquitetura, foi a gravura brasileira que despertou maior interesse nos meios internacionais.

A revisão histórica da arte moderna no Brasil poderia ser estabelecida em três períodos distintos, que determinaram as principais direções de nossas tendências artísticas. (Trecho de meu livro “Vivência e Arte”, Editora Agir, 1966)

Atualmente, está havendo na Europa, uma busca das experiências artísticas feitas no Brasil nos anos de 1950 e 60. Este interesse foi motivado por vários fatores, entre eles uma retrospectiva da Arte Construtiva Brasileira da Coleção Adolpho Leirner, adquirida pelo Museu de Houston, nos EUA, sob a curadoria de Mari Carmem Ramirez. Esta coleção foi exposta na Europa com grande sucesso.

30 de julho de 2018

ARTE ANÔNIMA





*Fotos da internet

A grandeza do homem e sua necessidade de superar limitações, está impressa nas obras de arte que o passado nos trouxe, muitas vezes de artistas desconhecidos.

Artistas anônimos construíram as catedrais da Idade Média, o esplendor dos templos orientais, a monumentalidade da escultura mexicana. Tentando alcançar a realidade além da existência finita, mãos humanas se dedicaram ao trabalho de esculpir, gravar e erigir templos aos seus deuses e ídolos.

O trabalho artístico aproximava-os da divindade, purificando-os da existência terrestre com suas contradições e sofrimentos.

Procuramos nos concentrar no ato de modelar. Experimentamos com as mãos o contato com a terra, a argila de onde todos nós viemos.

O contato com a argila é forma de integrar corpo, emoções e mente, e a modelagem é usada muitas vezes como forma de terapia.

O próprio ato de amassar o barro, nos traz um estado de harmonia e paz, uma religação com

a terra da qual fazemos parte. A modelagem é forma de reeducar os sentidos, a fim de perceber o universo de forma direta, sem as interpretações, opiniões e conclusões da mente.

O que nos impede de sentir o mundo que nos cerca é o constante movimento da mente em torno de nossos pequenos problemas pessoais, de nossos condicionamentos.

Enxergamos através do conceito, da imagem mental que temos das coisas. Estamos sempre procurando palavras para traduzir o que sentimos. Raramente escutamos o que os outros falam, porque vivemos ligados ao nosso próprio ego, às nossas emoções e ao intelecto.

Estamos em diálogo constante e ininterrupto conosco mesmos, com nossos conceitos, conhecimentos, leituras, considerações, memórias.

O passado está sempre interferindo no presente, e o presente torna-se passado, sem que o tenhamos vivido. Viver plenamente é ver, escutar e sentir cada instante de forma total e não fragmentada. O despertar sensorial aumenta a percepção da realidade, do aqui e agora, aquietando os pensamentos e tensões.

11 de junho de 2018

FUNÇÃO DA ARTE NA SOCIEDADE



Fotos: internet

A arte é um ponto de contato entre os homens; por meio dela há uma comunicação maior de alma para alma.

A identificação de sensibilidades aproxima o espectador do artista, ou seja, do sentimento transmitido pelo objeto criado.

"A obra de arte, por concreta e objetiva que seja, não possui efeitos constantes e inevitáveis, exige a cooperação do espectador e a energia que este coloca dentro dela, recebeu o nome especial de 'empatia'". (Herbert Read)

A comunicação artística é a descoberta pelo espectador, na obra criada, de seus próprios sentimentos e emoções.

Assim como toda a criação é acompanhada de alegria interior, também a comunicação do sentimento humano através da beleza artística realiza-se num clima de alegria e compreensão.

A Arte foi colocada, por Deus, no mundo, para trazer esta alegria aos homens. A alegria de poder compreender a mesma beleza e, por meio dela, se compreenderem melhor. A música e a poesia trazem, de um modo mais penetrante, esta comunicação interior de alma para alma. Elas nos elevam acima de nós mesmos, despertando aquilo que estava adormecido em nosso íntimo.

"A música, ao contrário das outras artes, emociona mais rapidamente. Pode orgulhar-se mesmo de arrastar multidões. E eis o comovente espetáculo de milhares de ouvintes, em religioso recolhimento, dominados apenas pelo poder da arte". (Matteo Marangoni)

Muitas vezes, o artista é o porta-voz de seus contemporâneos. Ele tem o poder de envenenar ou elevar as massas, já que uma obra de arte irmana e influencia os homens. Daí a preocupação dos estados totalitários em manobrar os artistas, como instrumentos políticos, na defesa de seus interesses. Eles sabem que a arte falando, diretamente, ao coração do homem é a melhor mensageira de suas ideias. Sentindo a comunicação da beleza através da arte, já somos, de certo modo, artistas também.

"Através da beleza artística, portanto, os artistas (refiro-me aos que criam e aos que contemplam a beleza, pois o senso artístico se manifesta tanto na criação como na contemplação da beleza) se falam íntima e inteligivelmente. Compreendem-se. Amam-se. Choram as mesmas tristezas e cantam as mesmas alegrias. Fazem-se mutuamente presentes". (Padre Orlando Vilela)

Na música, na dança, nas artes visuais e no cinema, esta comunicação se faz com maior facilidade entre povos de raças diferentes, porque não existe a barreira da língua. Podemos receber, diretamente, a mensagem de beleza que um Beethoven ou um Bach nos trazem, podemos admirar as obras de artistas do passado, de um Miguel Ângelo, um Greco, um Goya. E vemos que a verdadeira arte não envelhece, mas permanece, ao lado de nossa vida efêmera. Poucas coisas permanecem tão vivas como a arte, para identificar cada geração.

Passam-se os interesses do momento, a política, os costumes. A ciência evolui. Mas a verdadeira obra de arte continua, através dos séculos, trazendo um testemunho vivo de beleza para o mundo... (Trecho de meu livro VIVÊNCIA E ARTE, Editora Agir)

16 de outubro de 2014

REFLEXÕES SOBRE ARTE E TRANSFORMAÇÃO DO SER HUMANO



Fotos: internet

Vivemos numa época de inquietação resultado do esgotamento de conquistas materiais. O século XX acelerou de forma violenta o desenvolvimento tecnológico sem um equivalente no plano espiritual. Procura-se agora no século XXI, por todos os meios o equilíbrio do homem e seu ajustamento à vida. A psicologia em seu processo de busca, encontrou na criatividade uma das formas de liberação. Arte e psicologia estão unidas no dinamismo do século, procurando despertar e desenvolver a energia criadora do homem. Descobriu-se que a libertação desta energia promove completa modificação no comportamento humano.

Através da arte os símbolos do inconsciente afloram, mostrando as raízes das angústias, bloqueios e emoções. Desfazem-se as máscaras, conscientizam-se fugas e a realidade aparece em sua autenticidade, sem reservas. Segundo Jung, “um símbolo não traz explicações, impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscuramente pressentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória”.

As pesquisas de Jung no interior do ser humano estendem-se a direções muito vastas e abrangentes, deixando as artes plásticas campo aberto para uma investigação cada vez mais consciente.

É o próprio homem em sua evolução cósmica que se revela em todos os seus movimentos e transformações. Seu comportamento, gestos e palavras são manifestações exteriores de uma

realidade mais profunda que Jung buscou conscientizar. A arte foi usada por ele como instrumento desta conscientização, tornando-se porta aberta para a conquista do “self” ou arquétipo da divindade. Cada momento criador é um vislumbre desta luz interna que todo ser humano possui, obscurecida e bloqueada pelos condicionamentos e a multiplicidade de solicitações do mundo exterior.

Através do contato direto com esta fonte interna, o ser humano recupera passo a passo a unidade perdida.

Esta visão direta, intuitiva do universo é responsável também pela transformação que se processa no ser humano, ajudando-o a conscientizar seu relacionamento com o mundo. Compreendendo as relações humanas como um todo, também a vida se torna uma arte. A vivência da unidade, a captação dos símbolos do inconsciente e a busca do equilíbrio estendem-se além do objeto criado, modificando e transformando também o próprio artista.

Compreendendo isto, podemos dizer que a arte é realmente uma via de aperfeiçoamento humano, e a consciência desta integração é necessária para a nossa própria harmonização como seres humanos.

1 de fevereiro de 2016

REDESCOBERTA DO EU INTERIOR



*Fotos de arquivo e da internet

O mundo moderno, preocupado com o consumo, o lucro e a competição, envolve-se na fumaça das glórias externas, esquecendo-se da realidade interna, cuja existência muitas vezes não chega a vislumbrar. O raciocínio lógico impede a abertura para a intuição. A meditação, a interiorização, a arte, conduzem-nos a este limiar de luz, e, portanto, trazem consigo a paz interior.

A arte é uma das formas mais penetrantes de redescoberta deste Eu interior, que todo homem possui, mas, muitas vezes, não chega a perceber. Os artistas têm espontaneamente a tendência de abrir a porta da intuição e deixar que o Eu interno fale: seja na combinação de cores, de sons ou de palavras. Esta abertura para a intuição coloca-os de certo modo em atitude receptiva, deixando fluir o que estava adormecido no inconsciente.

A intuição ilumina a mente durante o curso do trabalho, ou chega de surpresa, muitas vezes de madrugada, quando tudo dorme. A maior riqueza do artista é o diálogo silencioso que trava consigo mesmo, superando os dias de sucesso ou de fracasso. Este diálogo significa para ele forma de purificação e equilíbrio. Muitos artistas conseguiram este equilíbrio e chegaram a testemunhá-lo em seus depoimentos. Mas, para isto, tiveram de se manter na indiferença às solicitações e pressões externas, aos acenos do lucro, da ambição e das glórias. Os prêmios e o reconhecimento público são

importantes na medida em que colaboram para o incentivo e o aumento da criatividade. A criatividade é a chama que deve se manter acesa, em contato permanente com a vida interior.

Mas este encontro com o Eu interior não é privilégio dos artistas, todo ser humano é um criador em potencial, portanto nasceu com a predisposição para entrar em contato com a realidade interna, chave de sua integração. O trabalho feito com amor, colabora nesta integração. O homem que segue suas tendências naturais, que se desenvolve dentro da profissão para a qual foi chamado, está colaborando de certo modo para o seu próprio equilíbrio e para o equilíbrio daqueles que o cercam. Sentir-se integrado naquilo que se faz, é fator importantíssimo não só para o rendimento do trabalho, como para o desenvolvimento e progresso do meio em que se vive. O trabalho feito em ressonância com a vocação de cada um, do cozinheiro ao sapateiro, do camponês ao industrial, do médico ao engenheiro, da dona de casa à modista, ajuda na reconstrução da pessoa humana equilibrando suas energias internas e externas. Muitas vezes nos entregamos a tarefas que não gostamos, julgando ser este o nosso dever, não reservando um só momento para o desenvolvimento de nossa vocação. Esquecemo-nos de que ela nos foi dada por Deus para ser desenvolvida, e não reprimida. Por meio dela seremos livres. Desenvolver a própria vocação não é forma de egoísmo, mas procura de totalidade.

Nesta época de massificação e desajuste social, é necessário compreender que as energias do homem precisam se integrar, crescendo em harmonia com suas aspirações, de acordo com suas tendências naturais. Esta integração virá beneficiar o progresso do homem como pessoa, refletindo-se em seu ambiente. O despertar das energias interiores através do desenvolvimento das inclinações individuais se dará no trabalho, no esporte, na arte, no estudo ou na reflexão.

20 de fevereiro de 2017

KING, O ENTALHADOR





*Fotos da internet

Cada instante criador corresponde à intensidade de um momento de vida. Ele é o esquecimento do passado com todo o acúmulo de conhecimentos e o despertar do presente em plenitude e riqueza.

O ato de criação é um ato de presença. Criar é viver no presente. Neste aqui e agora, estão contidas nossas vivências individuais, enriquecidas das vivências do mundo a que pertencemos. Esse mundo está conosco, não podemos nos separar dele. O momento criador, quando vivido intensamente, é um retorno à Unidade Inicial. É, portanto, um momento de intensa alegria. Por meio da intuição, as ideias se harmonizam.

A intuição é a claridade que vem de dentro de nós mesmos e não buscada fora, em ensinamentos. Desperta num momento inesperado, quando se transcende o pensamento lógico. O encontro intuitivo do artista com a totalidade é traduzido de forma admirável nos versos de Chuang Tzu, o poeta do Taoísmo:

O entalhador de madeira

Khing, o mestre entalhador, fez uma armação

Para os sinos,

De maneira preciosa. Quando terminou,

Todos que aquilo viram ficaram surpresos.

Disseram

Que devia ser obra de espíritos.

O príncipe de Lu disse ao mestre entalhador:

“Qual é o seu segredo?”

Khing respondeu: “Sou apenas operário:

Não tenho segredos. Há só isso:
Quando comecei a pensar no trabalho que me
Ordenaste,
Em ninharias, que não vinham ao caso.
Jejei, a fim de pôr
Meu coração em repouso.
Depois de jejuar três dias,
Esqueci-me do lucro e do sucesso.
Depois de cinco dias,
Esqueci-me do louvor e das críticas.
Depois de sete,
Esqueci-me do meu corpo
Com todos os seus membros.
Nessa época, todo o pensamento de Vossa Alteza
E da corte se esvanecera,
Tudo aquilo que me distraía do trabalho
Desaparecera.
Eu me recolhera ao único pensamento
Da armação do sino.
Depois, fui à floresta
Ver as árvores em sua própria condição natural.
Quando a árvore certa apareceu a meus olhos,
A armação do sino também apareceu, nitidamente,
Sem qualquer dúvida.
Tudo o que tinha a fazer era esticar a mão
E começar.
Se eu não houvesse encontrado esta determinada
Árvore,
Não haveria
Qualquer armação para o sino.”
“O que aconteceu?”
“Meu próprio pensamento unificado
Encontrou o potencial escondido na madeira;

Deste encontro ao vivo surgiu a obra
Que você atribui aos espíritos.”

Esse poema de Chuang Tzu descreve a preparação do artista para o trabalho. É preciso um longo e cuidadoso preparo, mas também esvaziamento da mente. (trecho do meu livro “Os caminhos da Arte”, Editora C/Arte, 2015)

21 de agosto de 2017

ARTE MODERNA, UMA REVOLUÇÃO NAS ARTES



Fotos: internet

O texto abaixo foi extraído do meu livro “Vivência e Arte”, editado nos anos 60.

“A França desde o século XIX tornou-se o principal centro das artes. Seria então justo lembrar, ao iniciar este trabalho sobre arte moderna, que a maioria dos seus movimentos artísticos teve início em Paris e ali se desenvolveu.”

Contra a arte decadente e imitativa da academia, começaram a germinar em França as primeiras ideias revolucionárias. Daí surgiu o movimento moderno de renovação. A arte passou, novamente, a ser vivida pelos artistas como fonte de criação pura, e não imitação da natureza. Como

pesquisa, e não submissão. Como experiência pessoal, e não cópia servil. Não falo aqui, especialmente, da arte abstrata, mas da abstração na obra de arte, qualidade essencial, indispensável, para haver criação autêntica.

O artista pode partir do modelo, mas depois transforma linhas, muda cores e cai na abstração. O que a arte moderna fez foi, justamente, recapitular estas verdades, esquecidas pelo academismo. A revolução moderna foi um despertar do sono e do espírito de acomodação, dominante até o princípio do século XIX, para redescobrir valores e concepções eternas da verdadeira arte.

Segundo Flávio de Aquino, inventar foi o grande feito do nosso século, em todos os terrenos do conhecimento humano". Inventar, também, foi a maior realidade da arte contemporânea, acompanhando o progresso científico do século XX.

Com a inquietação dos artistas modernos, ávidos de liberdade, mundos desconhecidos foram revelados e a arte passou a ser a expressão de sentimentos puros, transfigurados pela personalidade dos autores.

Segundo Pe. Collet, "a arte é a impressão digital duma civilização. Transmite, de certo modo, aos séculos seguintes, o testemunho vivo do melhor e do pior da época, e antecipa também o futuro, pois o artista, mesmo inconscientemente, recebeu o dom da profecia."

Não são as telas de Chagall, cheias de um surrealismo lírico, como que uma visão antecipada dos acontecimentos mais recentes, que movimentaram o mundo, como sejam a conquista dos espaços interplanetários?

Vivemos no século da máquina, da indústria, as descobertas científicas tentando dominar as forças do espírito, pela própria força da matéria. Esta preponderância da matéria sobre o espírito marcou pela violência quase toda a arte do nosso tempo.

O século em que se inventaram os campos de concentração, que deu origem a duas guerras implacáveis, em que se descobriu a força destruidora da energia atômica, que usou do progresso material contra todos os direitos da pessoa humana, não mereceu outra ilustração a não ser a *Guernica* de Picasso.

1 de outubro de 2014

ARTE COMO IDEIA CRIADORA



Foto: arquivo da autora

Todo ser humano possui um artista interior. Tudo na vida tem um sentido eterno, que ultrapassa o domínio da matéria. Cada um de nós guarda dentro do seu subconsciente as noções de Beleza, Verdade e Bondade. Esse mundo das ideias é muito mais real e verdadeiro que o outro, modelado pela matéria. Mas é invisível para os que não procuram e sentem apenas o seu aspecto exterior, sem atingir sua realidade mais profunda. A arte, brotando desse universo interior, procura em linguagem específica a comunicação com os homens. Ela revela ao que a contempla algo do que tem escondido em si mesmo no mistério de seu ser interno.

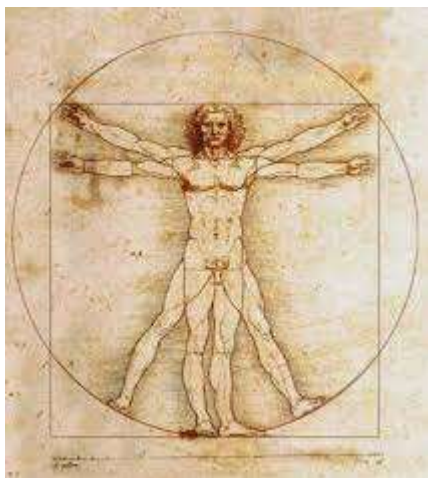
Jacques Maritain diz que o mais insignificante transeunte não tem, no céu de sua alma, menos estrelas que um artista. O sentimento de Beleza é atributo do homem, pertence a todos. Mas, muitas vezes, é velado aos olhos da maioria. Cabe ao artista despertar esse sentimento em seus semelhantes, tornando-o visível e consciente na obra de arte. A fonte de onde provém toda manifestação artística é a profundidade mesma da alma do artista. Antes de qualquer representação material, ela já existe, como sentimento informe, puro, ainda não delineado, mas que se traduz por uma imperiosa e inadiável exigência da alma, uma ânsia sem fim em busca de expressão. Arte é, pois, antes de tudo, transbordamento de vida interior. É uma vocação, um chamado. A ideia criadora é uma iluminação intuitiva e repentina. É uma decisiva emoção que a princípio se delineia, depois se aclara mais, e tende a vir à luz. Movido por ela, o artista descobre o que sempre o inquietava e

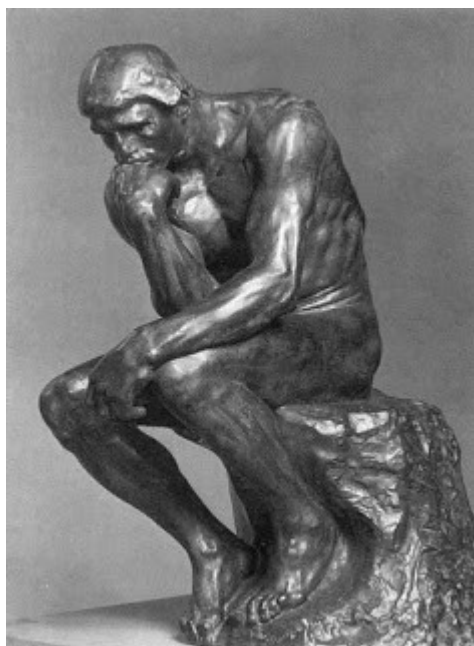
que se achava adormecido em sua alma. A criação artística divide-se em dois momentos distintos: a concepção da obra de arte, que é a ideia criadora propriamente dita, e a sua realização. Estabelece-se então um diálogo entre o artista e a obra criada. A ideia criadora pode surgir inesperadamente, ou durante o curso de uma longa pesquisa. Mas, de uma ou de outra maneira, constitui sempre uma surpresa para o artista; e é, justamente, nesse caráter de surpresa, que se encontra toda a alegria da criação. A arte não é apenas talento. É talento ou potencial somado à vocação, a um desejo imperioso de progresso. Esse progresso só poderá ser feito através do trabalho. Ser artista não significa calcular friamente. Não significa reunir tratados de teoria e tratados de matemática para, da ciência, passar à arte, mas, sim, deixar que a experiência transborde, depois de amadurecida, deixar que a sua própria vida, mais profunda, o seu universo desconhecido, aflorem à luz do mundo como que por encanto. Essa linguagem criativa nasce de raízes profundas, de experiências passadas e sofridas, e não se submete a qualquer ordem vinda de fora, seja de escola, religião ou doutrina política.

Diz Lucio Costa que “Toda arte plástica verdadeira terá sempre de ser, antes de tudo, arte pela arte, pois o que a haverá de distinguir das outras manifestações culturais é o impulso desinteressado e invencível no sentido de uma determinada forma plástica de expressão”.

10 de abril de 2012

COMPOSIÇÃO E ORGANIZAÇÃO





*Fotos da internet

A famosa definição de Maurice Denis resume a pintura ocidental, ao dizer que um quadro, quer seja um cavalo de batalha, uma mulher nua ou qualquer outro tema, é, antes de tudo, uma superfície plana recoberta de cores que se reúnem numa certa ordem. Consciente ou inconscientemente, o artista procura a união dos opostos, o equilíbrio das linhas, dos espaços, a justaposição de cores, os contrastes de luzes e sombras. Ordena o caos. A arte é a forma de realizar esse desejo de harmonia. Os elementos dispersos integram-se num todo.

Organizar é uma necessidade interior do ser humano, que se manifesta de maneira concreta na criação artística. A procura do equilíbrio é uma constante em toda a história da arte. Compor é equilibrar, reunir, contrastar, organizar. Manifesta-se por meio da razão ou da sensibilidade, de acordo com a tendência do artista.

A criatividade, procurando o equilíbrio, não obedece necessariamente a medidas teóricas. A busca do equilíbrio externo reflete a necessidade do homem de se integrar às forças eternas que regem o cosmo, a natureza e os seres criados. Leonardo da Vinci fundamentava suas composições no movimento dos astros e planetas. A estatuária grega foi construída dentro de proporções ideais. O artista atual constrói sua obra livremente, de acordo com seu tipo humano. Intelectual ou emocionalmente, a ordem é procurada. Ela se revela na forma exata da Pop Art ou na espontaneidade do Expressionismo. Por meio da razão ou da intuição, do pensamento ou da sensibilidade, o artista sempre busca expressar a ordem.

A própria elaboração de um quadro é forma de estruturar, construir. A primeira mancha de cor sobre a tela branca exige outra cor para contrabalançá-la. A direção de uma linha desperta a necessidade de outra. O desenvolvimento do trabalho exige a supressão de uma figura, o deslocamento de uma forma, o aparecimento de uma cor. As tonalidades se contrastam e se combinam, os traços se organizam, as formas se completam. O artista cria divisões novas, destrói para construir, suprime para realçar, dirige e comanda os elementos que integrarão o conjunto do quadro. Realizando a ordem exterior, busca a integração de suas energias com o poder eterno que rege céus e terra.

O princípio Yang-Yin adotado pelos antigos mestres taoístas sempre existiu com outra denominação na arte do Ocidente, desde os tempos mais remotos até os nossos dias. Mudam-se as denominações, amplificam-se os termos, mas o significado é o mesmo. A união dos contrários, das forças opostas, é a procura sempre presente, na arte e na vida, da síntese final, da unidade na multiplicidade.

Mas a arte exige, também, expressividade. René Huyghe, na introdução do seu livro “A Arte e a Alma”, cita o grande escultor Rodin para esclarecer a necessidade de expressão na obra de arte: Não existe talvez nenhuma obra de arte que extraia o seu encanto apenas do equilíbrio das linhas e dos tons e se dirija unicamente à vista. Também ela deve ser criada pela alma e para a alma – e exprimi-la, nutri-la, enriquecê-la.

A expressividade é o sopro vital que ilumina o quadro. Não se dirige ao intelecto, mas à alma. Transcende o exato equilíbrio da forma. Dá-lhe movimento e energia. Ajuda na harmonia final do quadro. A expressividade se manifesta numa simples pincelada ou no resultado final do quadro. É por meio desse sopro vital que a comunicação artística se realiza. A expressividade é a linguagem da alma, e é compreendida e admirada através da alma.

(Trecho do meu livro “Os Caminhos da Arte”, editora C/Arte, 2014)

2 de março de 2017

O RITMO E SUA TEORIA I



*Fotos da internet

Existe em toda arte valores absolutos que fazem leis, especulações intelectuais que preocupavam os nossos antepassados e chegaram até nós por tradição e cultura. O artista utiliza pictoricamente a superfície, isto é, ordena os elementos de maneira harmoniosa em benefício de um conjunto. Para isto simplifica, escolhe o que é essencial, o que sintetiza de maneira coerente suas ideias.

Saber compor é saber ordenar essas ideias de modo não somente lógico como também expressivo. Muito embora as primeiras noções teóricas venham acompanhando o desenvolvimento da capacidade de observar e de sentir, um conhecimento mais racional das leis tradicionais se torna necessário neste terceiro estágio, do estudo da arte.

A compreensão de que a arte exige antes de tudo personalidade permitirá ao aluno não se escravizar às leis que lhe sufocam as tendências.

Mas refletindo também que formação é conhecimento e escolha (não se pode escolher sem conhecer) e que a própria espontaneidade é conquistada através da escolha de uma direção entre várias, o aluno adquirirá consciências quando compreender os problemas essenciais de composição, ritmo, proporção etc.

Estes problemas não são estáticos, modificam-se de acordo com a época à qual pertencem.

O uso da perspectiva e do modelado, do corte de ouro e da divina proporção, que se constituíam o fator preponderante para a arte do passado, assumem no presente um caráter menos rígido, condicionado ao próprio dinamismo e à inquietação de nossa época.

Uma visão objetiva dessas leis permitirá o confronto e a escolha. O confronto entre a rigidez acadêmica e a fluidez impressionista permitiu a Cézanne a estruturação de seus quadros de maneira a fundir as duas tendências.

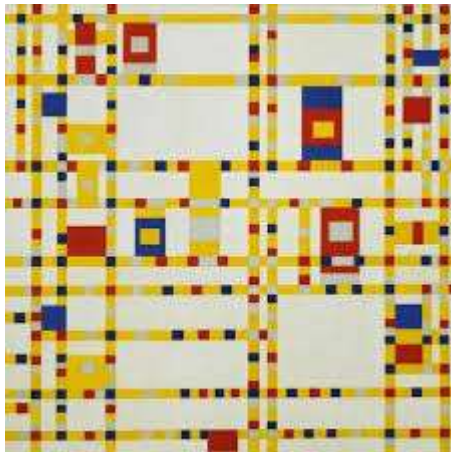
A perspectiva renascentista foi substituída por outra perspectiva de planos superpostos, a fim de evitar os pontos de fuga que, segundo sua opinião, prejudicavam a estética do quadro.

A exemplo de Cézanne, o artista do presente não se prende aos moldes antigos, conhece-os através da história da arte, para ultrapassá-los. Cézanne sabia combinar intelecto com sentimento, razão e emoção, pode-se notar a expressividade controlada, meditada em cada centímetro quadrado de suas telas.

A maneira de Cézanne considerar teorias adaptando-as ao seu modo de sentir, permitiu que a sua influência se estendesse por nosso século, e dentro dele criasse raízes. O estudante, conhecendo por necessidade histórica a arte do passado e suas leis, saberá também que nem sempre estas mesmas leis poderão ser empregadas no presente. Cada quadro oferece suas exigências próprias e o julgamento deles é diferente, dependendo da harmonia final de uma lógica interior, de um equilíbrio que varia entre razão e sentimento ou a soma dos dois. (Artigo para o jornal Estado de Minas, provavelmente década de 60)

24 de março de 2017

O RITMO E SUA TEORIA II



Equilíbrio racional encontraremos na arte de Leonardo e Rafael, e, no século XX, na arte de Seurat e Mondrian. Equilíbrio emocional, ou ritmo, encontraremos na arte de Greco, Van Gogh, Munch e nos expressionistas de modo geral.

O equilíbrio de um quadro não está condicionado à sua obediência a determinadas leis estáticas, manifesta-se de modo completamente diverso, de acordo com a intenção do artista, sua

personalidade, sua visão do mundo.

Não está preso a fórmulas, mas à coerência do próprio quadro.

“Compor não é apenas compartimentar a superfície, destinar um lugar para cada objeto, arrumar, determinar a proporção em que os elementos imaginários devem figurar na tela, calcular a zona possível dum vermelho ou dum azul, encher o espaço plano de acordo com um só ou com vários pontos de observação. Se se pode dizer que há leis fundamentais da composição a que é impossível fugir, é preciso acrescentar que obedecer-lhes mecanicamente seria a negação da própria arte. Essas leis são gerais e impessoais e o conceito estético exige personalidade. É por outra qualidade, o ritmo, que a composição se aproxima gradualmente do conceito pessoal e abandona, pouco a pouco a generalidade.” (M. Dionísio)

Compreendendo que a composição renascentista, revelando a ordem e a medida de determinada civilização, procura traduzir o sentido genérico da forma, o artista saberá fazer uso dela apenas quando o seu trabalho exigir a ordem e a medida intelectuais.

Podemos ver, no início do movimento moderno, exemplos diversos no uso da composição. Seurat, cuja atitude mental exigia equilíbrio racionalista, orientava suas composições dentro do corte de ouro e dos cânones; Cézanne fundia as duas tendências condicionando-as à sua necessidade de estrutura e expressão; Van Gogh, cuja arte brotou do impulso, apegou-se ao ritmo, estabelecendo uma ligação orgânica, emocional entre todos os elementos do quadro.

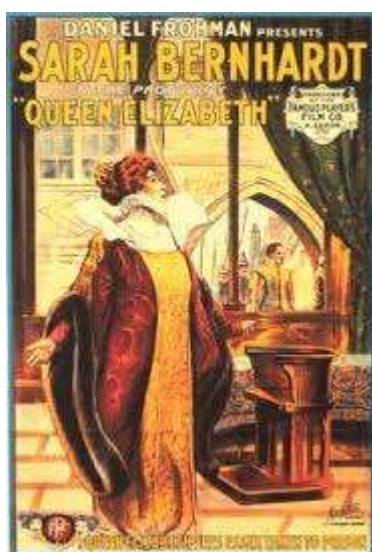
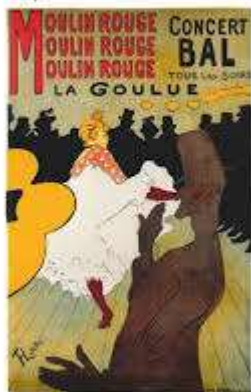
A comparação entre várias tendências, objetivará de modo consciente a capacidade do aluno, permitindo que ele também possa trazer a sua contribuição à arte de nossos dias. . (Artigo para o jornal Estado de Minas, provavelmente década de 60)

3 de abril de 2017

ARTE E CRIATIVIDADE I

O Cartaz Publicitário

O seu estudo encadenta a imagem.



*Fotos da internet

A criatividade acha-se ligada ao processo de percepção, pensamento e ação corporal, diz Herbert Read em seu livro “Arte e Educação”.

Procurando refletir sobre estas palavras, teríamos a arte como unificadora destes 3 elementos, como forma de equilíbrio do homem, harmonizando aquilo que ele tem de individual com a natureza que o cerca, as ideias e informações recebidas de fora, o comportamento da sociedade que o rodeia, e nesta época das comunicações rápidas, também com o mundo em que ele vive.

A criatividade é, portanto, forma de equilíbrio, de harmonia, de modificação de comportamento humano.

A ausência de criatividade conduziria a civilização ao caos. Imaginemos um mundo sem homens criadores. Não seria um mundo de animais ou robôs mecanizados?

Das civilizações primitivas as mais avançadas, os homens reagem aos estímulos que lhes veem do meio, criando no campo da ciência, da arte e da filosofia, procurando edificar, construir, progredir.

Na poesia eles se expressam através da palavra; na música combinam sons, na dança procuram o ritmo e a expressão corporal. Criam formas novas na arquitetura, escultura, desenho, gravura, enxergam ângulos diferentes na fotografia.

Criar, na esfera da arte, é, portanto, acumular percepções, sensações, vivências, e organizá-las de determinada maneira.

O homem cria porque sente necessidade de expressão, de comunicação.

Além de unificar as emoções humanas, a criatividade é também portadora de uma mensagem, de um sentido. A mensagem da arte concretiza-se no espaço e perpetua-se no tempo. A comunicação artística não é feita, portanto, para ser consumida imediatamente, como a propaganda.

O que interessa à propaganda é a mensagem para o momento. Mas se esta propaganda for artística, alcançará outros momentos no futuro.

Temos como exemplo os cartazes de Toulouse Lautrec, os anúncios das peças de Sarah Bernhard. Através de elementos artísticos que eles contêm, sua mensagem nos vem do passado e nos alcança no presente.

2 de janeiro de 2019

ARTE E CRIATIVIDADE II





*Fotos da internet

A arte expressa o que o homem tem de pessoal, mas também o que ele tem de universal. E é justamente dentro desta universalidade que a comunicação se faz mais veemente, universalidade que não compreende apenas uma geração, mas a totalidade de gerações presentes, passadas e futuras.

Por exemplo, não vivemos na Idade Média e, no entanto, nos comovemos com as catedrais medievais. Não estamos no ciclo do ouro em Minas Gerais, e até hoje a arte barroca nos sensibiliza.

A arte mexicana, a arte do Peru, feitas por índios inteiramente desligados do contato com a civilização ocidental, despertam em nós admiração por um passado glorioso, essencialmente criador.

Há, portanto, elementos universais na obra de arte, que comunicam às outras gerações a linguagem artística.

Esta linguagem parte do subjetivo para o objetivo, do particular para o universal.

Mesmo em nossa época de constante mecanização da vida, ainda conservamos a liberdade de sentir e pensar individualmente, mesmo que estes pensamentos não se ajustem às nossas ações.

Nos Estados Unidos, Andy Warhol usou propositalmente processos mecânicos para se expressar. Evitou qualquer contato com a tela a ser pintada. Dizia ele: “somos ensinados a pensar pelos meios de comunicação, comemos os mesmos alimentos manufacturados, nossas roupas vêm em tamanhos padrões, o individualismo desaparece cada vez mais.” E prossegue: “o motivo de estar

pintando dessa maneira é porque quero também ser como uma máquina, mas, seria terrível se todos o mundo fosse igual”.

Mesmo Warhol, reconhecendo sua mecanização, a quer individual. Seria realmente terrível se todo mundo as padronizasse. É justamente a oposição dos contrários que totaliza uma civilização. Daí brotam novos caminhos, novas ideias.

Aos estímulos do meio, cada indivíduo reage a seu modo. Vivemos numa mesma cidade, assistimos aos mesmos programas de TV, lemos os mesmos jornais. Mas nossas reações diante do que nos é proposto de fora diferem de acordo com nossa personalidade.

Quando sentimos e pensamos, somos livres, quando agimos, nem sempre somos livres.

Para isso, basta lembrar que somos diferentes uns dos outros, não só física, como psicologicamente. E é justamente atendendo a estas diferenças individuais, que teremos sempre formas variadas de expressão artística.

7 de janeiro de 2019

ARTE E CRIATIVIDADE III



*Fotos da internet

No processo de criação podemos destacar atividades físicas, intelectuais e psicológicas, que combinadas se estruturam em determinadas formas de expressão.

A criatividade compreende a sensibilidade, para perceber, sentir; a imaginação, para criar; o gosto, para selecionar; a memória, para reter; a inteligência e intuição para organizar; a vontade, para realizar. A vontade sobretudo, é elemento indispensável à criatividade. Sem ela de nada adianta os outros elementos.

A criatividade passa por etapas que vão da motivação à realização. Se vemos determinada coisa que nos sensibiliza, uma paisagem, as manchas de um muro velho, as nuvens que se formam no céu. Ouvimos determinada música, lemos um trecho de um poema ou de uma estória. Desejamos expressar aquela emoção que a música ou o poema nos proporcionam.

Às vezes queremos transmitir um sentimento que o mundo nos sugere: a conquista espacial, a miséria do nordeste, nossas recordações de infância.

Nossa sensibilidade foi motivada para a criação.

Mas, para que este sentimento se transforme em arte, é necessário que ele passe do plano do irreal para o real, do inconsciente para o consciente, da fragmentação de ideias para a seleção e organização, do sentimento estético para a estética. Sentir, agir, pensar e organizar, são constantes na criatividade.

A arte reúne aquilo que é latente em cada pessoa humana, as informações que lhe chegam de fora através do meio social, ou dos meios de comunicação. Aí incluímos teorias, escolas, artesanatos e o conhecimento das técnicas artísticas.

28 de janeiro de 2019

ARTE E EDUCAÇÃO I



Foto: internet

Para considerarmos a arte como a grande construtora da paz no mundo, teremos de estudá-la sob o ponto de vista de seus valores educativos.

Herbert Read mostra-nos a influência do meio sobre o desenvolvimento da consciência do ser humano. Isso nos indicaria também a necessidade da arte na educação para despertar essa consciência. Uma educação que visa apenas ao acúmulo de conhecimentos ou à repetição de fórmulas do passado seria uma educação fragmentada. Não atingiria o desenvolvimento da criança sob todos os seus múltiplos aspectos. O acúmulo de conhecimentos teóricos, não vivenciados, permite apenas uma visão parcial. Para haver compreensão total, é necessário viver o aprendizado e percebê-lo de forma global. O papel de educador assume um caráter de constante humildade diante do novo que desperta. A criança tem sua própria individualidade e não pode ser moldada de acordo com normas. Desta forma, o desenvolvimento da consciência, feito com o auxílio da arte torna-se um processo natural de crescimento. O conhecimento do corpo nos faz conscientes de nossa realidade mais profunda. Sentimos que estamos unidos a tudo o que existe, percebemos o nosso relacionamento com os animais, as pessoas e a natureza. O corpo é o primeiro instrumento de conscientização. O movimento do corpo traria como consequência o movimento das mãos, que funcionam como intermediárias entre a mente, o físico e as emoções.

Na educação pela arte, as mãos ocupam um lugar de grande importância, pois permitem o extravasamento imediato dos símbolos do inconsciente, aflorados através de formas, cores e sinais gráficos. As projeções da criança, seus primeiros contatos com a família e a sociedade são revelados em sua arte. A criança não consegue se esconder em seus desenhos. Mostra-se totalmente, deixando-se expandir sem reservas; seja no desenho, na pintura, na modelagem ou na construção espacial, a criança está diretamente revelando o seu mundo. Todas as atividades não verbais estão em contato direto com as emoções, os sentimentos e o intelecto, o que permite trazer à tona alguma coisa daquilo que a palavra não pode atingir.

A educação pela arte desperta na criança, no adolescente e no adulto aquilo que ele tem de positivo e com isso contribui para o seu equilíbrio como pessoa humana.

18 de março de 2013

ARTE E EDUCAÇÃO II



Fotos: internet

Para nos compreendermos como uma síntese do universo, devemos começar com a educação de todas as potencialidades contidas em nosso corpo, de nossos movimentos e vibrações mais sutis. Somente correspondendo à grandeza do mecanismo de nosso próprio corpo, de nosso psiquismo e de nossa mente com todo o seu potencial, poderemos alcançar a realização de nós mesmos como seres humanos, vivos e habitantes de um planeta. A verdadeira paz “em escala planetária” brota espontânea desse conhecimento de nós mesmos. Só então seremos livres e poderemos repetir como o oráculo de Delfos: “Conhece-te e sê livre”.

Muitas pessoas não sabem qual profissão seguir; as práticas de autoconhecimento, a reflexão e a observação constante dos “sinais da vida”, ou seja, estar atento ao fluir dos acontecimentos e às respostas que eles nos trazem, podem ser úteis nesta descoberta. Se aprofundarmos o nosso conhecimento profissional, melhoramos a qualidade do trabalho; mas, para que não sejamos “especialistas fragmentados”, poderíamos enriquecer nosso dia a dia também com atividades diversificadas. Essas, além de despertarem potencialidades dentro de nós, nos harmonizam, possibilitando até um maior rendimento no trabalho. Atualmente, os artistas estão compreendendo que o desenvolvimento de suas aptidões artísticas não se destina apenas a apresentações públicas e ao reforço do ego, mas ao trabalho muitas vezes anônimo de ajudar os outros a criar. A evidência de tais acontecimentos eleva o conceito da arte para um plano superior, onde ela encontra a reeducação do ser humano como princípio básico. Antes, as pessoas só procuravam cursos de arte quando pretendiam seguir uma carreira profissional. Hoje, essas atividades também são consideradas como forma de harmonização do ser humano, além de despertar o lúdico e a alegria

de viver. Promovem não só o equilíbrio do indivíduo, mas também a melhoria de seu relacionamento com outras pessoas e com o mundo à sua volta.

A partir do momento em que as pessoas reconhecem seus dons e talentos e os desenvolvem partindo da própria essência, elas se realizam e passam a respeitar os outros e a admirar as diferenças que existem em cada uma delas. Isto contribui naturalmente para transformar atitudes de competição em cooperação e revalorização do trabalho em equipe.

Num mundo globalizado, onde os valores econômicos são colocados de forma prioritária, a arte pode parecer desnecessária. Porém cabe justamente a ela o grande papel de harmonizadora de conflitos internos, vindo a influir mais tarde nos conflitos externos da sociedade. Para haver a harmonização do ser humano, torna-se necessária a união dos opostos, razão e intuição, o equilíbrio do lado esquerdo e direito do cérebro. Também para a harmonização do planeta, torna-se necessário o equilíbrio dos seus lados esquerdo e direito, que correspondem à razão do mundo ocidental e à intuição do oriental.

A identificação do artista ou artesão com esse sentimento universal produziu, desde épocas remotas, obras de arte que permanecem no tempo, com a vitalidade do momento criador. Sentimos esta energia espiritual na arte dos povos primitivos, nas esculturas egípcias, na arte pré-colombiana, na arte cristã e na oriental. O gesto do artesão anônimo esculpindo a pedra ou trabalhando a madeira era cheio de temor diante do invisível. Sintonizando o movimento da mão com o movimento da alma, o artista ou artesão integrava-se ao universo, associando a criatividade ao impulso místico. Sua arte expressava o individual e a profundidade do sentimento universal. Acompanhando a evolução da arte ao longo da história, podemos ver a importância da espiritualidade estimulando a criação artística, desde as mais remotas civilizações. Lidando com a terra, a água e o fogo, os artesãos se aproximam da essência do ser humano, tocando, às vezes, os mesmos símbolos e arquétipos que inspiraram outros artesãos em diferentes partes do mundo.

Finalizando, podemos dizer que a arte estendida à vida é a resposta que diversos grupos de pessoas estão dando a um chamado cósmico de evolução do planeta.

1 de abril de 2013

REEDUCAÇÃO ATRAVÉS DAS ARTES



Foto: internet

A arte é grande auxiliar da educação. Uma educação que visa apenas ao acúmulo de conhecimentos ou à repetição de conceitos do passado é uma educação fragmentada. Não atinge o desenvolvimento do ser humano sob todos os seus múltiplos aspectos. O acúmulo de conhecimentos teóricos, não vivenciados, permite apenas uma visão parcial. Para haver compreensão total é necessário viver o aprendizado e percebê-lo de forma global. O papel do educador assume um caráter de constante humildade diante do novo que desperta. Todo ser humano tem direito à sua própria individualidade e não pode ser moldado de acordo com normas.

O desenvolvimento da consciência, feito com o auxílio da arte, torna-se um processo natural de crescimento. O movimento criador é um impulso do ser humano, que flui diretamente de suas raízes mais profundas. As artes da dança e da música são aberturas para o movimento, despertando o jovem para a compreensão do seu relacionamento com o espaço que o rodeia. Por meio da dança espontânea e da expressão corporal ele pode conhecer e explorar seu próprio corpo, veículo de todo um potencial interno. O conhecimento do corpo nos faz conscientes de nossa realidade mais profunda. Sentimos que estamos unidos a tudo o que existe, percebemos o nosso relacionamento com os animais, as pessoas e a natureza. O corpo é o primeiro instrumento de conscientização.

O movimento do corpo traz como consequência o movimento das mãos, que funcionam como intermediárias entre a mente, o físico e as emoções. Na educação pela arte, as mãos ocupam um lugar de grande importância, pois permitem o extravasamento imediato dos símbolos do inconsciente, aflorados através de formas, cores e sinais gráficos. Todas as atividades não verbais estão em contato direto com as emoções, os sentimentos e o intelecto, o que permite trazer à tona alguma coisa daquilo que a palavra não pode atingir.

A arte na educação vem contribuir para o reencontro do homem consigo mesmo e com a natureza para mais tarde, espontaneamente, despertá-lo para a sua posição no universo. Então ele

compreende, sem esforço, que a verdadeira sabedoria não pode ser encontrada fora, nos objetos e coisas do mundo, nem no acúmulo de conhecimentos teóricos, porque já existe dentro dele, desde a infância. São recursos de reconstrução humana as aulas de criatividade nas Escolas de Belas Artes, os workshops nas empresas, os teatros e corais nos asilos, hospitais e creches, os espetáculos circenses nas ruas, os saraus que se organizam nas festas familiares, os contadores de histórias e várias outras iniciativas que emergem espontaneamente em vários segmentos da sociedade. A arte do momento desce dos museus e galerias, deixa de ser privilégio das elites, para ajudar a humanizar o nosso cansado e violento mundo materialista. Para haver a harmonização do ser humano, torna-se necessária a união dos opostos, razão e intuição, o equilíbrio do lado esquerdo e direito do cérebro. Também para a harmonização do planeta, torna-se necessário o equilíbrio dos seus lados esquerdo e direito, que correspondem à razão do mundo ocidental e à intuição do oriental. Para nos compreendermos como uma síntese do universo, devemos começar com a educação de todas as potencialidades contidas em nosso corpo, de nossos movimentos e vibrações mais sutis. Somente compreendendo a grandeza do mecanismo de nosso próprio corpo, de nosso psiquismo e de nossa mente com todo o seu potencial, poderemos alcançar a realização de nós mesmos como seres humanos, vivos e habitantes de um planeta. A verdadeira paz, em escala planetária, brota espontânea desse conhecimento de nós mesmos. Só então seremos livres e poderemos repetir como o oráculo de Delfos: "Conhece-te e sê livre".

20 de dezembro de 2013

ARTE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA



Fotos: Luciano Luppi e internet

Os acontecimentos na escola do Realengo no Rio de Janeiro, que traumatizaram o mundo inteiro, precipitaram diversas ações voltadas para prevenir a violência.

Minha neta Alice, que coordena a área de controle de armas do Instituto Sou da Paz, deu o seguinte depoimento sobre uma campanha junto às crianças para conscientizá-las sobre a importância de prevenir a violência: “Foi interessante a experiência acontecida na zona sul da cidade de São Paulo, na região do M’Boi Mirim, em abril de 2011. Entre os dias 11 e 15, o Instituto Sou da Paz articulou a Semana do Desarmamento Infantil, junto com a Polícia Militar, a Guarda Civil e a Subprefeitura do M’Boi Mirim. Durante esses dias, as crianças da região receberam aulas sobre os perigos das armas e puderam trocar armas de brinquedo por revistas em quadrinhos. As crianças deram uma lição de cidadania. Além de entregar as arminhas, elas também entregaram filmes e jogos violentos. Muitas escolas que aderiram à iniciativa depois nem puderam oferecer os gibis em troca das arminhas entregues – mas não isso não foi um problema!”

Alice continua seu depoimento lembrando o papel da criatividade artística como forma de expressão a serviço de uma cultura de paz: “As crianças não só entregaram arminhas como também compuseram músicas e peças de teatro pelo desarmamento, pintaram e desenharam símbolos da paz e transformaram brinquedos violentos: uma espada virou um pássaro, e outras espadas foram “plantadas” em um vaso e viraram flores. Foi um espetáculo!”.

Vivemos em período de transição, de lutas e ideias contraditórias, mas a experiência nos faz conscientizar e discernir. A juventude, corajosamente, quebra as estruturas convencionais e nos obriga a uma revisão de valores. A criança já começa a ser despertada para a criatividade e a arte, considerada elemento indispensável na educação. Segundo Herbert Read “A finalidade geral da educação é estimular o crescimento do que cada ser humano possui de individual, harmonizando ao mesmo tempo a individualidade assim conseguida com a unidade orgânica do grupo social ao qual pertence o indivíduo”. Esse estímulo ao crescimento individual em harmonia com o grupo é o papel da arte na educação. Nela a criança encontra apoio para o seu desenvolvimento integral, que não é feito na base da concorrência ou da vaidade pessoal, mas na base da colaboração e do respeito mútuo.

Pertencemos a uma comunidade da qual não devemos fugir. É nela que vamos crescer. Ela nos ajudará a conquistar essa harmonia. A arte na educação não visa o incentivo de uma só criança mais bem-dotada, mas a integração de todas no conjunto que formará a grande orquestra do futuro. Daí o perigo dos concursos infantis, das promoções que jogam uns contra os outros e que, em lugar de integrar, desintegram; em lugar de educar, deseducam. A criatividade é a forma de encontrar a liberdade, aquela liberdade que brota de dentro para fora, de uma pequena luminosidade que se

acende dentro de cada ser humano, para caminhar ao encontro da libertação completa. É liberando a energia criadora que damos o primeiro passo para esse encontro. Enganam-se muitos pensando que só os artistas criam e os outros apenas contemplam. A energia criadora é propriedade de todo o ser humano e manifesta-se em graus, intensidades e maneiras diversas. Ela é a força que conduz o homem a superar-se a si mesmo identificando-se com sua própria interioridade. A criatividade é necessária ao homem e sempre o tem acompanhado em sua evolução.

Agora, na era contemporânea, nesse encontro do oriente com o ocidente, encontramos a arte como forma de educação e recuperação do homem no século XXI, abrindo caminho por entre a barreira do materialismo, da massificação e da violência, despertando a criatividade que todo ser humano possui. A arte está sendo, mesmo inconscientemente, a energia que nos conduz a indagações mais profundas e nos prepara para a evolução. A criatividade estimulada e desenvolvida desde a infância será a forma de equilíbrio necessária à nossa época de automação. Incentivemos a criatividade, o trabalho das mãos, a libertação das potencialidades humanas e enxergaremos através delas o homem integral.

5 de maio de 2011

MULTICULTURALISMO E ARTE NA EDUCAÇÃO



Fotos: internet

Um velho de longas barbas brancas e turbante na cabeça aguarda a esposa que traz as

malas. O filho vem esperá-los no aeroporto de Londres, num carro último tipo. O avião veio de Delhi, capital da Índia, com 400 pessoas, superlotado, com muitas indianas vestidas de sáris, sandálias nos pés como se estivessem no calor da Índia. Aos poucos vou tomando consciência de que o antigo império britânico está recebendo agora o seu carma de conquistador. O invasor se vê invadido pelos povos conquistados e os indianos na Inglaterra formam nova colônia, realizando aquele desejo que os orientais têm de viver no ocidente. Moram em casas confortáveis e se instalam em vários bairros do subúrbio de Londres, mas voltam todos os anos à Índia para rever os costumes dos antepassados ou buscar a noiva prometida pelos pais. Os casamentos são realizados na Índia, com todas as comemorações festivas, mas a noiva vem morar na Inglaterra, com a família do noivo, pois isto é o costume na Índia. Os filhos são, de certo modo, a segurança para os pais durante a velhice, e moram com eles na mesma casa, muitas vezes devido à necessidade econômica. Recebem apoio dos avós e dos mais velhos, que ajudam na educação das crianças enquanto as mães trabalham fora. Há o tempo de ser sustentado pelos pais e o tempo de sustentar econômica e psicologicamente os mais velhos.

Fomos convidadas a conhecer uma família indiana residente em Londres. A mulher trabalha fora, no aeroporto, e o marido faz plantão no metrô subterrâneo, o "underground". Estão felizes com a nova pátria que adotaram e o frio de Londres faz com que recordem também do frio de Punjab, estado do norte da Índia, próximo aos Himalaias.

Marcamos encontro na entrada do "underground". Vieram nos receber num carro confortável, e a filha mais velha, estudante de universidade, vem conhecer os visitantes brasileiros. Os filhos rapazes usam turbante como o pai, os "sikhs" não mudam sua indumentária quando se estabelecem no Ocidente. O turbante é importante para identificá-los e para que se afirmem política e religiosamente como um grupo cultural da Índia.

Refletindo sobre a situação dos filhos dos imigrantes das ex-colônias britânicas, entrevistei Monica Keating, professora de arte da universidade da "Central England" que participou do Fórum das Américas, a convite da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Tive a oportunidade de conhecê-la pessoalmente no Retiro das Pedras, em um encontro informal onde ela descreveu com entusiasmo sua experiência em arte-educação da perspectiva de multiculturalismo. Coube a ela ensinar aos filhos de imigrantes vindos do Caribe, Índia, Paquistão, Bangladesh que entraram na Inglaterra atendendo às necessidades de mão de obra para trabalho depois da segunda guerra mundial. Monica analisa a situação dos muçulmanos e negros britânicos, isolados nos subúrbios das grandes cidades e considera o ensino da arte contemporânea, uma das formas de reduzir tal isolamento. A arte contemporânea permite a coexistência de diversas

técnicas e manifestações culturais. Com isso, facilita na busca da identidade necessária ao desenvolvimento dos jovens. A situação da mulher na cultura muçulmana está evidente nas caixas da jovem Rubina, de 17 anos: "esta é a minha prisão", relata a artista em seu trabalho, uma caixinha com arabescos muçulmanos, hermeticamente trancada, contendo em seu interior detalhes de fatos onde o olhar é velado às mulheres.

Rasheed Araeen, jovem paquistanês, critica em suas obras o isolamento dos artistas não ocidentais, considerados exóticos. A pintura coletiva foi usada por Monica Keating, como forma de aproximar os jovens e quebrar o isolamento causado pela discriminação.

Entre as artistas citadas por Monica destaca-se Ana Maria Pacheco, brasileira famosa na Inglaterra, cujo trabalho vem influenciando os jovens estudantes da educação multicultural. No momento, o governo se preocupa com a discriminação racial, promovendo o multiculturalismo através da arte. Num mundo conturbado por guerras e terrorismo, a arte na educação levanta a sua proposta de paz.

17 de setembro de 2014

ARTE E EDUCAÇÃO E O PENSAMENTO DE JOSEPH BEUYS



Fotos: internet

No despertar do século XXI, a proposta da arte como desenvolvimento humano torna-se prioritária. Refletindo o acelerado das manifestações artísticas que se desenvolveram no tumultuado século XX, podemos fazer uma reflexão de como esse processo planetário surgiu e como

se encadeou em sequência até o século XXI. Jean Cassou, o famoso crítico de arte europeu, previu uma mudança total nos valores estéticos a partir da segunda metade do século XX. Menos estética, mais ética, foi o lema da XXX Bienal de Veneza. Inconscientemente, impulsionada por uma necessidade planetária de evolução e abertura de consciência, a energia da criatividade foi conduzindo artistas e professores de arte a dedicar sua atenção ao despertar do mundo interno da criança e do adulto, através de todas as formas de expressão artística – dança, música, artes plásticas etc: “Arte não se ensina, desperta-se, orienta-se”. Cada instante criador corresponde à intensidade de um momento de vida. Ele é o esquecimento do passado com todo o acúmulo de conhecimentos e o despertar do presente em plenitude e riqueza? O ato de criação é um ato de presença. Criar é viver no presente. Neste aqui e agora, estão contidas nossas vivências individuais, enriquecidas das vivências do mundo a que pertencemos. Esse mundo está conosco, não podemos nos separar dele. O momento criador, quando vivido intensamente, é um retorno à Unidade Inicial. É, portanto, um momento de intensa alegria. Por meio da intuição, as ideias se harmonizam. A intuição é a claridade que vem de dentro de nós mesmos e não buscada fora, em ensinamentos. Desperta num momento inesperado, quando se transcende o pensamento lógico. O pensamento divide, separa, organiza. Ele é necessário para a organização final das ideias que surgem espontaneamente. O pensamento está ligado ao passado e por isso não pode iluminar os caminhos do futuro. Criar não é repetir o que se fez, mas acrescentar algo novo, transmutar condicionamentos enraizados, propor ideias. A presença do mestre incentiva a criação. O mestre autêntico não é aquele que julga segundo suas inclinações e preferências, mas é aquele que, de maneira desinteressada, compreende e conduz o aluno. Ele não traz valores fixos a decretar: desperta valores novos ao contato de sua presença, de seu estímulo. Segundo essa orientação artística, o aluno não visa apenas ao recebimento de um simples diploma ao final de um currículo, e sim à vivência de uma formação estética que não termina no período de aprendizagem, mas que se prolonga por toda a vida.

Joseph Beuys, cuja obra foi exposta na Galeria do Instituto Tomie Otake em São Paulo, foi um dos fundadores do movimento dos verdes e revolucionou o ensino de artes, com suas ideias de extensão da arte à vida. Beuys nos legou o conteúdo fundamental da sua mensagem artística:

- "Cada homem é um artista - a estética é o ser humano";

- "Deve haver uma relação entre o criador e o que usufrui - viver é criar com e para a humanidade".

- "Conceito ampliado de arte - arte é a vida".

- "Deus e o mundo são arte - arte é ciência e ciência é arte".

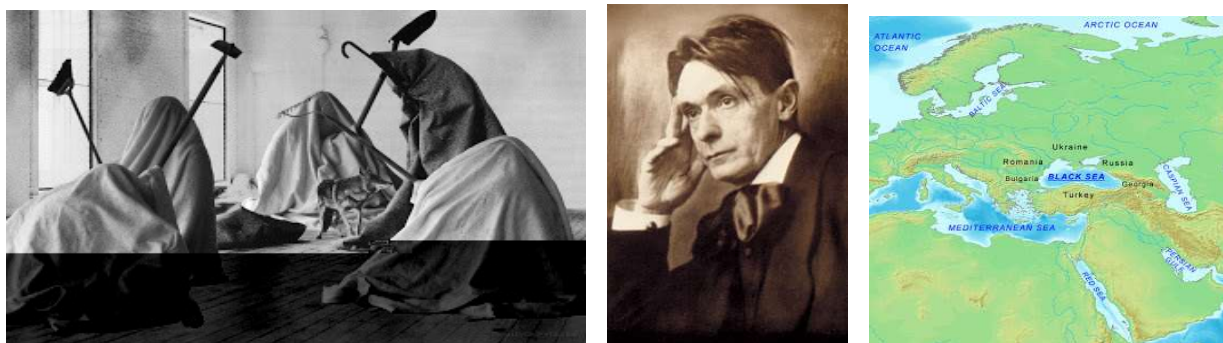
- "O uno é o múltiplo e o múltiplo é o uno."

Nestes simples aforismos explicita-se a sua filosofia de arte e de vida.

Por isso Beuys considera que "a criatividade não é monopólio das artes. (...). Quando eu digo que toda a gente é artista eu quero dizer que cada um pode concentrar a sua vida nessa perspectiva: pode cultivar a artisticidade tanto na pintura como na música, na técnica, na cura de doenças, na economia ou em qualquer outro domínio... A nossa ideia cultural é muitas vezes redutora. O dilema dos museus e das instituições culturais é que limitam o campo da arte, isolando-a numa torre de marfim. O nosso conceito de arte deve ser universal, terá que ter uma natureza interdisciplinar com um conceito novo de arte e ciência" (1979 – entrevista com Franz Hak).

22 de novembro de 2011

JOSEPH BEUYS II



Fotos: internet

Continuando a minha pesquisa sobre Joseph Beuys, vou relatar um pouco de sua vida, a partir da transcrição de uma entrevista dada a Franz Hak em 1979.

“Em 1941, Beuys com 20 anos toma conhecimento da obra de Rudolf Steiner, tendo frequentado os grupos de antropósofos em Dusseldorf. Por essa altura retém a ideia da "unidade na multiplicidade", dos quatro níveis do homem: corpo físico, corpo etérico, corpo astral e o "Eu". A relação que estabelece com a natureza vai marcar a influência da antroposofia de Steiner. A guerra representou, certamente, na sua vida um elemento central. No Inverno de 1943, como telegrafista num bombardeiro de combate, teve um acidente. O avião depois de atingido pelos canhões antiaéreos de uma base russa, despenha-se na Crimeia durante uma tempestade de neve. Beuys é o único sobrevivente. Está gravemente ferido. Uma fratura craniana, costelas, pernas e braços partidos.

Quando está à beira de morrer, um grupo de tártaros nômades, que transitavam por esse lugar, acolhem-no. Cobrem-no primeiro de gordura e aconchegam-no depois com panos de flanela.

E, num ambiente mágico, os "xamãs" da pequena tribo de nômades curam-no milagrosamente. Beuys vivencia essa presença "xamânica" como algo de exemplar e significativo para a sua vida e obra. Daí a importância constante da gordura e do feltro, materiais com os quais os "xamãs" o envolveram para o curarem das queimaduras e traumatismos sofridos com o acidente. Daí a constante atitude de profundo respeito pela natureza e pela espiritualidade cósmica.

A relação com a tribo nômade quase o leva a optar por ficar para sempre nesse grupo de tártaros. Porém, para Beuys, a ligação à natureza não é xamânica. É uma espiritualização do futuro, como na antroposofia que subjaz à sua formação. A pesquisa espiritual de Beuys não procura no passado. Integra o passado espiritual num projeto de futuro. Uma espiritualidade consciente e não atávica; não adquirida, mas construída... Ultrapassar o irracional e o racional, através de uma procura em que o "oculto" se torna "manifesto".

A artisticidade de Beuys é o cotidiano, acessível a toda a gente, processo contínuo, obra aberta para todos os imaginários que na participação, no debate e na ação solidária vão criando mudança de vida.

3 de dezembro de 2011

CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA ESCOLA DE ARTE



Fotos: internet

Esta é uma homenagem a Rubens Gerchman por sua visão holística da arte.

(Depoimento obtido em 1976 no Rio)

“Nossa visão egocêntrica deverá evoluir para uma consciência total, comunitária”. Lembrando estas palavras proféticas de Vasarely, podemos trazê-las para o ensino da arte. Uma escola de arte, para ser realmente renovadora, tem de ser participante dessa consciência total. Não são os currículos nem a burocracia que a fazem crescer, mas antes de tudo o entusiasmo e a força criadora de seus líderes. A criatividade, impulsionando uma organização, torna-se uma força geradora em pleno movimento. Podemos sentir a presença desta energia renovadora na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro, orientada por um grupo de professores, tendo à frente o conhecido artista Rubens Gerchman. Trazendo a criatividade para a vida, ele a põe a serviço do bem comum. De acordo com seu próprio depoimento: “Quando concebi a nova escola de artes visuais, pensei em sua estrutura como uma ampla rede comunicante, onde a informação pode fluir constantemente, modificando e reorientando as diversas áreas de conhecimento”. Dentro deste esquema flexível, aberto ao novo, a Escola de Artes Visuais elabora um trabalho de síntese que se estende para outros campos de atividades artísticas, visando despertar o aluno para uma visão global da arte e da vida.

Procurei entrar em contato com a escola de modo geral, admirando o seu sentido dinâmico e renovador.

Tive a oportunidade de assistir a uma aula da Oficina do Corpo, dirigida por Hélio Eichbauer. Percebe-se a preocupação do professor de conduzir seus alunos para a consciência da unidade.

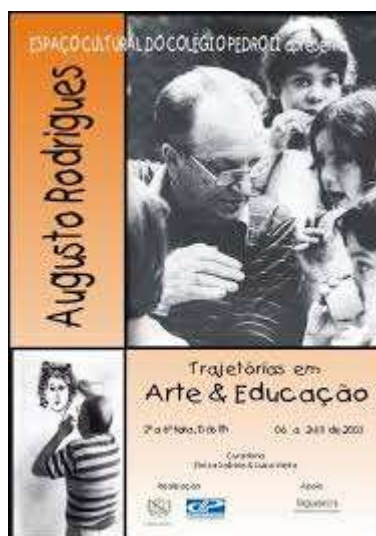
“Sua atuação como cenógrafo em treze anos de intensa atividade profissional e sobretudo sua flexibilidade como artista pesquisador, seu interesse por música, dança, teatro e pintura (artes plásticas) possibilitaram a realização de uma proposta aglutinadora dessas diversas manifestações de arte. Lembro-me de Jackson Pollock pintando com o corpo, gestos sobre telas estendidas no chão (action painting), dos calígrafos japoneses, das manifestações do body-art nos anos 70, tentativas de recuperação do equilíbrio mente-corpo, e observo a transformação desta informação em experiência vivida nos trabalhos de criação coletiva dos alunos de Hélio Eichbauer”. Assim se expressou Rubens Gerchman sobre seu colega da Oficina do Corpo, por ocasião da exposição comemorativa de seus treze anos de produção em cenografia. Hélio Eichbauer leva o aluno à consciência do corpo, dentro de uma pesquisa coletiva. Dentro desta visão total, a arte poderá se estender para a vida e se realizar na própria vida.

Em minhas visitas à Escola de Artes Visuais, o que mais me chamou a atenção desde o início foi a possibilidade de o aluno obter conhecimento através da própria vivência transmutada ao nível consciente. Dentro desse caminho de abertura da percepção encontrei, no curso de transformação

de materiais a cargo da professora Celeida Tostes, uma verdadeira abordagem de alquimia. Tendo-se aperfeiçoado em arte-educação na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, Celeida conduz seus alunos a uma relação sensorial com os quatro elementos da natureza: fogo, terra, água e ar, anexados a elementos e substâncias químicas. A apreensão direta do conhecimento é percebida através dos cinco sentidos, buscando a síntese corpo e mente. Suas aulas não conduzem apenas à observação visual das formas, mas ultrapassam o mundo do conhecido, para mergulhar no desconhecido. Trazendo a mensagem do inconsciente para o consciente, o aluno estará apto a encontrar seu próprio ritmo destruindo, criando e transformando a matéria dentro deste ritmo. Há uma busca das origens nessa descoberta interior que permite, através da transmutação dos elementos da natureza, também a compreensão do relacionamento homem-universo.

1 de setembro de 2015

AUGUSTO RODRIGUES E A ARTE NA EDUCAÇÃO I





Fotos da internet

Encontrei nos meus arquivos anotações de aulas recebidas na Escolinha de Arte do Brasil, sob orientação do grande artista e educador Augusto Rodrigues.

O programa da arte na educação, iniciado e mantido com sucesso por Augusto Rodrigues, é um dos pontos fundamentais de progresso na era que se iniciou com a conquista do espaço.

Dentro desse esquema, partindo-se do princípio de que o indivíduo só se integra à sociedade quando pode criar e desenvolver sua própria personalidade, podemos imaginar o homem do futuro integrando um conjunto de forças que visam o impulso para a frente e não a passividade diante dos conceitos antigos, conceitos e fórmulas que sempre atrasaram o progresso.

Segundo Augusto Rodrigues, a arte na educação visa antes de tudo essa liberdade da personalidade humana e, portanto, a conscientização plena do que o indivíduo pode realizar, qual a sua dimensão nesse mundo tão rico em potencialidades, mas quase sempre tão opressor. A arte ainda é uma das formas de liberdade mais genuínas.

O artista cria porque quer, dentro do esquema que sua arte exige; se às vezes submete-se às pressões externas e a exigências de correntes, sempre encontra à sua frente a evasão para a liberdade, para o pleno domínio de suas energias criadoras. A arte na educação visa o

desenvolvimento das possibilidades criadoras e a libertação da passividade diante das coisas.

Liberta e coordena ideias. Através da arte na educação, a criança se afirma e participa melhor da coletividade em que vive, sabendo desempenhar realmente o seu papel de membro atuante de uma coletividade. A época em que vivemos exige participação construtiva, pontos de vista claros, conscientes, sem mistificações. Os frutos da ciência alcançam órbitas maiores e não se fecham dentro de laboratórios. O progresso é televisionado, irradiado, filmado, pertence ao mundo. Isto nos irmana de certo modo. Há de chegar a época em que o homem sem neuroses, integrado dentro da sociedade, será o esteio desta sociedade. Todos os impulsos negativos serão ajustados para um progresso que seja realmente de toda a humanidade.

O papel dos psicólogos e educadores assume dimensões de grandeza neste advento de uma nova era. É através da redescoberta de si mesmo que o homem pode conhecer também seus semelhantes. Seu núcleo interior é atingido no momento criador, despertando espontaneamente a consciência de si mesmo. A arte é o caminho direto para esta redescoberta do eu porque o ato criador representa o próprio encontro com a vida. É nesse encontro diário, estimulado e despertado pelo educador, que a criança poderá se abrir para a sua própria realidade.

12 de setembro de 2016

AUGUSTO RODRIGUES E A ARTE NA EDUCAÇÃO II





Fotos da internet

As palavras de Augusto Rodrigues nos fazem refletir sobre Arte e Educação:

“O processo da educação se objetiva, quando se abrem janelas para que o homem veja a integração arte/ciência como algo normal em sua vida, a começar pela descoberta de seu próprio corpo como um laboratório prodigioso e capaz de fazê-lo compreender o universo, chegando normalmente à descoberta e escolha de suas próprias vocações. Mas, como irei me identificar com o universo se, antes de tudo, não me identifico com o microcosmo que sou eu mesmo, que é meu corpo como síntese do universo?”

Para nos compreendermos como síntese do universo, devemos começar com a educação de todas as potencialidades contidas em nosso corpo, de nossos movimentos e vibrações mais sutis. Somente compreendendo a grandeza do mecanismo de nosso próprio corpo: de nosso psiquismo e de nossa mente com todo o seu potencial, poderemos alcançar a realização de nós mesmos como seres humanos, vivos e habitantes de um planeta. A verdadeira paz “em escala planetária”, brota espontânea deste conhecimento de nós mesmos. Só então seremos livres e poderemos repetir como o oráculo de Delfos: “Conhece-te e sê livre”. A liberdade interna e a redescoberta do homem interior, é o que Augusto Rodrigues semeou entre as crianças na sua Escolinha de Arte do Brasil. A sua semente germinou, atingiu e influenciou diversas escolinhas de arte.

A experiência de Augusto Rodrigues visava o desenvolvimento de pequenas comunidades, através da criação de três centros estimuladores de um processo de transformação. Estes centros compreendiam:

1. A criação da Casa da Memória, que recolhia depoimentos de todos os homens e mulheres acima de 50 anos, buscando dar uma visão da história e do desenvolvimento socioeconômico e cultural da comunidade. Este primeiro centro procurava valorizar o homem como um ser criador do nascimento

à morte e restabelecer o diálogo entre os jovens e aqueles que, em função da idade, são depositários de uma rica experiência de vida.

2.O segundo centro seria a casa das “Artes do fazer”, estimulando as experiências do fazer da comunidade.

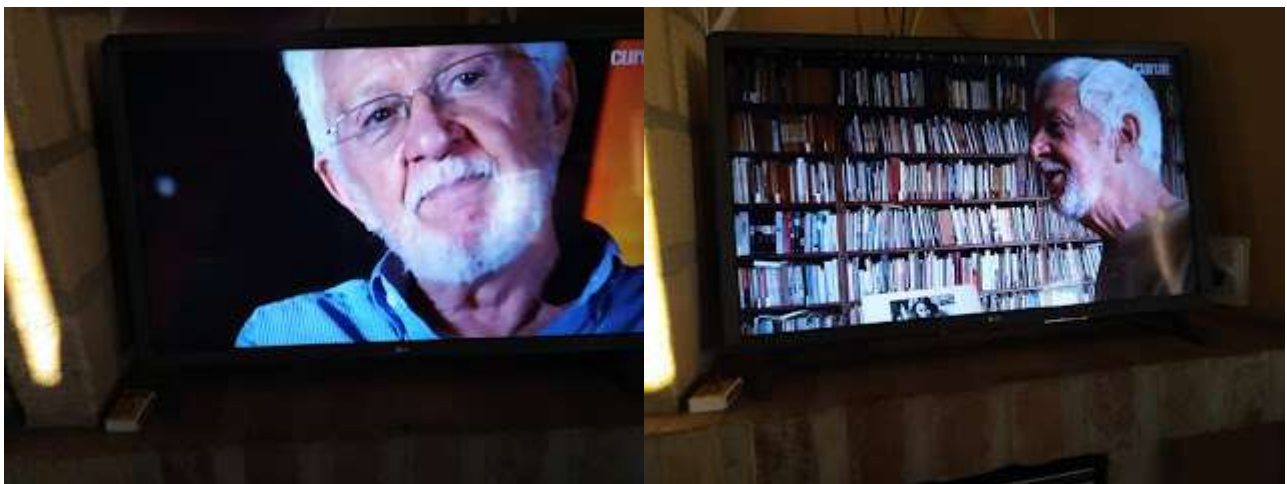
3. O terceiro centro seria a Aldeia das Descobertas, instalada na área rural, atraindo as crianças para a redescoberta da natureza.

O plano visava a integração do homem com a natureza, consigo mesmo e com seus semelhantes, através da abertura de consciência e da descoberta das possibilidades do indivíduo. Esses pequenos núcleos criativos seriam a base para uma formação da comunidade como um todo harmonioso e integrado.

As propostas de Augusto Rodrigues só poderiam ser atingidas em plenitude se as forças se coordenassem, não através da violência e da coação, mas da compreensão e do aproveitamento de todas as energias vitais do homem. Isto porque, para haver realmente progresso, é necessária uma colaboração de todas as forças vivas do planeta em que vivemos, sem distinção de raças, nacionalidades, crenças e idades.

19 de setembro de 2016

FREDERICO MORAIS





Fotos de Ivana Andrés

Estou frente à TV, assistindo no Canal Curta, os *Domingos de Criação* de Frederico Morais, um sucesso conquistado por um mineiro no Rio de Janeiro. Vejo na tela o quanto ele conquistou o Rio, numa época ainda sombria, em plena ditadura militar. Vejo a alegria e a descontração dos cariocas, pessoas idosas, jovens, crianças, todas participando de um momento único nos jardins do Museu de Arte Moderna.

Havia uma energia coletiva com aquela possibilidade de criar juntos, esquecer os problemas cotidianos e mergulhar no mundo mágico da criação. Frederico distribuía rolos de papel e rolos de pano, tintas, pincéis, abrindo a todos a possibilidade de criar sem medo de errar. No documentário estão artistas e poetas famosos, como Cildo Meireles e Silviano Santiago.

Em torno de Frederico, vejo os repórteres tomando nota, fazendo perguntas. A reportagem nos conduziu até a casa dele, no bairro Santa Teresa, e à sua enorme biblioteca, onde ele pode falar um pouco sobre sua vida.

- “Perdi meu pai cedo e comecei a trabalhar na adolescência.”

Lembro de Frederico em Belo Horizonte, quando ele, ainda com seus 17 anos, trabalhava no Banco Vera Cruz, na rua dos Caetés. Eu tinha pintado um biombo para o Banco, na minha fase construtiva e Frederico gostava muito de arte. Quando eu chegava no Banco, para movimentar o meu dinheiro, ele corria para me atender. Foi uma amizade que começou na década de 1950, quando eu participava das bienais e me dedicava à minha família e à minha arte.

Anos mais tarde ele me chamou para chupar jabuticabas no seu sítio, no bairro Santa Lúcia e ali encontrei com sua esposa Wilma Martins, grande artista, hoje nacionalmente reconhecida. Wilma foi minha aluna na Guignard, e por seu merecido talento, ganhou naquela época o primeiro

lugar no Salão da Prefeitura de Belo Horizonte. Eu era parte do júri. Depois nos perdemos de vista. Frederico foi morar no Rio, conquistou o público carioca. Em um dos depoimentos ele diz: “Devo ter feito a cabeça de muita gente”.

Frederico se tornou um artista conceitual e dedicou também aos áudios-visuais, uma forma de fazer arte que antecipou os vídeos. Uma de suas propostas conceituais foi realizada no evento *Do corpo à terra* e teve a participação do meu filho, Maurício, como fotógrafo. A amizade dele com os Andrés se estendeu também à minha filha Marília, que defendeu uma tese sobre as Neovanguardas de Belo Horizonte nos anos 1960, cuja participação de Frederico Morais foi muito importante.

E foi neste documentário sobre este grande crítico, curador e artista que eu pude também participar à distância dos famosos “Domingos de Criação”.

Parabéns, Frederico Morais, você conquistou um espaço na arte brasileira que nunca será esquecido.

2 de novembro de 2020

SALÃO DO ENCONTRO





Fotos: internet

Fomos visitar o Salão do Encontro em Betim, criado e dirigido por Noemi Gontijo. Noemi é minha conhecida desde os tempos de meu marido, Luiz Andrés, muito amigo e grande admirador de sua obra. Até hoje, com mais de noventa anos, Noemi está à frente de tudo o que acontece naquele educandário de fama internacional que promove ações para a redução da desigualdade social através da educação pela arte.

Noemi nos recebeu com muito carinho. O Salão do Encontro representa na atualidade um “Centro de Referência Educacional e de difusão da Arte Popular”.

Fundada em 1970, a instituição busca a erradicação da pobreza e a dignidade da vida oferecendo educação, capacitação, cuidados com a saúde e moradia à população carente da cidade de Betim, a 30 km de Belo Horizonte.

O Salão é referência para pesquisadores do mundo inteiro e logo de entrada podemos ver um grande painel com representantes de diversos países do mundo que ali estiveram para visita e participando de residências artísticas.

Percorrer os diversos departamentos do educandário, sentir de perto a capacidade de doação e dedicação desta educadora é programa para muitas visitas.

As crianças aprendem brincando, são alegres e fazem trabalhos muito interessantes.

Há um berçário para os filhos das mulheres que ali trabalham. Podemos ver de acordo com a idade, os diversos grupos de crianças que se vestem com a cor correspondente a sua turma – os periquitos de três anos se vestem de verde, falam todos ao mesmo tempo. Em seguida vêm os canários, depois os azulões – todos acompanhados pelas professoras.

As aulas de contadores de estórias são dadas ao ar livre, debaixo de uma árvore. As crianças se sentam em tocos e o toco maior é da professora.

Faz lembrar as aulas na Índia, dadas embaixo de “banyan trees”.

Noemi criou, ela mesma, os diversos prédios do Salão, usando bambus no chão para determinar tamanhos. Para a construção foram convocados os presos de um presídio próximo. Segundo seu depoimento, as salas têm janelas enormes dando para os jardins, para que a paisagem faça parte das salas. As tintas das aulas de pintura são retiradas da própria terra do educandário. Há o processo de socar a terra com o pilão, depois a terra é peneirada e decantada para se retirar a tinta que será usada com a emulsão para a pintura.

Naquela escola a criança aprende pintura, tecelagem, modelagem. As aulas de tecelagem ajudam na coordenação motora e na matemática.

O aprendizado se torna um jogo prazeroso, sem imposições externas. Despertar a criatividade é uma constante em todos os departamentos. Logo no início das aulas, todos vão para a “Escola de Circo”, destinada ao despertar da espontaneidade da criança.

O resultado obtido é muito bom e este programa social merece ser visto e estudado por todos.

18 de janeiro de 2016

PORTO TROMBETAS, BRASIL, FRANÇA





*Fotos da internet

Em julho de 1989, eu me encontrava em Porto Trombetas, no Pará, a convite do Colégio Pitágoras, a fim de realizar ali um workshop de 25 dias para 25 professoras.

A intenção era trabalhar a arte em seu processo criativo. Escolhi como tema a sinopse do meu livro “Os Caminhos da Arte”, uma visão holística da arte considerada sob o ponto de vista de transformadora da sociedade.

Com o auxílio de minha filha Ivana, que viajou comigo para Porto Trombetas, consegui montar um esquema de trabalho um pouco planejado e muito improvisado, contando sempre com a ajuda das alunas e dos recursos que encontrávamos no local.

Todas as aulas contando a história do planeta desde os mitos de criação até a arte contemporânea, foram vivenciadas com o auxílio de painéis coletivos feitos em papel Kraft e pincel atômico, tintas, argila, tocos de madeira e outras coisas coletadas nas ruas da cidade, descartadas pelo consumo.

Algumas vezes fazíamos teatro e os alunos produziam o cenário, os próprios figurinos e adereços e criavam uma cena. Usando a criatividade, eles nunca se esqueceriam dos fatos históricos.

Assim fomos passando pela história e vivenciando o passado artístico de nosso planeta.

Muitas vezes usávamos música, dança, relaxamento, discursos, manifestos. Uma das vivências mais interessantes foi a realizada por um grupo de alunos em homenagem ao dia 14 de julho.

Fizemos um painel coletivo, um desenho de 2 metros, representando duas grutas, uma no Brasil e a outra na França, com os seus desenhos pré-históricos.

Houve uma comunicação muito intensa entre os dois países, mostrando a semelhança dos homens pré-históricos, separados por muitos mares, mas unidos ali, no mesmo contexto histórico.

Com este painel coletivo ficou registrada a semelhança do traço e da escolha dos mesmos

temas, mostrando a unidade que existe entre os diversos povos da terra.

No final de cada experiência, trocávamos ideias, discutíamos sobre as semelhanças e contrastes entre os dois países.

O trabalho foi realizado no dia 14 de julho, e ali mesmo prestamos homenagem àquele país amigo.

Os desenhos das duas cavernas, uma em Lagoa Santa, Minas Gerais, e a outra em Lascaux, na França, nos permitiram tomar consciência de que a terra é a mesma e os povos se assemelham, reproduzindo os desenhos rupestres deixados por nossos antepassados. Também pudemos sentir um elo entre a França e o Brasil.

16 de janeiro de 2018

UNIPAZ, 30 ANOS





*Fotos de Maurício Andrés

Paramos o carro nos arredores de Brasília. Manhã de sol, vento fresco. Numa pequena tenda organizada dentro de um container azul, serviram água de coco. À frente um painel anunciava “UNIPAZ”. A granja do Ipê foi cedida em 1987 ao professor e psicólogo Pierre Weil para realizar o seu trabalho holístico e estendê-lo a todos os que já estavam preparados. Pierre foi presidente do Retiro das Pedras, tentou iniciar o seu trabalho ali, no alto das montanhas de Minas, mas a vida o conduziu para o planalto central.

Agora, estou em frente ao meu painel pintado para o salão principal da Universidade. Lembrome de quando foi pintado, no meu ateliê da fazenda, em cima de uma lona.

Levei tempo realizando este trabalho, que viajou para Brasília enrolado numa vara de bambu. Eu fazia muito disso. Transportava quadros enormes para São Paulo, Rio e Brasília, enrolados no

bambu. Agora vou me lembrando do tempo em que viajava para Brasília a fim de participar de workshops e dinâmicas de grupo.

As aulas holísticas eram dadas anexadas sempre às atividades artísticas, um trabalho de arte coletiva que eu introduzira como forma de integração de todas as energias. Foi a melhor forma de integrar essas energias num todo harmonioso e ao mesmo tempo prazeroso. Criar uma obra coletiva, sem um autor individual, sem comando, apenas dando incentivo e permitindo que a criação surgisse por si própria. Muitas vezes eu ficava exausta porque assimilava aquele conjunto de energias, mas o resultado era ótimo, valorizando-se mais o processo do que o resultado.

Os baluartes da paz nos chegam quando nos empenhamos num trabalho de arte. Eles nos chegam silenciosos, dentro de cada um de nós. Leio o texto da Unesco, colocado em frente ao prédio da Unipaz:

“Uma vez que as guerras nascem no espírito dos homens, é no espírito dos homens que devem ser erguidos os baluartes da paz.”

A pedido de Pierre, submeti-me a um concurso para dar aulas em Brasília, na Universidade da Paz. Entrei com o meu currículo e usei o meu livro, “Os caminhos da Arte”, como roteiro da minha atuação na Universidade. Lembro-me de todas as sequencias desse concurso.

Agora estou mais uma vez em Brasília, revendo o passado.

Passamos pela cachoeira para tirar fotos. A cachoeira fica perto de uma construção de madeira com uma varanda. Ali ministramos vários workshops e assistimos muitas aulas.

O que aprendemos começa a fazer parte de nós mesmos. Somos todos Um, não existe separatividade entre as pessoas. Energética e espiritualmente estamos ligados a tudo que existe, à água que cai em cascata muito branca, às árvores, às plantas, à vegetação do cerrado, às montanhas, aos mares, ao vento, às nuvens. Somos todos parte de um Todo.

Pierre tentou chegar à Unidade, reunindo psicologia, ecologia, religião, filosofia. Teve o mesmo insight holístico que eu tive também no Retiro das Pedras.

Ele morava na rua de baixo, mas recebeu também, na mesma ocasião, a mesma inspiração. Era preciso divulgar a integração que existe entre os seres humanos, a natureza, o universo. O meu modo de distribuir essas ideias foi um pouco através da palavra, mas principalmente através da forma, da cor e do incentivo à criação.

As artes plásticas ajudam também e Deus nos favoreceu com este canal de difusão da Paz.

José Aparecido soube compreender a visão de Pierre e aqui estamos na Granja do Ipê, frente à cachoeira, lembrando o passado e refletindo sobre o futuro.

Meu livro “Os caminhos da Arte” revela esta visão holística, este insight recebido numa

madrugada em minha casa do Retiro das Pedras.

Agora me lembro: debaixo dessas árvores, sentada também num tronco de árvore, cantamos o Gayatri mantra, lembrando o workshop realizado no pátio em frente. Tingimos serragem com as cores básicas na véspera do evento.

No dia, 150 pessoas se reuniram no pátio. Seria vivenciada a dança de Shiva, o deus dançarino que criou o universo. Dividimos o grupo, distribuimos bolinhas de gude para representar as estrelas. Eram 500 bolinhas que foram divididas para os 150 participantes. Cada um segurava suas bolinhas e, ao comando de Shiva e ao toque de um tambor, elas eram jogadas no chão.

Uma pessoa riscava com giz o trajeto das bolinhas e os espaços eram preenchidos com serragem colorida. Ao final, uma grande Mandala foi criada, com dança e muita reverência. Usamos como trilha sonora a música I Ching, do grupo UAKTI.

Dançamos em torno da Mandala, e, sem nenhum comando, surgiu uma dança indígena improvisada, utilizando flechas retiradas do bambuzal em frente.

Sentir a Unidade através da arte é uma experiência fundamental.

Essas lembranças nos remetem ao passado, mas também se situam no agora, no presente.

A cachoeira continua fluindo, em cascatas, sempre seguindo o seu curso. Vai levando o passado e levará também o presente. Debaixo do bambuzal posso escrever melhor e perceber que um outro workshop holístico está sendo realizado dentro da cabana. Estamos esperando a Lydia, que já nos acenou da janela da cabana e nos fez sinal de espera. Pierre Weil já se foi para outro plano, ficou o Crema. Hoje há sempre gente trabalhando aqui, na educação, na psicologia, na espiritualidade, na arte.

A Unipaz foi uma conquista, que ela continue a dar seus frutos.

Aqui, neste lugar, sentimos florescer a paz.

4 de setembro de 2017

CARTA À UNIPAZ



Fotos de Maria Helena Andrés

Retiro das Pedras, 30 de junho de 2017

Prezados amigos Lydia e Crema,

Recebi com muita gratidão o convite para participar das comemorações dos 30 anos da

fundação da Cidade da Paz. Gostaria de estar presente, mas não será possível viajar para Brasília nessa data, porque já assumi compromisso com a família no Rio de Janeiro.

Essa comemoração significa muito para mim, pois acompanhei desde o início os esforços de Pierre Weil para levar adiante o seu sonho holístico. Pierre foi meu vizinho no condomínio do Retiro das Pedras, a visão holística nasceu nas montanhas de Minas. Pierre morava numa casa, na rua logo debaixo da minha. As ideias holísticas começaram a ganhar uma amplitude maior com Pierre Weil.

Na ocasião eu tive também um *insight* holístico que mais tarde serviu de roteiro para meu livro “Os caminhos da Arte”. Trocava ideias com Pierre e ele prefaciou meu livro. Foi com satisfação que participei de workshops na Unipaz, que ilustrei seu livro *Ondas à procura do Mar* e que doeie à Unipaz um quadro e um painel, ambos com o símbolo da mandala holística no cosmos.

A integração dos vários caminhos do desenvolvimento humano, a arte, ciência, religião, filosofia, ecologia e educação é necessária para iluminar os caminhos do mundo.

Pierre tinha vocação organizacional e com isso o seu sonho holístico se tornou realidade. Extrapolou a limitação de um condomínio nos arredores de Belo Horizonte e se transferiu para o Planalto Central, de onde se realizam e se projetam as ideias mais avançadas no campo de uma visão cósmica, transpessoal.

Pierre seguiu seu caminho, abrindo mão de sua carreira profissional para se dedicar de corpo e alma à gigantesca obra de reconstrução do ser humano. A Cidade da Paz continua a dar seus frutos e fazer crescer a semente plantada por seu fundador, o nosso inesquecível Pierre.

Numa fria manhã de outubro, domingo dedicado a São Francisco de Assis, foi celebrada uma missa na capela do Condomínio Retiro das Pedras, em homenagem a Pierre Weil, antigo morador e ex-presidente do Condomínio.

Nada melhor para apresentá-lo às pessoas que não tiveram a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente do que esta frase de São Francisco: “Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz.”

A oração, de certo modo, retrata o que foi Pierre em seus últimos anos de vida.

“Onde houver ódio, que eu leve o amor, onde houver tristeza que eu leve a alegria”

Pierre residiu por muitos anos no Retiro das Pedras. Caminhava todos os dias vestido com sua característica túnica indiana e aqui, neste ambiente de beleza natural no alto das montanhas, ele teve a oportunidade de dar continuidade à sua missão de pensador e místico holístico. Aqui no Retiro a Universidade da Paz foi idealizada. Sua proposta, anteriormente destinada a uma comunidade espiritualista nas montanhas extrapolou Minas Gerais para se expandir em Brasília, capital do país. Ali obtive do então governador José Aparecido de Oliveira o apoio necessário para

a criação de uma Universidade Holística Internacional, buscando a integração de todas as tradições religiosas e o encontro entre Arte, Ciência, Religião, Filosofia, Psicologia, Ecologia.

Seus workshops e Formação Holística de Base, com o apoio da Unesco, se estenderam por todo o Brasil e existem representantes deles em várias cidades da América Latina.

O objetivo principal é a quebra da separatividade e a consciência de que todos somos irmãos, vivemos no mesmo planeta e respiramos o mesmo ar.

Por suas ideias Pierre Weil foi admirado e respeitado internacionalmente.

A missão de Pierre nesta vida foi sempre uma missão de paz, procurando harmonizar os conflitos e aceitando as adversidades com uma coragem extraordinária.

Pierre terminou seus dias cego, e mesmo assim continuou administrando workshops pelo Brasil. Reunia grupos e os sensibilizava para a percepção de outros aspectos sensoriais – do toque das mãos, do despertar do ouvido, do perfume das frutas e flores.

Pierre será sempre lembrado por esses aspectos positivos de sua pessoa.

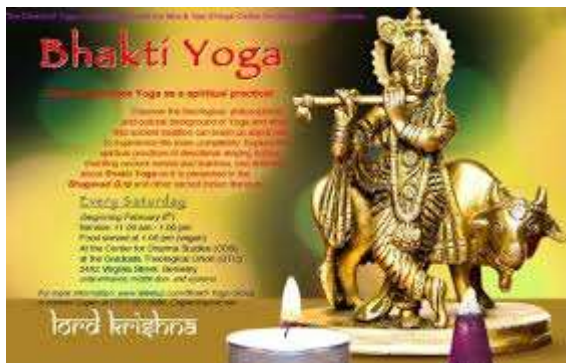
Agradeço a todos vocês o convite.

Pedi ao Maurício que me represente na celebração dos 30 anos, e que doe à Unipaz um filme com a minha trajetória que poderá ser exibido na ocasião.

Um grande abraço a todos,

Maria Helena Andrés

4 de setembro de 2017



Fotos de Maurício Andrés e da internet

Somente na medida em que o Yoga deixa de ser apenas disciplina e a arte deixa de ser profissão é que podemos entender mais claramente a unidade de ambas como formas de autorrealização.

“O que experimentamos no fundo de nossa alma é a realização.” Estas palavras de Swami Vivekananda sobre a experiência direta nos fazem refletir sobre o caminho da arte. O exercício da arte, feito com amor desapegado, conduz à realização intuitiva da Verdade. Estudaremos as

semelhanças entre arte e Yoga em seus quatro margas, ou caminhos individuais de aperfeiçoamento.

O Yoga oferece aos seus adeptos quatro caminhos fundamentais, que podem conduzi-los ao estado de Libertação: Raja Yoga, Bhakti Yoga, Karma Yoga e Jñana Yoga. Estes correspondem respectivamente à união com o Supremo por meio do domínio sobre a própria mente, do amor e devoção, da ação e do conhecimento.

O intuito do Yoga não é afirmar a Verdade, mas conduzir o adepto, através da experiência, à conscientização da Verdade imanente em si mesmo e em toda a natureza. Poderíamos dizer, em nossas reflexões sobre arte e yoga, que a arte, em sua trajetória de aprendizado de vida, muitas vezes se aproxima do aprendizado de um yogue. O treinamento de um yogue dentro de Raja Yoga ou disciplina mental assemelha-se ao treinamento paciente pelo qual terá que passar um artista, desenvolvendo sua capacidade de observação, concentração e atenção na busca de ampliar, cada vez mais, a sua percepção do mundo.

Conjugar o movimento da alma ao movimento da mão, suprimir o supérfluo para melhor sugerir, intensificar, abrandar o traço; levá-lo como a música de maior intensidade de vibração ao pianíssimo, que apenas se pressente, é a finalidade à qual se dirige o estudante de arte em seus primeiros esboços.

Essa síntese de nossas faculdades de concentração e percepção nem sempre é conseguida no princípio, quando todas as experiências ainda se escondem sob o arcabouço fechado dos preconceitos e das inibições. Somente o exercício constante e o amor ao trabalho poderão vencer as barreiras que se erguem diante de um aluno iniciante e indeciso. Essa entrega total, esse amor ao trabalho pode ser comparado ao caminho Bhakti. (Trecho do meu livro “Os Caminhos da Arte”, editora C/ARTE, 2015)

9 de maio de 2017

YOGA E ARTE II





Fotos de Júlio Margarida e da internet

Dando continuidade ao tema Yoga e Arte, segue o texto abaixo extraído do meu livro “Os Caminhos da Arte”:

Swami Vivekananda nos diz: “Que é a beleza num rosto humano, no céu, nas estrelas e na lua? É apenas a apreensão particular da real, envolvente Beleza Divina.” “Tomai esta alta posição Bhakti, que nos faz esquecer imediatamente nossas pequenas personalidades.”

Tomemos estas palavras a respeito de Bhakti Yoga para trazê-las, como analogia, ao campo da

arte. Que é a arte senão a busca desta Beleza Suprema? Ela pode se revestir de várias formas, mas a sua linguagem direta é a procura da beleza que existe em estado latente dentro de cada ser humano. O artista é constantemente atraído a buscá-la. “Um dos nomes do Senhor em Sânscrito é Hari, que significa que Ele atrai todas as coisas para si.”

“O Senhor é o grande ímã, e somos todos como limalhas de ferro; estamos sendo sempre atraídos por Ele, e todos lutamos por alcançá-lo.”

Swami Vivekananda nos mostra a atração para o Absoluto que todo ser humano tem. Trazendo-a para o campo da arte, veremos como o homem, através dos tempos, entregou-se apaixonada e totalmente à busca de um dos atributos de Deus, que é a beleza. Para a conquista desta beleza, o artista deixa-se entregar inteiramente ao seu trabalho, apesar das lutas que muitas vezes enfrenta. O que dirige, impulsiona e conduz a arte ao crescimento interior é, antes de tudo, o amor desinteressado, a entrega total ao trabalho, independentemente de sucesso ou fracasso, como no Karma Yoga. A atitude característica de um yogue é a disponibilidade diante das circunstâncias externas. Ele se põe apenas como instrumento a trabalhar sem visar a resultados materiais. Diz a Bhagavad Gita: “Se não nos apegarmos ao trabalho que fazemos, ele não terá qualquer efeito aprisionador sobre nossa alma.”

O yogue procura se desapegar de lucro e fama, porque sabe que o trabalho egoístico o aprisiona, e um yogue deseja, antes de tudo, Libertação.

(Trecho do meu livro “Os Caminhos da Arte”, editora C/ARTE, 2015)

15 de maio de 2017

FOLIA DE REIS, SRI AUROBINDO E EDUCAÇÃO INTEGRAL



Fotos: Maurício Andrés e internet

No início de 2013 passei alguns dias em Brasília. Logo no nosso primeiro dia ali, tivemos a oportunidade de participar de um evento que se realizava na casa de Yara Magalhães, uma senhora do Ceará que se estabeleceu em Brasília na década de 90.

Sua casa, com uma sala ampla, apropriada para receber pessoas, está periodicamente aberta ao público interessado em cultura, arte, folclore e educação. No dia 6 de janeiro, comemorou-se a Folia de Reis, ou Folia da Paz, da qual participam artistas dos Bordados Dumont, da Casa de Agostinho da Silva, dos Tambores do Paranoá e de Martinha do Coco. Esses grupos se reúnem para celebrar o Natal, Reis e Pentecostes, trazendo a mensagem de paz para os participantes.

Houve a alegria contagiante da dança de roda em torno da fogueira, com as pessoas de mãos dadas, cantando as canções mais conhecidas, tais como Calix Bento e outras canções de domínio público.

O calor era transmitido pelas mãos dadas e pela fogueira no centro da roda, que levantava estrelas de fogo sobre terreno de terra. Lá no alto, as estrelas também pareciam participar daquela energia coletiva de comunicação e paz.

A paz pode e deve ser transmitida em silêncio ou cantando uma canção coletiva, mãos dadas por onde percorre a mesma energia de solidariedade e amor.

“Isto não é uma festa como outra qualquer, é uma celebração, uma performance. Todos juntos celebramos a união dos povos e a paz do mundo”. Com esse pensamento eu pude perceber as pessoas e conhecer os cantores, os músicos, as bordadeiras, os tambores...

Foi a primeira impressão que tive de Brasília nesta viagem, uma impressão harmoniosa abençoada pela festa de Reis. A folia de Reis, lá no interior de Minas Gerais, é uma festa muito popular e reúne pessoas de diversos grupos sociais que ensaiam o ano todo para se apresentarem com as famílias, maridos, filhos, noras, sobrinhos. Saem de casa em casa cantando, como os trovadores de antigamente.

Em Brasília, vejo estandartes representando Jesus menino, anjos e outras figuras bíblicas. O catolicismo incentivou a criação desses grupos que vieram de uma tradição portuguesa e ainda vigoram até os nossos dias.

Yara abre as portas de seu mirante porque acredita na união das pessoas em torno da arte. Ela estuda as ideias de Sri Aurobindo e sempre está disponível para aprender e divulgar o grande pensador indiano e gostaria de saber melhor o trabalho de yoga integral de Sri Aurobindo. Furneci a ela dados sobre as minhas visitas às escolas de Sri Aurobindo não somente em Pondicherry, como em Auroville, (cidade Aurora) e em Delhi, no Sri Aurobindo Ashram.

Seguem aqui textos de Rolf Gelewsky, seguidor de Aurobindo e grande educador e dançarino:

“Educar é revelar, trazer para fora, tornar patente o imenso potencial latente que aguarda as condições adequadas para se tornar manifesto. É, segundo Aurobindo, extrair de si o melhor e torná-lo perfeito para um uso nobre. Disso pode resultar uma vivência tão autêntica e de tal força que desperte uma identificação cada vez mais profunda do ser humano com seu caminho, um interesse cada vez mais total pela humanidade, pela condição humana, pelo objetivo e destino de todos nos.”. Educar para o futuro, 1978 (adaptado).

Segundo Aurobindo, “educar, podemos dizer, significa ajudar a acordar, ajudar a encontrar no próprio ser o ímpeto, a vontade de movimentar-se e buscar e descobrir, de crescer, de progredir (...) significa também aprender a lutar, aprender a intensificar a existência e cumpri-la com decisão e consciência. Educar, basicamente é ajudar a assumir a vida; é levar o ser a procurar e a aspirar à verdade, a sentir e chamar a luz e a força encobertas nele mesmo; fazê-lo perceber a grande possibilidade que a vida é, o que com ela recebemos, e aprender, conscientemente, a querê-la, vive-la, dá-la.”

“Privar o ser humano do que lhe é próprio e característico, negar ou desconsiderar as oportunidades para a sua individuação é “causar-lhe um mal permanente, mutilar o seu crescimento e deformar sua perfeição. Isto é um ferimento à Nação que perde o benefício do melhor que um homem poderia ter-lhe dado e é forçada, em vez disto, a aceitar algo imperfeito e artificial, de segunda mão, superficial e comum.” (...) “Nós não somos apenas aquilo que sabemos de nós, mas um imenso MAIS que não sabemos; nossa momentânea personalidade é somente uma bolha sobre o oceano de nossa existência”.

23 de fevereiro de 2013

CENTRO DE KRISHNAMURTI EM TIRADENTES I





Fotos: Rachel Fernandes

Neste final de janeiro estive hospedada no Centro de Estudos de Krishnamurti – o único do Brasil – em Tiradentes, MG. Rachel, minha sobrinha e amiga, é quem disponibiliza o Centro, promovendo encontros de estudo e trabalho cooperativo em uma atmosfera afetuosa, rica de autodescobertas e cercada de natureza por todos os lados.

Lá nos encontramos em meio a um curso contínuo de autoconhecimento aplicado à vida diária. É um “currículo” improvisado com as atividades normais de uma casa com jardim, horta, cachorros e coelhos, situada numa rua típica do interior de Minas Gerais. De um ano para cá as atividades dessa “casa-escola” transbordaram para o entorno, ocupando o espaço público da rua com uma “horta demonstrativa”: canteiros feitos de material reciclado onde estão sendo cultivadas hortaliças não convencionais e plantas medicinais. Junto a este viveiro de mudas catalogadas há um “Livro da Horta” onde são apresentadas as características e propriedades da planta, assim como sugestões de uso e algumas dicas culinárias. Mudas são oferecidas ou trocadas com a população interessada em fazer ou ampliar sua horta caseira. Recentemente, inspirados nesta iniciativa, professores e pais da escola local montaram uma horta comunitária, contando com várias doações de mudas, com a participação da comunidade local.

Neste Centro de Estudos de Krishnamurti, há vários contextos de aprendizagem viva, onde a pessoa pode testar por si mesma os insights daquele grande filósofo e educador nascido na Índia e que por mais de 60 anos percorreu o mundo falando sobre a urgência de uma nova cultura, onde

o ser humano possa “florescer em bondade” em uma atmosfera afetuosa e de lazer.

Como disse Krishnamurti: - “Estamos interessados em criar uma existência social diferente, uma geração futura que percebe a futilidade das guerras e do assassinato organizado; uma geração que está interessada no relacionamento global, sem o isolamento nacionalista; uma geração que está envolvida com a verdade.”

- “Os seres humanos criaram uma sociedade que exige todo o seu tempo, toda a sua energia, toda a sua vida. Não existe lazer para aprender e assim a vida se torna mecânica, quase sem sentido. Assim, devemos ser bem claros em relação ao entendimento da palavra lazer – um tempo, um período quando a mente não está ocupada com o que quer que seja. É um tempo de observação. É só uma mente desocupada que pode observar. Uma observação livre é o movimento de aprender.”

Neste centro em Tiradentes, a criança aprende fazendo ela mesma, com suas mãos, as tarefas diárias (jardinagem, cozinha, pequenos projetos no viveiro de mudas e de coelhos, projetos em marcenaria e construção etc.). Ao mesmo tempo ela está conectada com o mundo, com pessoas de outras cidades e países, com as notícias mundiais, e aprende a usar o computador com responsabilidade - e não ser usada pela “rede”.

Realmente, somos uma só família. Aqui estamos participando e criando com as crianças da Terra. É uma criação viva, em movimento, e anônima. Neste Centro de Estudos todos – moradores, visitantes, empregados e alunos – estão aprendendo juntos a arte de viver. Eles estão continuamente aprendendo, através do espelhamento da interação entre eles - e com a natureza - como eles realmente são. E nas lições práticas, cada hora é a vez de um aprender com o outro, em rodízio. Como Krishnamurti escreveu no final de seu livro “Cartas às Escolas”: “Aprender traz igualdade entre os seres humanos”.

Durante o dia o Centro de Estudos oferece este período de trabalho e interação educacional. Em outro período a pessoa fica livre para passear, descansar, fazer estudo individual ou simplesmente ficar recolhida.

E toda noite nos reuníamos na sala para assistir a um DVD de Krishnamurti, um “curta” de suas palavras para plateias do momento. Lembro-me de Krishnamurti na Índia, falando para mais de 5.000 pessoas. Tomei um táxi para assisti-lo, rompi uma multidão e fiquei bem na frente escutando-o. Há mais de 40 anos que o acompanho através de vídeos e livros. Sua mensagem mobiliza nossas energias interiores, para nos integrarmos ao canto da vida, que está sempre nos chamando.

11 de fevereiro de 2015

CENTRO DE KRISHNAMURTI EM TIRADENTES - II



Fotos: Rachel Fernandes

Durante uma semana participei das vivências educacionais que são o “trabalho de campo” do Centro Krishnamurti em Tiradentes. Krishnamurti entende a educação como um processo total de aprender com tudo na vida:

“Todo movimento da vida é aprender. Nunca há um tempo no qual não exista o aprender. Toda ação é um movimento de aprender e todo relacionamento é aprender.”

Gabriel participa das atividades cotidianas durante todas as manhãs. Ele tem 11 anos e está interessado em aprender tudo (colocar corretamente a mesa do café, cuidar dos coelhos, regar o jardim e fazer vasos novos, ajudar a esticar o alambrado da cerca nova e, naturalmente, em participar das “oficinas” de artes, violão, ritmo, desenho e cores). Incentivei-o a fazer colagens, uma alternativa para evitar o cheiro forte da tinta. O menino começou a criar e recortar em papel uma árvore que eles vêm cuidando – e que é sistematicamente atacada por uma praga. Na véspera, Rachel – a responsável pelo Centro de Estudos - havia convocado todos a irem para o trevo no quarteirão de baixo, a fim de retirar mais uma vez a parasita de cima da árvore. Foi uma experiência importante não só para as crianças, mas para todos nós. Há exatamente um ano atrás esta árvore estava tão tomada pela parasita que estava a ponto de morrer sufocada. A turma reunida conseguiu

libertá-la e hoje ela está verdinha, respirando o sol da cidade. Assim, foi estendida esta solidariedade para a população de Tiradentes, que agora pode se refrescar com a sombra e beleza da arvorezinha. Gabriel está fazendo duas colagens: uma com a árvore coberta de parasita e outra com a árvore livre.

O cuidado do professor em qualquer destas “oficinas vivas” de trabalho/lazer é não ensinar, não favorecer uma aprendizagem por imitação. O importante é o despertar da criança, jovem ou adulto para a sua vida interior. É deixar livre o contato consigo mesmo, o conteúdo a ser aprendido é só uma ferramenta para o autodescobrimento. O professor permanece atento, presenciando o aluno tirar de si mesmo o aprendizado. Ele está presente, numa atenção impessoal, afetuosa, sem julgar ou comparar (nada que alimente a separatividade). Ele dá “orientações técnicas” que podem ou não serem aproveitadas, olhando tudo o que acontece sem a pressão de um resultado pré-determinado. Há uma alegria neste aprender sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo.

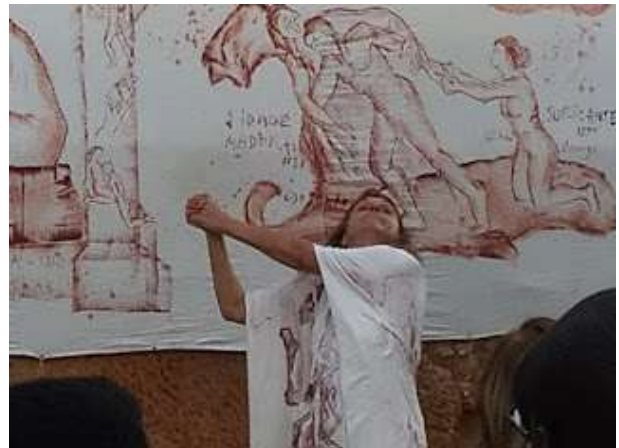
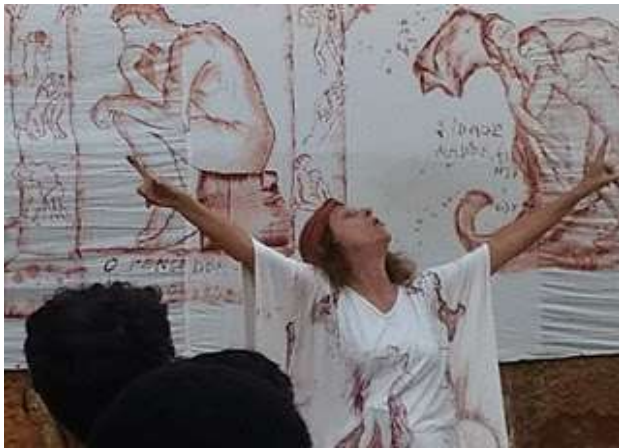
Após a sessão de colagens, a brincadeira inverteu – e aí foi a vez do Gabriel me ensinar a fazer os tsurus de dobradura. Tive que “entrar na linha”, senão não dava certo o dobrar no próximo passo.

Assim, as vivências e aprendizados acontecem de forma natural e compartilhada pelos visitantes, moradores, empregados e alunos, que se reúnem de forma prazerosa e criativa. Participei de um grupo improvisado de vocalistas, cantando desde músicas do folclore brasileiro, até o jazz de Louis Armstrong e a música “Imagine” de John Lennon – cada um cantando e acompanhando com instrumentos de corda o violão do Sr. Geraldo. Ao final do sarau, nos reunimos debaixo da jabuticabeira para saborear um picolé de coco queimado famoso na região.

Aliando trabalho à música e às artes plásticas – e a uma viagem de trenzinho até São João Del Rey, senti o processo de toda esta experiência como se fosse uma orquestra de sons e cores que promovia o lúdico para todos – uma alegria que só as crianças manifestam quando se envolvem com seus jogos criativos, livres de comparação e competição. Nessa atmosfera leve e afetuosa cada um podia entrar em contato com seus movimentos interiores, seus medos, ansiedades, projeções e outras coisas reprimidas que fazem parte da nossa história pessoal. Isto pode finalmente vir à tona sem preconceito, sem o perigo de ser recompensado ou punido.

Nas palavras de Krishnamurti: “Educação é aprender o que está acontecendo exatamente, sem teorias, preconceitos e valores. Os livros são importantes, mas o que é muito mais importante é aprender sobre o seu livro, a sua própria história, porque você é toda a humanidade. Ler este livro é a arte de aprender.”

FESTIVAL TIRADENTES EM CENA



Um espetáculo que você não pode perder. A história de um louco amor. A emocionante interpretação de IVANA ANDRÉS

Camille Claudel

Direção de Luciano Luppi. Funarte - MG (Rua Januária, 68, Centro, 31-3213-3084, Belo Horizonte). Quinta a sábado, às 20 horas, e aos domingos, às 19 horas. 17 de maio a 3 de junho. Ingressos: R\$ 30 (meia-entrada R\$ 15). Classificação: 16 anos.

funarte MINISTÉRIO DA CULTURA BRASIL

Este prêmio foi contemplado pela Edital de Fomento nº de Artes 05/08 e Março 2018

*Fotos de Raquel Fernandes

Tiradentes

Cidade histórica

De Minas Gerais.

Palco da Inconfidência.

Memórias do passado

De lutas e mortes

Em prol da liberdade.

Tiradentes

Adro do Museu de Santana

Cenário ao ar livre.

Ali, Ivana Andrés

Sob a direção de

Luciano Luppi

Encenou Camille Claudel.

O conflito de uma artista

Discriminada

Por ser mulher

Grande artista

Grande mulher.

Raquel Fernandes assistiu.

E deixou seu depoimento:

“Ivana acontecendo

Ao vivo

Desenhando, cantando

Enfim, criando o cenário

Onde a nossa

Loucura humana

Fica exposta.

Ficamos diante

Desse script individual/ coletivo

Que se vai repetindo

Até haver uma
Libertação total.
(Sim, o espelho desta loucura
Da humanidade
E suas relações aprisionadas...
A porta do inferno)
Tinha aquele entorno
Lindo da tarde
(a incrível luminosidade
Que ia mudando)
A noite, as estrelas
Em cima do
Contorno da Serra,
Este cenário eloquente
Do paraíso
Que nos rodeia.
E o contraste
Com o cenário humano
Que nos prendemos.
A peça foi ao ar livre e,
Ao fundo, mais em cima,
As grades da prisão
Antiga cadeia
Que antes foi um
Casarão histórico
Que tinha a divisão
Dos senhores
E o porão dos escravos.
Então ficou tudo
Bem potencializado.”

A próxima temporada
De Camille Claudel

Será em Belo Horizonte

Na FUNARTE.

De 17 de maio a 3 de junho

Quinta a domingo.

Vale a pena.

7 de maio de 2018

JA.CA JARDIM CANADÁ, CENTRO DE ARTE E TECNOLOGIA



Fotos: Xandro e Marcelo Coelho

Um grupo de jovens se reuniu em torno de uma ideia: formar um espaço onde outros jovens pudessem criar e ampliar seu campo de atividades artísticas dentro da arte contemporânea. O lugar escolhido foi um galpão de três andares situado na Avenida Canadá, 203, a 20 km de Belo Horizonte. O JA.CA tem à frente a artista plástica e comunicadora Francisca Caporali, recentemente vinda dos EUA, onde fez mestrado em Fine Arts MFA, na Hunter College.

A proposta inicial ganhou forma. O galpão escolhido pertencia ao jovem Pedro Mendes,

galerista com grande sucesso em São Paulo e Los Angeles. O JA.CA seria o polo criador de experiências artísticas, um lugar distante do movimento da cidade, no alto das montanhas de Minas Gerais. O Jardim Canadá está sendo procurado por artistas, galeristas, escolas de dança e escola de circo. Há um movimento em torno da formação do “Caminho das Artes”, uma estrada de arte que se prolongaria até Inhotim, ponto de referência da arte contemporânea internacional. O JA.CA está sendo o exercício preliminar dessa arte contemporânea, que dá espaço para imaginações jovens abertas ao novo. Vários projetos surgiram. Nos critérios de seleção foram priorizados projetos que tivessem relação com o entorno, a arquitetura e comunidade. O JA.CA oferece também um espaço de troca, discussão e reflexão sobre novos caminhos para a criação artística.

Propostas dos artistas selecionados:

Isabela Prado propõe um diálogo com o público através do uso de materiais do cotidiano e explora a relação do corpo com os objetos, por meio de performances, instalações e vídeos.

Pedro Veneroso usa a fotografia, luz e som, dentro da proposta Art, performance, light and photography, trabalhando também com a interface entre as pessoas e máquinas.

Roberto Rolim Andrés e Fernanda Regaldo propõe o “Quintal Canadá”, que consiste em questionar a relação da comunidade com a paisagem. Paulo Nazareth projeta o plantio de árvores frutíferas em perímetro urbano e flores silvestres em jardins públicos.

Pedro Mota propõe uma intervenção em lotes vagos que lidam com a exportação do nosso minério para a China.

O Grupo Passo, composto por Aruan Mattos e Flávia Regaldo, propõe para o JA.CA esculturas cinéticas, a exemplo do que fez no Arraial da Boa Morte.

À inauguração do espaço compareceram artistas, cinegrafistas, arquitetos, poetas, um grupo interessado na formação da Arte Contemporânea.

30 de abril de 2010

AVENIDA CANADÁ, CAMINHO DAS ARTES



Fotos: Marcelo Coelho e Beatriz Lemos de Sá

O artista é um fruto de sua época. Naturalmente, vivendo e participando das experiências de seu tempo, ele transmitirá a inquietação do mundo em seus trabalhos. Não será nunca um retrógrado, um porta-voz de seus antepassados. Ele é a síntese de seus contemporâneos e, justamente por viver e sofrer os problemas da vida moderna, espontaneamente, sem que ninguém lhe imponha, ele se manifestará, também, de um modo atual correspondente aos avanços da civilização. Tem a possibilidade, que outros não tiveram, de estar a par de tudo o que se passa na Europa, na Ásia, na África e nas Américas, de todas as notícias do que se faz de mais avançado no mundo. Isto de certo modo o modifica, torna-o mais universal. Fazemos parte da humanidade toda, de um modo muito mais vivo que os homens de antigamente, que ignoravam, por completo, os acontecimentos do mundo.

Devido às novas tecnologias, os artistas, que antes viviam retirados nas montanhas, podem participar ativamente dos movimentos culturais de qualquer parte do planeta. Um exemplo disto é o dinamismo de três galerias localizadas em grandes galpões na Avenida Canadá, no bairro Jardim Canadá, próximo a Belo Horizonte. Este corredor cultural já foi denominado “Caminho das Artes”, por sua localização na estrada que liga Belo Horizonte a Inhotim, um dos centros de Arte Contemporânea mais reconhecidos do planeta.

O corredor cultural começa na Galeria Lemos de Sá, que possui um acervo escolhido de artistas, com ênfase no trabalho de Amílcar de Castro. Todos os sábados pela manhã, Beatriz, a dona da galeria, abre os imensos portões para um encontro com as pessoas interessadas num bate papo cultural. Beatriz chegou recentemente de duas feiras de arte, uma em São Paulo e outra em Buenos Aires, para onde levou um acervo selecionado de obras de artistas mineiros.

No dia 28 de maio, uma outra galeria abriu suas portas. Hamilton Aguiar me convidou a participar desta primeira exposição, onde pude ver minhas pinturas sendo reproduzidas de forma gráfica. Hamilton veio dos Estados Unidos, onde residiu por 20 anos. É artista plástico e tem contatos importantes no exterior. Sua presença neste “Caminho das Artes” é de grande importância para a divulgação de nossos artistas. Na inauguração escutamos as palavras de Hamilton e da fotógrafa Heloisa Oliveira, que estava expondo imagens do Butão. Ambos tiveram grande experiência fora do Brasil e isto também é um enriquecimento para todos nós. Em junho, Hamilton participará de uma exposição em Nova York, levando também obras de artistas mineiros. No dia 9 de junho ele inaugurou uma exposição no Museu Inimá de Paula, em Belo Horizonte, com grande sucesso.

À tarde, na mesma Avenida Canadá, artistas jovens contemporâneos se reuniram no JACA (Centro de Arte Contemporânea) situado no mesmo quarteirão das duas outras galerias. A proposta do JACA é trazer artistas de fora para ali fixarem residência por dois meses, desenvolvendo trabalhos inéditos que aproximam os povos através da arte. Frequentemente suas portas se abrem para estudos e palestras culturais. Dirigido por Francisca Caporali, o JACA foi todo enfeitado de bandeirinhas coloridas, para festejar o aniversário de seu filho Gabriel, meu bisneto de 2 anos. As crianças que ali estiveram são filhos de artistas e estavam se divertindo com os balões e os pularulas. A arte nos remete à nossa própria infância. As melhores lembranças que eu tenho da minha infância são as festas de aniversário. Elas me conduziram para o caminho das artes.

15 de junho de 2011

J.A.CA, UM ANO DE ATIVIDADES



Fotos: Francisca Caporali e Elderth Theza

O JA-CA completou 1 ano de atividades com grande sucesso em seu objetivo que foi o de “incitar e promover projetos artísticos que utilizem abordagens e tecnologias variadas para atuar especificamente frente à nossa realidade local, seja através de estímulos educacionais, provocações ou ativador de práticas colaborativas.” Assim se expressou Francisca Caporali uma das fundadoras e diretora do JACA, graduada em comunicação social pela UFMG, Máster em Arte em Barcelona e Fine Arts, pelo Hunter College de New York. Em sua introdução ao catálogo, podemos visualizar uma síntese das propostas e também o resultado do empreendimento. Francisca atuou durante um ano naquele galpão do Jardim Canadá onde recebe artistas de fora e organiza os trabalhos e as festas.

Em 2010, escreveu ela: O J.A.C.A. inaugurou suas atividades com o lançamento de um programa de residências artísticas, estabelecendo um espaço de produção e interlocução entre artistas brasileiros e internacionais. O projeto previa que, com o deslocamento ao local, as questões específicas do bairro fossem tratadas das mais diferentes maneiras, formas e meios, seja pelas vindas diárias dos artistas locais ou com a estadia dos artistas internacionais.

Acompanhei de perto algumas promoções inclusive uma mesa redonda onde se discutia sobre arquitetura. Os artistas belo-horizontinos Paulo Nazareth, Pedro Motta, Roberto Andrés,

Fernanda Regaldo, Isabela Prado, Pedro Veneroso e Grupo Passo (Flávia Regaldo e Aruan Mattos) desenvolveram seus projetos durante 8 meses, enquanto os artistas internacionais, Zachary Fabri (EUA), Gabriel Zea e Camilo Martinez (Colômbia), Berglind Jóna (Islândia), Marco Ugolini (Itália), Geraldine Juarez e Magnus Eriksson (México e Suécia) e Sarawut Chutiwongpeti (Tailândia), residiram no Centro por dois meses.

No decorrer desse primeiro ano de residências, os artistas desenvolveram um conjunto de obras e experimentações e foram responsáveis pela constituição de um ambiente de diálogo, permeado por ações, debates, encontros para acompanhamento crítico, mesas redondas e conversas informais que envolveram curadores, críticos de arte, artistas, estudantes e a comunidade local.

Fernanda Lopes, jornalista, crítica e pesquisadora, curadora do Centro Cultural de São Paulo explica em um texto dedicado ao 1º. Aniversário do JACA a grande mudança que vem acontecendo no campo das artes e a direção que os artistas estão oferecendo nesse emaranhado de possibilidades que estão surgindo. Procurei fazer uma resenha de seu artigo “Atenção: Percepção requer envolvimento.”. As residências artísticas começaram a se estabelecer na Europa, Estados Unidos, Canadá e Japão, fortemente marcadas pelo apoio e incentivo ao desenvolvimento das artes. Um local onde artistas teriam condições, ideais para produzir seus trabalhos. As residências podem ser consideradas como instrumentos fundamentais na formação do artista contemporâneo. Estima-se que existam mais de 500 projetos espalhados por pelo menos 60 países. Inúmeras possibilidades se abrem nesse deslocamento que pode se dar quando o artista sai da sua cidade, do seu país, ou mesmo mais simplesmente do seu ateliê. A mudança de ponto de vista, a troca de ideias, o contato com outros artistas e outras realidades e o próprio fato de estar em trânsito são matérias primas para a realização de novos trabalhos. Em meio a discussões e ações que caminham no sentido de repensar as formas e os espaços de atuação artística, além das relações da arte e do artista com o mundo, as residências artísticas também se configuram hoje como uma nova e significativa maneira de inserção no circuito artístico, para além das galerias e salões de arte.” (Fernanda Lopes)

A pesquisa sobre o Jardim Canadá resultou na publicação de um livro ilustrado com fotos que servirá de exemplo para outros artistas. As atividades desenvolvidas pelo JA.CA foram importantes e impactantes para a cena artística de Belo Horizonte e estão em busca de patrocínio para o próximo ano de atividades.

30 de outubro de 2011

JAC.A E OS NAVEGANTES



Fotos: Francisca Caporali e Elderth Theza

A cada dia me surpreendo mais com as realizações da nova geração.

Fundado em 2011 por um grupo de jovens tendo à frente Francisca Caporali, o Jaca vai caminhando a passos largos, promovendo encontros, residências de artistas, trabalhos comunitários, e uma grande contribuição para a arte contemporânea no Brasil.

Ao final do ano de 2014 o Jaca se apresentou na grande galeria do Palácio das Artes, ali realizando um trabalho coletivo com artistas vindos de vários países das Américas.

Cada um deles trazia uma contribuição valiosa de suas experiências em diversas áreas de arte, uma abertura de consciência para os problemas que afligem os diversos grupos sociais.

Suas propostas iluminavam caminhos diversos, mostrando a capacidade dos jovens de propor situações criativas para a sociedade. Foi publicado num jornal – “A noite branca” com relatos de diversos artistas residentes.

Hoje, o Jaca propõe uma instalação bastante inovadora: diversos containers superpostos e distribuídos num espaço bem planejado estão servindo de abrigo para esta turma super criativa.

Hoje, no panorama mundial, instalações caminharam dos espaços fechados dos museus e galerias para o céu aberto, haja visto as instalações de Inhotim com os módulos de Hélio Oiticica, e as esculturas onduladas do escultor “Serra” no Gibbs Farm (Uma fazenda na costa leste de Nova Zelândia).

Os containers superpostos já viajaram por mares, chegaram a países, desembarcaram cargas, fazendo o intercâmbio comercial como fizeram em tempos atrás os navegantes com suas caravelas.

Agora, condenados ao silêncio e à imobilidade, esses containers coloridos são reutilizados para viver novas experiências. Esse grupo de jovens artistas corajosos decidiu traçar novos caminhos para esses módulos e os utilizaram como abrigo de um espaço de arte. Entrar em um container, tomar um chazinho feito pelos jovens na cozinha da nova sede do Jaca é uma experiência muito

gratificante.

Procurar novos caminhos para este tumultuado século XXI, é uma proposta corajosa que serve de exemplo para outros artistas.

“Tudo aqui foi feito e orientado por nós” nos informou um dos artistas residentes.

Para mim foi uma experiência prazerosa usufruir deste projeto que de certo modo realiza um antigo desejo meu de usar um vagão de trem para servir de galeria de arte. Poderia ser em nossa fazenda, em Entre Rios de Minas.

Cortando a fazenda existe uma estrada de ferro que conduz o minério para o litoral do Brasil. Até hoje nenhum parou para me ceder o vagão.

Este meu projeto ficou apenas no sonho, a realidade está aqui, no Jardim Canadá, inaugurada por minha neta, Francisca.

18 de junho de 2015

A NATUREZA MORA AO LADO



Fotos: Roberto Andrés e Fernanda Regaldo

O Jardim Canadá é um bairro pertencente a Nova Lima, embora diste dezesseis quilômetros da sede do seu município e apenas dez da borda sul de Belo Horizonte.

O Canadá é fruto de um loteamento sem sucesso da década de 1950, que começou a ser ocupado informalmente nos anos 70. Hoje, tem cerca de sete mil habitantes, que dividem suas atividades entre mineração, indústrias várias, comércio e prestação de serviços nos condomínios vizinhos.

Roberto Andrés e Fernanda Regaldo se propuseram a fazer um livro depoimento sobre a vida deste pequeno bairro. Saíram os dois fotografando e dialogando com o povo. O resultado foi um documentário que inclui fotos, depoimentos e nos mostra a vida de um povo simples, uma vida muitas vezes semelhante à das cidades do interior de Minas, com suas festas populares e igrejas variadas, católicas e protestantes. Roberto e Fernanda se misturaram com o povo, como eu fiz na Índia e no Vale do Jequitinhonha. Ali também eu levava um caderno de anotações e um de desenho, para registrar o “aqui e agora” do povo.

A arte, quando se estende para a vida, vai mostrando o novo que surge a cada instante. As crianças fazem seus próprios brinquedos e se divertem com espontaneidade e criatividade.

Acompanho as imagens e vou também refletindo sobre os textos. As ruas têm nomes da realeza inglesa - Rainha Elizabeth, Príncipe Charles, Princesa Margareth. O próprio nome do bairro nos remete ao Primeiro Mundo - Jardim Canadá - e as ruas continuam lembrando os países do Norte - Rua Alaska, Rua Paris, Rua Hudson, Av. Mississipi e muitas outras, escolhidas pelos próprios moradores.

O livro nos mostra a criatividade dos moradores do bairro, com um belo documentário de fotos. Continuo observando as imagens. O olho do fotógrafo é o olho do artista plástico, que seleciona o detalhe, e este pequeno detalhe tem vida própria, como a composição de um quadro. Cada detalhe é um quadro e, de surpresa em surpresa, vou folheando o livro. Saber escolher um detalhe da paisagem, enxergar formas e cores, agrupá-las de uma certa forma é o trabalho constante do paisagista. Aprendi com Guignard a visualizar detalhes com um pequeno orifício recortado na cartolina. O fotógrafo faz o mesmo com sua câmera: seleciona, corta, aumenta, diminui. As possibilidades das câmeras são imensas, o importante é educar o olhar para perceber o novo no cotidiano, descobrir a beleza de um muro azul combinando com um monte de areia branca, ou outro muro de tijolos enriquecendo a composição.

Os jardineiros vão trazendo plantas para enfeitar os “Galpões de Eventos” que celebram casamentos, aniversários, formaturas, batizados, bodas, confraternizações e festas promocionais.

As plantas enfeitam as festas e o povo vem de Belo Horizonte para participar dos eventos. Há também aqueles que vem do Rio e São Paulo de avião para assistir alguma cerimônia neste Jardim Canadá tão cheio de contrastes.

O livro documenta a vida de um povo heterogêneo, vindo do Nordeste e de outras regiões do Brasil, que veio morar nesta região próxima à cidade de Belo Horizonte, junto à Serra da Calçada.

22 de novembro de 2011

IV FORUM DAS AMÉRICAS



Fotos: Marília Andrés, Foca Lisboa e Internet

O Instituto Arte das Américas vem contribuindo, desde a sua fundação em 2000, para o intercâmbio entre as propostas de arte das diversas regiões do planeta. Esta iniciativa, feita com entusiasmo e dedicação, tem se tornado um ponto de referência cultural em Belo Horizonte e, através dela, pude entrar em contato com pensadores não somente brasileiros, mas também estrangeiros. Para mim foi um aprendizado e enriquecimento intelectual participar das palestras desse Fórum.

Agora, em 2010, o Instituto se enriqueceu entrando em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais para a realização da Bienal Zero, que congrega estudantes das diversas Escolas de Arte das Universidades Latino-americanas.

Para o campus da UFMG se deslocaram os mais importantes críticos brasileiros e estrangeiros, tais como Francisco Jarauta, filósofo e professor de diversas universidades europeias e americanas, e Agnaldo Farias, professor da USP e curador da Bienal de São Paulo.

Francisco Jarauta veio da Europa para nos oferecer uma palestra de alto gabarito, onde, de forma holística, analisou a arte contemporânea em seu contexto global. Ele foi desvendando

segredos e mostrando mapas de transformações dos conceitos de arte e abrindo a consciência do público para esses pontos de mutação que acontecem agora em alta velocidade. Com agudeza de percepção, analisou o advento das novas tecnologias e a sociedade da informação, mostrando como estamos mergulhados na velocidade e como as instituições políticas estão sendo substituídas pelas instituições econômicas. Apontou o papel poético e político da arte enquanto transformadora da sociedade e da consciência. “Os desafios do mundo contemporâneo são imensos”, nos disse ele, cabe aos artistas captarem essas transformações através da sensibilidade e da intuição para a construção de seu cotidiano, integrado ao planeta e ao universo. A arte deve ter um grande papel nesta transformação. É importante “abrir novos espaços vinculados ao social, estudar a cartografia correta dos problemas e saber identificá-los com a sensibilidade. É necessária a humanização do espaço social”. Francisco Jarauta, um dos grandes filósofos do momento, foi abrindo caminho para a melhor compreensão de uma arte contemporânea, participante e humana, sempre aberta ao questionamento e às novas interrogações. São essas interrogações que nos fazem seguir em frente e nos libertar do passado.

O que ele falou foi encontrando ressonância com o meu pensamento holístico e foi por esta razão que ali fiquei atenta, escutando uma palestra em outra língua, mas sentindo em cada palavra uma afinidade muito grande com o meu modo de pensar.

Outra palestra que me tocou foi a do meu amigo Agnaldo Farias sobre a Bienal de São Paulo, onde ele discutiu o conceito da Bienal no contexto da Arte Contemporânea. A Bienal de São Paulo, desde a sua criação em 1951, tem sido uma vitrine da arte que se fez pelo mundo nesses últimos sessenta anos. A Bienal não é somente um espaço expositivo, mas é um ponto de encontro entre artistas, curadores, intelectuais, educadores, professores, estudantes e o público em geral. A partir dessa concepção ela propõe abrir espaços de encontro, denominados “terreiros”, entre os espaços expositivos. Ali vão acontecer performance, dança, música, aulas para crianças e discussões sobre arte contemporânea.

Venho acompanhando as Bienais de São Paulo desde a sua inauguração e considero da maior importância fazer daquela mostra um grande aprendizado de arte. Todo o meu itinerário artístico se enriqueceu com a visão do mundo que a Bienal me deu, através da visão da arte internacional e dos grandes encontros que tive com os artistas e intelectuais da época. Tive a oportunidade de encontrar artistas e críticos como Maria Leontina, Milton da Costa, Volpi, Krajcberg, Franz Weissmann, Mary Vieira, Lygia Clark, Mário Silésio, Lourival Gomes Machado, Antonio Bento e Mário Pedrosa no pequeno café situado logo na entrada da Bienal.

16 de setembro de 2010

BIENAL UNIVERSITÁRIA DE ARTE



Fotos: Marília Andrés

A Bienal Universitária de Arte, organizada pela Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais e Escola Guignard, tendo como curadores os professores Fabrício Fernandino, Benedikt Wierz e Marília Andrés Ribeiro, apresentou, durante o mês de novembro de 2012, no grande Espaço 104, na Praça da Estação em Belo Horizonte, uma mostra coletiva de trabalhos com a participação de estudantes universitários de diversos pontos do Brasil e da América Latina.

Visitamos a exposição num dia de chuva, penetramos devagarinho naquela catedral de arte, onde a nave central era circundada por diversos nichos, com manifestações artísticas das mais variadas tendências: fotografias, desenhos, pinturas, esculturas, cerâmicas, instalações e performances.

A arte contemporânea permite a apreciação de uma multiplicidade de tendências, linguagens e expressões artísticas. Não existe um conceito político ou religioso a ser defendido, apenas o direito de criar com liberdade e colocar para o público alguma experiência escondida nos subterrâneos da memória.

Procuramos nos aproximar dos artistas residentes, que vieram do Brasil e da Argentina, e ali estavam reunidos. Fomos colhendo depoimentos sobre os seus trabalhos.

Bruno Oliveira, que veio de Curitiba, nos dizia: “Trabalho com esculturas moles, de tecido, a partir das quais proponho uma reflexão sobre o espaço e o exercício de expor. O trabalho é norteado pelo pensamento sobre a relação entre a obra, o espaço e o público”.

Paul Setúbal, que estuda na Universidade de Goiânia, fez o seguinte depoimento: “É uma série de trabalhos que evoca questões políticas e sociais da vida contemporânea através da história do Ciclo do Ouro em Minas Gerias. Criei uma série de “ouros falsos” e apliquei um golpe com marreta nas peças, simbolizando toda a violência daquele período e de hoje”.

Victoria Ruiz Diaz, pertencente à Universidad Del Litoral, na Argentina, construiu um livro de artista da série “De otros mundos” a partir de desenhos de lâminas científicas e de mundos inventados. “Animais e plantas da fauna e flora do Brasil se transformam em seres híbridos para criar um outro mundo que é plasmado num livro de pequeno formato”.

Leonardo Gauna, estudante da Universidad de La Plata, criou o projeto “Ventanas”, que são desenhos sobre os vidros das janelas. “O projeto busca ressignificar o espaço cotidiano, urbano e arquitetônico, com as ilustrações”.

Ana Clara D’Amico, também da Universidad de La Plata, inventou o projeto “Sabrosa Diversidad”, que consta de uma instalação feita com moldes de pequenas esculturas criadas a partir das impressões bucais das línguas das pessoas de Belo Horizonte e da Argentina. “O trabalho tem a intenção de refletir sobre a identidade sexual e a anomalia que se apresenta como resultado de uma construção social. Ele se refere também à comunicação e à dificuldade de expressão, gerando uma mescla de culturas, sexos, idiomas, desejos e gêneros, numa eterna construção”.

Naquele espaço de criação que se transformou o Espaço 104, durante a Bienal Universitária, os estudantes criaram suas obras, experimentaram o entorno, trocaram experiências, colheram impressões e dialogaram com os colegas, os curadores e o público visitante. Foi uma oportunidade de trabalharem a criação e a exposição da obra durante o evento. A Bienal Universitária, por seu caráter inovador na formação dos estudantes, tornou-se um marco na extensão universitária brasileira.

30 de dezembro de 2012